BIBLIOTHECA
J. E. CRUZ COUTINHO

N.º 12

CESAR DE LACERDA

# OS VISCONDES D'ALGIRÃO

COMEDIA ORIGINAL EM 3 ACTOS

E

UM PROLOGO, DIVIDIDO EM 2 QUADROS

EDITORA
LIVRARIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA
15, Rua do Almada, 17
PORTO

CESAR DE LACERDA

# OS VISCONDES D'ALGIRÃO

COMEDIA ORIGINAL EM 3 ACTOS

E

UM PROLOGO, DIVIDIDO EM 2 QUADROS

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ
NO THEATRO DE D. MARIA II EM 29 DE MAIO
DE 1875

EDITORA

LIVRARIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

DE

JOÃO E. DA CRUZ COUTINHO
15, RUA DO ALMADA, 17
PORTO

A. A. DA CRUZ COUTINHO
75, RUA DE S. JOSÉ, 75
RIO DE JANEIRO

1875

PORTO

TYPOGRAPHIA DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA

62, Rua da Cancella Velha, 62

1875

# PERSONAGENS DO PROLOGO

---

| | |
|---|---|
| Visconde d'Algirão, commandante de um esquadrão de voluntarios realistas..... | *Maggioli.* |
| D. Alvaro, seu irmão, capitão d'estado-maior do exercito liberal.............. | *C. de Lacerda.* |
| Angelica, sua filha..................... | *A. Vieira.* |
| Joaquina, governante do visconde........ | *Conceição.* |
| Rosa, sua filha......................... | *C. Falco.* |
| D. Bonifacia, morgada dos Freixos...... | *E. Candida.* |
| Padre João dos Anjos, parocho da aldeia. | *Theodorico.* |
| Barão de Jatahysá, rico brazileiro adoptivo, capitão do exercito liberal....... | *C. de Lima.* |
| Christovam, soldado de cavallaria........ | *A. Pedro.* |
| Manoel dos Moinhos, rendeiro do visconde................................. | *Almeida.* |
| José da Azenha, idem.................. | *Subtil.* |
| Francisco Chamusca, idem.............. | *Rocha.* |
| Antonio Cabrita, idem................. | *Sousa.* |
| João das Malhas, barbeiro da aldeia..... | *Dias.* |
| Um cabo d'esquadra.................... | *Sousa.* |
| Uma camponeza........................ | *NN.* |

Rendeiros, criados de lavoura, camponezes de ambos os sexos, e soldados de cavallaria

---

A ACÇÃO PASSA-SE NO ANNO DE 1834, EM UMA ALDEIA PERTO DO PORTO, NO SOLAR DOS VISCONDES D'ALGIRÃO

# PERSONAGENS DOS OUTROS ACTOS

| | |
|---|---|
| D. Alvaro, visconde d'Algirão, general reformado | *C. de Lacerda.* |
| D. José, seu filho, jurisconsulto e deputado | *Alvaro.* |
| Angelica, sua irmã | *A. Vieira.* |
| Baroneza de Jatahysá, viuva e rica proprietaria | *C. Falco.* |
| D. Bonifacia, morgada dos Freixos | *E. Candida.* |
| Guilherme de Sá, concertista | *Brazão.* |
| Padre João dos Anjos, abbade em Algirão | *Theodorico.* |
| Miguel Fernandes, procurador encartado. | *Gil.* |
| D. Luiz de Monforte, morgado de Quintalanos | *Mello.* |
| Commendador Gonçalves, negociante | *Moniz.* |
| Castro, jornalista | *Costa.* |
| Christovam, veterano, camarada do visconde | *A. Pedro.* |
| Richardson, inglez, criado de Guilherme. | *Chaves.* |
| Francisco, escudeiro do visconde | *J. Maria.* |
| Emilia, criada do hotel | *Palmyra.* |

Criados de farda e de casaca

---

A ACÇÃO PASSA-SE NO ANNO DE 1855: 1.º ACTO N'UMA CASA DE CAMPO DO VISCONDE

2.º N'UM HOTEL DE LISBOA; 3.º EM CASA DO VISCONDE

# PROLOGO

## QUADRO I

(Pateo ajardinado, entrada do palacio dos viscondes d'Algirão. Á esquerda o edificio, com escada, e grande porta praticavel; á direita casas baixas, que indicam ser as cavallariças, adegas, e arrecadações, quartos de criados, etc. — Ao fundo grade de ferro, com portão; para além a estrada, e a aldêa, com as suas casas rusticas: a igreja ao longe, matagaes, etc. — Pela scena algumas arvores, canteiros com flôres, bancos de pedra, e uma mesa com cadeiras em volta. — O estado inculto das plantas, os visiveis signaes de balas e estilhaços de granada, que se vêem pelas paredes, e os vidros quasi todos despedaçados, denotam que por aquelles sitios se feriu uma importante batalha. — É dia).

### SCENA I

Manoel dos Moinhos, e padre João dos Anjos (ambos pelo F. e como continuando a conversação).

**Manoel** — Isto faz chorar a *ialma,* snr. padre João dos Anjos! *Beja bossa reberendissima* em que estado aquelles malditos *prantaram* o palacio do snr. *bisconde!*

PADRE JOÃO (*observando tudo*) — Desgraçadas guerras estas, filho! e que não ha vêr-lhe o fim. Deixai-me descançar aqui, que venho encalmado, e quasi derretido. (*Sentando-se*) Diga-me cá, snr. Manoel dos Moinhos: os outros rendeiros estarão dispostos, como vossemecê, a despejar mais uma vez a *iarca* e a bolsa, para servir o snr. visconde?

MANOEL — Todos promptos!

PADRE JOÃO — Ai, filhos, que bem fazeis, na verdade; mas receio que isso vos seja de futuro muito mal pago. Sabeis que o exercito liberal vai de *foz em fóra* por essas terras?

MANOEL — Assim *oubi* dizer, mas *nanja* eu cá que o creia! Só se os excommungados tem parte com o diabo!... (*Benzendo-se*) Credo! em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo! Corja de pedreiros *libres!*

PADRE JOÃO — Herejes são elles, isso são, filho; porém... valentes, por nossa desgraça! Mas... chamai-me lá a governante, que tenho medo que nos appareça por ahi o snr. visconde, e nada esteja preparado.

MANOEL — Ai, quem me dera já *bêl-o!* Ha quatro mezes!... Aquillo é que é um militar *féro* e leal! (*Chamando á porta da E.*) *Sôra* Joaquina!... ó *sôra* Joaquina?

PADRE JOÃO (*tomando a sua pitada*) — Que eu ainda me parece impossivel estas novas todas! Pois um exercito de oitenta mil homens...

MANOEL — Olhe *bossa reberendissima* que eu tambem me custa a engulir a patranha. Aquillo são cousas que dizem lá pelo Porto, para descorçoar o *pôbo,* por *n'o berem* leal ao partido de el-rei.

## SCENA II

Os mesmos, e Joaquina (pela E.)

JOAQUINA — O que o traz por cá, snr. Manoel... (*Vendo o padre*) Ai, o meu rico snr. padre João dos Anjos e Almas, que se *alembrou* dos *probes* d'Algirão! (*Correndo para elle e beijando-lhe a mão*) Como está *bossa reberendissima?*

PADRE JOÃO — Melhor do que a Deus mereço, filha. Ora ouvide cá, que tenho grandes nòvidades para vos dar.

JOAQUINA — Da guerra, não, snr. padre João dos Anjos? Credo! *Acabaria-se?*

PADRE JOÃO — Eu sei cá, filha! Isto é para desconto dos nossos peccados, que mui grandes são elles por estes tempos que vão correndo. Ainda est'outro dia se passaram por aqui scenas!... Que batalha aquella! e que de gente ficou p'r'ahi estendida por esses montes e valles!...

JOAQUINA — Já reparou no estado em que nos pozeram a casa?

PADRE JOÃO — Nem sei até como não n'a saquearam, os mofinos! Foram as minhas orações, filha! Estive oito dias e oito noites mettido na igreja, e de lá só sahi quando a divisão dos nossos foi em perseguição dos *malhados*.

MANOEL — *Lebaram* uma boa *tareia,* os malditos!

PADRE JOÃO — *Ágora* levaram! Lá se metteram em Vianna do Castello, e fossem tiral-os para fóra, ou entrar n'aquella cerração de peças d'arti-

*

lheria! Mas... ouça lá, santinha. Vossê sabe que o snr. visconde sahiu d'aqui ha quatro mezes, commandando o regimento de cavallaria, que quasi armou e equipou á sua custa?

JOAQUINA (*com um suspiro*) — Sei, sei, por tal signal que todas as pratas e alfaias tão ricas, que por cá *habia*, tudo lá foi derretido em dinheiro para sustentar a tropa. T'arrenego! que *inté* se fica um *home* d'aquelles arrastado com as excommungadas guerras! Um fidalgo tão rico!...

PADRE JOÃO (*levantando-se*) — E nada chega; nem o dobro chegaria, que aquillô é uma despeza louca. Pois saberá, snr.ª Joaquina, que o snr. visconde escreveu-me e...

JOAQUINA — *Escrebeu?!* E que disse, snr. padre João? que disse o meu santinho amo?

PADRE JOÃO — Disse-me que, pelos modos, houve lá para as bandas da Extremadura uma grande batalha, e os resultados ainda não eram bem sabidos; mas que, em todo o caso, fez suspender a guerra por uns oito dias: que os inglezes querem metter-se na questão...

MANOEL — Pela banda d'el-rei, já se *bê?*...

PADRE JOÃO — Não sei bem; suspeito que não.

JOAQUINA — Ai, os *farricôcos!* Pois querem metter-se de *gôrra* com os *oitros?*

PADRE JOÃO — Ainda não sei, já disse; mas depressa saberemos tudo pelo snr. visconde.

JOAQUINA — O quê?! elle *bem* ahi?!...

PADRE JOÃO — Deve chegar hoje.

JOAQUINA — A recolher-se de *bez?*

PADRE JOÃO — *Agora!* Aquelle é dos taes de *antes quebrar, que torcer!* Quer mais dinheiro; e, aproveitando-se das treguas para o vir buscar, aqui chegará hoje. Disse-me na carta que os prevenisse, para terem tudo arranjado. Traz comsigo um

esquadrão, e recommenda muito que tenhaes prompto bom agasalho, e comestiveis.

JOAQUINA — E o meu *home* tambem *birá*, snr. padre João?

PADRE JOÃO — Não sei; não m'o diz na carta. Recommenda-me que, se o irmão aqui chegar disfarçado...

JOAQUINA E MANOEL (*espantados*) — O snr. D. *Albaro?!...*

PADRE JOÃO (*olhando em derredor*) — Sciu! calai-vos! nada de espantos, que podem ouvir-nos!

JOAQUINA — Pois aquelle monstro será capaz de se *astreber* a *bir* aqui?!

MANOEL — É capaz de tudo, o alma do diabo!

PADRE JOÃO — O que é isto, Manoel?! fallar assim do irmão de seu amo?...

MANOEL (*submissamente*) — Perdôe, snr. padre João; mas um *malbado* que foge de casa para se ir ajuntar aos inimigos do irmão... inimigos de todos!... é... é...

JOAQUINA — Aquillo não é fidalgo, nem nada! é uma *ialma* perdida! um *pedreiro libre!*

PADRE JOÃO — Seja o que fôr; deixai lá esses medos, e ouvide. — O snr. visconde quer que o recebaes, e o agasalheis, como a elle proprio, mas que se não saiba no *lugar* que elle anda por aqui.

MANOEL — Podéra! se sabem, dão cabo d'elle!

JOAQUINA — *Inté* faz *incribel* que, filhos do mesmo pai, e da mesma mãi, sejam de partidos um contra o *oitro!* Credo! dous irmãos!...

PADRE JOÃO — E é o que se vê por todo esse paiz, filhos!

## SCENA III

Os mesmos, Rósinha, e Angelica

ROSINHA (*com um cabaz na mão*) — A benção, mãi... (*Depois de beijar a mão a Joaquina*) Olhem o snr. padre João, que já sahiu do escondrijo!... (*Depois de lhe beijar tambem a mão*) Ainda bem!

PADRE JOÃO (*para Angelica*) — Como está a nossa fidalguinha?

ANGELICA — Boa, muito obrigada, snr. padre João.

JOAQUINA — De onde *bindes*, meninas? Tambem me *bai* dando que scismar estes passeios *todos-los* dias!... Para que *lebaste* a cesta, *Rósinha?*

ROSINHA (*perturbada*) — Era para... para apanhar amoras da *silba*, mãi; mas.... piquei-me tanto que... que não quiz mais.

JOAQUINA — Ora pois; *ficai-bos* aqui com o snr. padre João dos Anjos, que eu *bou* tratar de arranjar tudo, para quando os senhores chegarem.

ROSINHA — Elles *boltam?!*

ANGELICA — O papá?

JOAQUINA — *Todo-los-dous*, que assim diz o snr. padre cura. *Benha* d'ahi, snr. Manoel dos Moinhos: *bamos* a fazer camas, e aceiar os quartos.

MANOEL — Prompto, *sôra* Joaquina.

JOAQUINA — Se quer entrar, e *comer* o *caldo*, snr. padre João...

PADRE JOÃO — Não, não; deixai-me com as pequenas, que tenho que lhes dizer.

JOAQUINA — Ai, que confianças o snr. padre

cura lhe dá! Olhe que ellas, principalmente a minha, em se lhe dando o pé, tomam a mão. Lá a fidalguinha *bá;* mas esta... (*Rósinha*) é-me letrada de mais para a sua *condição*. Cuidado com ellas, snr. padre João dos Anjos. *Inté* logo. Se *bossa reberendissima* quizer alguma cousa, é entrar.

PADRE JOÃO — Sim, sim; ide-vos com Deus. (*Joaquina e Manoel entram para a E.*)

## SCENA IV

Padre João, Rósinha, e Angelica

PADRE JOÃO (*levantando-se, passando a outro banco mais afastado da entrada*) — Ora vinde cá, minhas meninas: (*fazendo sentar Rósinha ao seu lado e tomando Angelica para cima dos joelhos*) sabeis que sou muito vosso amigo, e que só quero e vos aconselho boas acções, que vos dêem felicidade e limpeza na *ialma*. Não é assim?

ANGELICA — Sim, senhor, snr. padre João.

PADRE JOÃO — E tu que dizes, Rósinha?

ROSINHA — Digo que sim, que é *berdade* o que *bossa mercê* está dizendo.

PADRE JOÃO — Podéra não ser! — Por consequencia eu tenho todo o direito para vos perguntar, e vós obrigação de responder-me; *hein?*

ROSINHA — Quem diz que não?

PADRE JOÃO — Ora pois, *está direito*. Dizei cá, mocinhas, que tendes vós que fazer todas as manhãs, e quasi todas as tardes, que me ides assim a modos de escondidas lá abaixo ao valle da

azenha, e me entraes por alli dentro no moinho arruinado, que está á beira do rio?

ROSINHA (*perturbada*) — *Bamos* passear...

ANGELICA (*o mesmo*) — É verdade... passear...

PADRE JOÃO — E atrapalhaes-vos para responder isso, meninas!?... Ai, ai, que nós temos mentira ao padre!

ROSINHA — *Agora* temos! Pois que *haberamos* nós lá ir fazer?

ANGELICA (*fugindo dos joelhos do padre João, e passando por diante de Rósinha, baixo para ella*) — Não te disse eu que nos viu?

ROSINHA (*baixo*) — Não diga nada! cale a bocca!... Deixe-o commigo.

PADRE JOÃO (*levantando-se*) — *Bôa!* Temos segredos, *hein?* Ora pois! aqui ha cousa, e eu quero já e já saber o que é!... (*Vendo casualmente o cesto que Rósinha deixou sobre a poltrona*). Credo! O que é isto, *Rósinha?!* O *paneirito* sujo de sangue?!

ROSINHA (*comsigo*) — Ih! Jesus!

PADRE JOÃO (*indo a ella com o cesto*) — O que é isto, rapariga?!

ROSINHA (*cada vez mais perturbada*) — É... é... fui eu, que me piquei nas *silbas*, quando ia apanhar amoras.

PADRE JOÃO (*pegando-lhe nas mãos*) — E estás tão atrapalhada para dizer isso!... (*Observando-lhe as mãos*) E que é d'ellas as feridas, ó *Rósinha?* Que quer dizer isto, rapariga da fortuna?! Lá da janella da sacristia vejo-as passar todos os dias, com o cesto cheio; agora voltaes-me com elle vazio, e manchado de sangue! Que é isto, meninas dos meus peccados? Assustaes-me!...

ROSINHA (*fugindo d'elle*). — Ó snr. padre João!

pelas alminhas não me *prégunte* mais nada!... não posso dizer! se a mãi soubesse...

PADRE JOÃO — Mas o que é, *demonico?* Olhai que estou em brasa!

ANGELICA (*altivamente*) — E que lhe importa o snr. padre cura com os nossos segredos?

PADRE JOÃO — *Bôa!* Olhem que modos aquelles! Tal pai, tal filha! — Que me importa? — muito! tudo! — Sou amigo de seu pai, menina Angelica, e, não estando elle, governo eu! Já e já para aqui o que *vades* fazer todos os dias á beira do rio, o que levaes no *paneiro* e o que quer dizer este sangue! Senão... senão vou excommungar-vos, que até o *cão tinhoso* vos levará em corpo e alma para as caldeiras de *Pero Botelho!*

ROSINHA (*de joelhos*) — Perdão, snr. padre cura! perdão!

ANGELICA — Não digas, *Rósinha!* O papá diz que é mentira, que não ha diabo!

PADRE JOÃO — Credo! t'arrenego, rapariga!... Levanta-te, *Rósinha!* Tu não és fidalga; comtigo posso eu!

ROSINHA (*levantando-se*) — Promette guardar segredo?

PADRE JOÃO — Toma! já *vobecê* põe condições ao seu padre cura, *sôra Rósinha* de uma figa! a mim!... *Bôa!* Ora pois, falle já p'r'ahi; e cuidado com a bocca, que o *demo* está sempre de ouvido attento, e orelha arrebitada para as raparigas mentirosas!

ROSINHA — Eu digo... (*para Angelica que lhe faz acenos*) Deixe lá, menina Angelica; elles já estão quasi bons...

PADRE JOÃO. — Elles?!... elles quem, rapariga?

ROSINHA (*a meia voz, com muito mysterio*) — Os *malhados*...

PADRE JOÃO (*dando um pulo*) — *Hein?!*... quem?...

ROSINHA — Os... (*n'outro tom*) *É berdade, ó* snr. padre cura; *bossa mercê* é *malhado* ou *caipira?*

PADRE JOÃO — Que é isto, menina?!... que pergunta é essa?!

ANGELICA (*sinceramente*) — *É caipira,* não é, snr. padre João?

PADRE JOÃO (*cada vez mais espantado*) — Ai, Senhor Deus, a que tempos chegámos! O que é que me está chamando, fidalguinha de não sei que diga?!... *Caipira!*...

ANGELICA — O papá diz que assim é que se chamam os que não são do partido d'elle.

ROSINHA — E é *berdade.* Eu cá sou *malhada,* olé!

PADRE JOÃO (*benzendo-se*) — Santo nome de Deus, que está tudo perdido! Ó meninas, sois mentecaptas!?... Ireis fallar todos os dias com algum *mafarrico,* que assim vos ensandeceria?...

ROSINHA — *Ágora bamos!* (*Muito em segredo*) *Bamos* dar de comer a quem tem fome...

ANGELICA (*do outro lado*) — E dar de beber a quem tem sêde!

ROSINHA — E *bisitar* os enfermos...

PADRE JOÃO (*fugindo d'ellas*) — Dentro em pouco ides-me tambem vestir os nús, raparigas da *breca,* que a modos que me estaes zombando com o vosso cura! Já, já e já p'r'aqui tudo em *pratos limpos,* que se não, vos vou denunciar a vossa mãi, *Rósinha,* e á vossa governante, menina Angelica! Tudo aqui sem mais preambulos!

ANGELICA (*para Rósinha*) — Conto?

ROSINHA — Pois então! O snr. padre cura é uma boa *ialma*, e não irá malsinar os *probes* desgraçadinhos.

PADRE JOÃO — Os pobres?... Nós temos grande historia! Vamos! diga lá, menina Angelica.

ANGELICA (*depois de curto silencio*) — Lembra-se do que aconteceu ha dias?

PADRE JOÃO — A batalha?

ANGELICA — Justamente; a batalha. Era gente por ahi morta... feridos...

PADRE JOÃO — Felizmente dos nossos poucos, graças a Deus! Os liberaes é que...

ANGELICA — Ora!... Eu bem vi que tanto d'uns como d'outros, ficaram muitos por ahi.

ROSINHA — E eu que o diga, que, depois que acabaram de guerrear, e que se foram atraz uns dos *oitros* em desordem lá para os lados de *Bianna*, sahi da adega aonde *estibemos* escondidas, e fui correr esses campos... Credo! Parece que ainda os estou *bendo!*... Mais de setenta defuntos!

ANGELICA — No dia seguinte sahimos a passear, eu e a *Rósinha;* e quando chegámos á beira do rio, ao pé do moinho velho, pareceu-nos ouvir gemidos lá dentro, e vozes a fallar. Aproximamo-nos, espreitámos...

ROSINHA — E que *haberamos* de *ber*...

PADRE JOÃO — Deixa lá fallar a fidalga, *Rósinha*. Que viu, menina?

ANGELICA — Dous homens; um branco e um preto.

PADRE JOÃO — Um preto?!

ANGELICA — Pois então; um preto, e...

ROSINHA — Negro, negro, como um tição!

PADRE JOÃO (*depois de gesto de impôr-lhe silencio*) — E depois?

ANGELICA — Iamos para fugir, mas o branco chamou-nos, dizendo que lhe acudissemos pelo amor de Deus...

ROSINHA — E da *Birgem* Maria; é *berdade*.

ANGELICA — Entrámos. O preto... já se sabe — era um preto como todos são: — o branco, um homem idoso e vestido de militar. Pediu-nos que não fossemos contar a ninguem que elles estavam alli: mostrou-nos um braço todo ferido; e, dizendo que ha dous dias não comia, pediu-nos um bocadinho de pão. Respondemos que viesse comnosco, que lhe dariamos comer e agasalho; disse que não; que se o vissem por ahi, com aquelle uniforme, o povo dava cabo d'elle.

PADRE JOÃO — Ah! era um dos do exercito liberal?

ANGELICA (*não entendendo*) — Do exercito...? ah! sim, era *malhado*. A *Rósinha* prometteu que lhe levaria de comer n'essa tarde, e levámos-lh'o ambas; e vinho, e uns trapos de linho, com que lhe limpámos e curámos o braço, ajudadas pelo preto...

PADRE JOÃO — Que tambem estava ferido?

ROSINHA — *Ágora! estaba* são como um pero. Pelos modos não quiz largar o amo e...

PADRE JOÃO — Bem, bem; e depois?

ANGELICA — Depois... agradeceu-nos muito, e disse que em passando mais dous ou tres dias se poria a caminho; que por ora não; tinha medo de encontrar-se com alguns do exercito realista, que ia em perseguição dos seus; e que nas nossas mãos entregava a sua vida. A *Rósinha* tem-lhe levado todos os dias comestiveis, vinho, fogo e roupa. Ora aqui está o grande mysterio.

ROSINHA — Agora *bamos* a saber, snr. padre cura: fizemos bem, ou não?

PADRE JOÃO — Lá pelo lado da caridade christã... vá; fizeram muito bem: mas... um inimigo da nossa terra...

ROSINHA — Inimigo?... *Ágora!* Pois elle é tão portuguez como os *oitros;* isto é, diz elle que é brazileiro, mas portuguez nado e criado cá na *probincia.*

PADRE JOÃO — Mas... saibamos: o homem faz tenção de continuar ainda por muito tempo a morar no moinho? Apesar de arruinado, é do *passal,* e eu não tardo a ir pedir-lhe a renda da casa.

ROSINHA — Creio que quer ir hoje embora: pediu-me que lhe emprestasse um fato para *bestir,* e...

PADRE JOÃO — E levaste-lh'o?

ROSINHA — *Lebei-lhe* um fato *bélho* do pai: elle deu-me a farda, a espada e a banda, e diz que cedo *birá* trocar e recompensar-nos pelo que lhe fizemos.

ANGELICA — Isso é lá comtigo: guarde as suas recompensas, que a minha já cá está no coração com a alegria do bem que fiz. Olhe, snr. padre João dos Anjos, parece que até a Nossa Senhora, que lá está na igreja, no altar-mór, se riu para nós duas, quando hontem lá fomos rezar.

PADRE JOÃO (*commovido*) — E riria, riria, meninas; que a final praticaram uma boa acção. Deixar lá os partidos; realista ou liberal, era um homem... um irmão em Christo. Vinde cá, moças, que vos quero abençoar.

ROSINHA (*depois de lhe beijar a mão quasi de joelhos, bem como Angelica*) — Eu logo *bi* que o snr. padre cura tambem tinha o coração no seu lugar.

PADRE JOÃO — Podéra não ter! Agora é mister ir já e já dizer ao homem, que *se safe* quanto

antes: vossos paes não tardam, e... elles não, mas a tropa realista, se lhe dá com o escondrijo...

ROSINHA (*que viu o novo personagem*) — Olhe para elle!...

## SCENA V

### Os mesmos, e o barão de Jatahysá

BARÃO (*que entrou um momento antes*) — Entrego-me nas suas mãos, snr. padre cura. Quem educa e aconselha anjos, como esses dous que ahi tem ao lado, não ha-de querer a morte d'um homem de bem. (*Este personagem falla com pronunciada accentuação brazileira: cabello muito grisalho, barba comprida, e o braço ao peito: vem vestido á camponeza, mas calça de uniforme. Nos seus modos revela uma profunda tristeza*).

PADRE JOÃO — Não, de certo; seja v. s.ª muito bem vindo, e para o que lhe poder prestar...

BARÃO — Desejava fallar-lhe um instante a sós... Creio que vossa reverendissima pertence a esta casa?...

PADRE JOÃO — Não, senhor... verdadeiramente. Sou parocho do *lugar*, e aqui venho muito, porque o snr. visconde d'Algirão honra-me com a sua amizade.

BARÃO — É este o palacio do visconde d'Algirão, commandante de um esquadrão de voluntarios realistas?

PADRE JOÃO — Sim, senhor: já vê que não está bem aqui. Segundo me disseram estas moças, v. s.ª é...

Barão — Official do exercito libertador...

Padre João (*carregando o sobr'olho*) — *Libertador?* Isso agora...

Barão (*sorrindo-se*) — Perdão... Quero dizer, pertenço ao exercito liberal.

Padre João — Pois... aconselho-o a que se vá quanto antes. Se quer ajuntar-se aos seus, posso indicar-lhe meio seguro.

Barão — Muito obrigado lhe ficaria, snr. padre cura.

Padre João — Tem dinheiro?

Barão — Sim, senhor; uma quantia importante.

Padre João — Pouco é preciso; se não tivesse... já agora, nós lh'o forneceriamos. Alugue um barco; passe alli para defronte, e vá por terra, que facilmente, creio eu, atravessará para o Porto.

Barão — Cada vez mais grato. E acharei barqueiros que se prestem a... que não desconfiem...

Rosinha — Ah! eu *bou* arranjar tudo, snr. official. O *Zé* da *Azenha* em lhe eu fallando, obedece logo. Acompanha, fidalguinha?

Angelica — Acompanho. Se elle não quizer, mando eu; e, — por bem, ou por mal — ha-de ir. Até já, snr... Ah! é verdade, ainda nos não disse o seu nome.

Barão (*tirando uma carteira e d'ella um cartão de visita*) — Não me retirava sem lh'o dizer, minha senhora.

Angelica (*lendo*) — «Barão de Jatabysá.»

Padre João (*comsigo*) — Toma! Um barão... *malhado!*

Rosinha — Então... *bossa senhoria* é barão, e anda cá por estas guerras do *pôbo?!*

Padre João — Cala a bocca, *Rósinha!* Ide arranjar quanto antes o barco, que o tempo passa depressa, e o snr. barão não está seguro aqui.

ANGELICA — Vamos, vamos, *Rósinha.* Até logo.

BARÃO — O meu criado está ahi fóra, rogar-lhes-hei o favor de o prevenirem aonde deve esperar-me.

ROSINHA — Sim, meu senhor. (*Sahem quasi correndo*).

## SCENA VI

### Padre João, e o Barão

BARÃO (*seguindo-as com o olhar*) — Anjos de caridade; que se o não fossem!... Peço licença para o interrogar, snr. padre cura, rogando-lhe desde já o favor de me fallar com a maior franqueza.

PADRE JOÃO — E eu peço desculpa de não convidar v. exc.ª para descançar alli dentro; mas a governante é curiosa... (*sorrindo*) é mulher; muitissimo affecta ao partido do snr. visconde...

BARÃO — Estamos aqui muito bem. (*Sentando-se e convidando-o a fazer o mesmo*) Em primeiro lugar, terá a bondade de me dizer quem são os donos d'esta propriedade? Aquellas meninas de alguma cousa me informaram; mas, isto de raparigas... pouco se entendem em assumptos politicos. O visconde d'Algirão é realista, não é assim?

PADRE JOÃO — Como quasi todos por aqui. O snr. visconde, fidalgo de nobilissima estirpe, quando começou esta desastrosa guerra, pôz-se á frente d'um corpo de cavallaria, cujo cammandante é, e lá se foi por essa provincia a combater os constitucionaes. Agora, que temos treguas, segundo dizem, deve chegar aqui para arrecadar mais dinheiro, e

creio que conferenciar com o irmão, que é... (parece incrivel!) é *malhá*... (*emendando*) é liberal, e lá anda nas fileiras do snr. D. Pedro.

Barão — Ah! é constitucional?

Padre João — Eu sei lá o que elle é! Um *maluco*, um *doidivanas*, que nunca ha-de tomar juizo, nem caminho! Insigne jogador de pau, pimpão de feiras, etc., etc. Um homem de quarenta *iannos*, viuvo e com filhos, metter-se em partidos contra o irmão!...

Barão — Aquella menina... Angelica, se me não engano, é filha d'esse?

Padre João — Sim, senhor: o visconde ficou toda a vida solteiro, sendo o morgado, o legitimo senhor da casa e titulo.

Barão — Bem; sei o preciso para o que desejo fazer. Permitta-me agora que em poucas palavras lhe diga quem sou, e lhe peça depois um conselho, a que me dá direito... a gratidão. Fui para o Brazil em 1807, fazendo parte da comitiva d'el-rei, o snr. D. João VI, como criado da casa. O amor, quasi a adoração! — que votei ao duque de Bragança, impelliu-me a acompanhal-o, e a voltar á patria. Por aqui ando de armas na mão, prompto a dar a minha vida pela liberdade.

Padre João (*tossindo como duvidoso*) — Ahm!... ahm!... são cousas!...

Barão (*sorrindo*) — Desculpe: vossa reverendissima pertence provavelmente ao partido realista; é natural, e nem por isso deixarei de lhe abrir a minha alma...

Padre João (*sorrindo*) — Não, que lá para isso não sou de partidos; sou padre.

Barão — Muito bem. Chegado a Portugal procurei os meus parentes!... já não existiam! Por consequencia, só, perfeitamente só no mundo, sen-

ti a tristeza invadir-me a alma, a nostalgia da familia como doença incuravel! a avidez de affectos... de que me julgava capaz e merecedor!... Presinto que não viverei muito tempo... (*Depois de pausa*) Desejo casar-me.

PADRE JOÃO — Boa occasião escolheu para isso!

BARÃO — Ouça. Aquellas meninas salvaram-me a vida, inquestionavelmente; se denunciassem a minha presença aqui...! Uma é rica, outra pobre...

PADRE JOÃO (*espantado*) — O que?... pois pensaria...

BARÃO — Não pensei, *assentei* premiar a virtude por meio de um futuro brilhantissimo. Resolvi pagar a divida contrahida com essa rapariga de excellente coração, e de grande alma, que chorava, quando amargamente lhe dizia que os meus todos tinham morrido. (*N'outro tom*) Desculpe, senhor; sabe se ella tem alguma inclinação... alguns amores honestos e...

PADRE JOÃO — *Agora!* Não falta por ahi quem a requeste, que perfeita moça é ella, isso é; e muito boa no coração e na *ialma;* mas ainda não lhe chegou a vez dos *namoricos*.

BARÃO — É intelligente, segundo me pareceu?

PADRE JOÃO — Fina como um coral! Aquillo bebe azeite!... isto é, *nanja* lá para o mal: temente a Deus, e uma futura boa dona de casa; cuidadosa do seu *bragal* e dos seus animaes, tal qual a mãi, governante do snr. visconde! É uma joia, a moça!

BARÃO — Tem pai?

PADRE JOÃO — Sim, senhor: anda tambem lá pela guerra com o patrão.

BARÃO (*levantando-se*) — Bem: se eu não morrer, logo que esta lucta acabe, venho pedil-a em

casamento. Tres ou quatro annos de educação em Lisboa, e será minha mulher. Prepare-a para isto, se lhe quer bem, como creio.

PADRE JOÃO (*levantando-se*) — Se quero!... Ora a minha *Rósinha!* Mas isto parece assim historia de novellas!... Nunca se viu uma cousa assim!...

BARÃO — Talvez; porque nunca se veria tambem um coração como este, que á força de golpeado pelo destino, perdeu todos os sentimentos de felicidade, e acabou por encher-se-lhe o vacuo com o culto mais nobre da alma, a gratidão! (*Ouve-se um toque de clarins de cavallaria ao longe*).

PADRE JOÃO (*assustado*) — Temos dança?!... Querem vêr que é o visconde que chega! Fuja! fuja quanto antes, snr. barão! (*Indo ao F.*) Ahi vem a rapariga!...

## SCENA VII

### Os mesmos, e Rosinha

ROSINHA (*correndo muito cançada*) — Fuja, snr. barão! *Bel-os* lá *bem*... os realistas! Conheci o meu snr. padrinho na frente da tropa de *caballaria!*...

BARÃO — Mas por onde hei-de sahir, que não me vejam!...

ROSINHA (*indicando-lhe a casa da D.*) — Por aqui: ha do outro lado uma porta, que dá para o jardim; a grade está aberta... Na frente uma azinhaga, que *bai* ter ao rio...

(*O som dos clarins ouve-se mais proximo*).

BARÃO — E o barco?

ROSINHA — Está tudo arranjado!... *Prante* este laço no chapéo!... (*Tira-lh'o das mãos, e prega-lhe um laço azul e encarnado*).

BARÃO (*com repugnancia*) — O distinctivo dos realistas!...

ROSINHA — Em chegando ao rio, *bote-o* fóra, afogue-o, mas *bá-se! bá* embora, pelas alminhas!

BARÃO (*estendendo-lhe a mão*) — Se eu não morrer... conte com um futuro de felicidade!... (*Para o padre apertando-lhe tambem a mão*) Ajude-me por cá no empenho! (*Sahe pelo lado indicado*).

ROSINHA — Que o ajude?... a quê, snr. padre cura?

PADRE JOÃO — Ai, *Rósinha, Rósinha!*... nem tu sabes o que te acontecerá um dia!... (*Com bondosa malicia, e comprimentando-a toscamente respeitoso*) Snr.ª baroneza!...

ROSINHA — O que?!... (*dando uma gargalhada*) Ah!... ah!... *Agora*, padre cura!

JOAQUINA (*correndo da E. ao F.*) — *Bel-os* lá *bem!!*... *Biba* o snr. *bisconde* e *a male* os moços d'Algirão!...

VOZES (*fóra*) — *Biba!*

PADRE JOÃO E ROSINHA (*Vão tambem ao F. Os clarins fazem o toque de alto, e em seguida o de apear*).

JOAQUINA — *Biba* a tropa e *a male* o commandante!

VOZES — *Biba!*

## SCENA VIII

Padre João, Joaquina, Rosinha, o Visconde, Angelica, D. Bonifacia, Manoel dos Moinhos, João das Malhas, Antonio Cabrita, José da Azenha, Francisco Chamusca, e camponezes d'ambos os sexos (alguns trazem violas e rabecas).

TODOS (*depois dos outros personagens entrarem no pateo*) — *Biba* o snr. *bisconde* d'Algirão! *Biba!*

VISCONDE (*com o seu uniforme de voluntarios realistas*) — Obrigado, rapazes; e vivam tambem todos esses patricios, que nunca me desampararam, nem hão-de desamparar, espero.

JOAQUINA (*quasi de joelhos de beijando-lhe a mão*) — O meu rico senhor e amo, que está guapo e fero que nem um moço de *binte* annos!

ROSINHA (*do outro lado, tambem beijando-lhe a mão*) — A benção, snr. padrinho?

VISCONDE (*apertando-lhe ligeiramente as mãos*) — Deus te abençôe, *Rósinha;* estás cada vez mais parecida com a flôr do teu nome! E vossê, Joaquina, tambem n'uma excellente disposição. Ora pois! dê-me de comer e de beber a essa gente, e aos meus valentes cavallarias; ainda que se despeje tudo que houver nos celleiros e na adega! Ha por

cá muito que comer, não é assim, snr.ª governante?

JOAQUINA — Ai, ha, graças a Deus, meu senhor. O fumeiro está cheio, e a creação tem ido n'um augmento, que é mesmo uma *marabilha!*

VISCONDE — Olhem o nosso padre cura!... (*Toma-lhe a mão e descobrindo-se*) Como vai do seu rheumatico?

PADRE JOÃO — Quem falla agora d'isso, com tamanha alegria?!

ROSINHA (*que tem ido ao F., descendo ao visconde*) — Ó meu padrinho... perdôe *bossa mercê*... Não *bejo* o pai lá com os outros *caballarias?!...*

JOAQUINA — Credo!...

VISCONDE — Não se assustem; vive e tem saude. Ficou por lá, que está feito sargento quartel-mestre do regimento, e não podia ausentar-se; não havia quem o substituisse, nem melhor me arraçoasse a soldadesca.

JOAQUINA (*enthusiasmada*) — O meu *home* quartel-mestre! toma!...

VISCONDE — Ande, Joaquina, vá arranjar-me essa gente: olhe que são quarenta homens e com appetite! Veja como m'os trata.

JOAQUINA — Que nem filhos, snr. *bisconde!* fique descançado. (*Para a filha*) Anda, *cachopa! binde* ajudar-me. (*Sahe com Rósinha*).

## SCENA IX

Os mesmos, menos Joaquina e Rosinha

VISCONDE (*para os camponezes*) — Vossês, rapazes, ficai-me por ahi, que tambem quero que bebaes á saude dos meus. (*Os camponezes retiram-se mais para o fundo, em grupos conversando*).

ANGELICA (*a medo*) — Ó tio ha-de perdoar-me a pergunta, mas... Teria algumas noticias de meu pai?

VISCONDE (*quasi desabrido*) — Não, nem as procuro!

ANGELICA (*tristemente*) — Ah!... é que, apesar de inimigo, é meu pai... é seu irmão!

VISCONDE (*commovido*) — Tens razão; desculpa-me, Angelica!... (*Beijando-a na testa*) Teu pai deve hoje vir aqui. Aproveitei a suspensão de hostilidades, para conferenciar com elle sobre assumptos muito importantes. (*Para a morgada*) Novamente lhe agradeço, snr.ª morgada dos Freixos, o incommodo que se dignou ter...

MORGADA — *Ágora* incommodo! *Bossa* exc.ª não *habia* de passar á minha beira sem que eu lhe *àmostrasse* mais uma *bez* a minha dedicação e aos nossos! Montei a *caballo* e cá estou! (*Para um dos camponezes*) Ó rapaz! trazei-me cá esses *dous* saccos que lá estão nos alforges. (*O camponez sahe*).

VISCONDE — Pois já?

MORGADA — *Amale* que o padre-cura me disse que o snr. *bisconde binha* por cá a arrecadar mais dinheiro, fui-me á *iarca, bendi* o milho e o centeio todo e... *Bão-se os anneis fiquem n'os dedos!* (*Para o camponez que entra com os saccos do dinheiro*) *Bota* ahi n'essa banca, rapaz. (*O criado obedece e retira-se ao F.*)

PADRE JOÃO (*para o visconde*) — O Manoel dos Moinhos tambem arrecadou o que pôde, e está alli com suas vontades de ser o segundo a offertar a v. exc.ª...

VISCONDE (*para elle*) — Chega-te cá, homem! estás acanhado? Olha que te fico muito grato, e mais teu amigo... que sempre o fui, como sabes, creio eu.

MANOEL (*que se aproximou carregado com um sacco*) — Ai, snr. *bisconde!*... que a mim o que mais pena me dá é não ser dobrado!

VISCONDE (*estendendo-lhe a mão*) — Sei, sei que és um fiel vassallo, e uma excellente alma! Aperta esta mão, homem! deixa-me lá esses acanhamentos para as mulheres!

MANOEL — Ai, Pai do céo, que isto é que é um fidalgo de *bez!*

PADRE JOÃO (*para alguns camponezes que se teem aproximado*) — Vá, vá, rapazes! Tudo aqui sobre esta mesa e... viva o snr. visconde d'Algirão!

TODOS — *Biba!* (*Alguns collocam sobre a mesa saccos com dinheiro, uns maiores do que outros, etc.*)

VISCONDE (*sorrindo*) — Esperai lá, amigos, que isto não vai assim á tôa, como colheita de azeitona! — Sente-se, padre cura, faça favor.

PADRE JOÃO — Prompto, commandante! (*Faz-lhe grutescamente uma continencia e senta-se á mesa; o visconde e a morgada do outro lado. — Angelica conversa com algumas das camponezas ao F.*)

VISCONDE (*para o padre, tirando uma folha de uma carteira, e dando-lhe um lapis*) — Escreva lá, padre João dos Anjos.

PADRE JOÃO (*pondo os oculos e tomando uma pitada*) — E é perdoar ao secretario, se não fizer a cousa com limpeza.

VISCONDE — Principie pela snr.ª morgada, que não é adiantamento de rendas a sua conta; é emprestimo gratuito, e aqui o declaro diante de todos para seu maior elogio!

MORGADA — *Ágora* elogio! Todos *debemos* estes pequenos *fabores* a quem, como *bossa* exc.ª, despendeu já o que tem, e o que ainda ha-de *bir* a ter, para *serbir* o nosso partido.

VISCONDE (*apontando-lhe para os saccos*) — Quanto é, snr.ª morgada?

MORGADA — Doze mil cruzados.

PADRE JOÃO (*escrevendo*) — «A snr.ª morgada dos Freixos... doze mil cruzados!»

VISCONDE (*para Manoel*) — Quanto trazes tu, Manoel dos Moinhos? Vamos, vamos, que és rico e poupado.

MANOEL (*pondo a mão no sacco*) — Saberá *bossa* exc.ª que estão aqui *nobecentos mal* reis, em cruzados *nobos*, que *bem* a ser mais cinco annos de rendas do casal da Figueira, de que sou emphiteuta.

VISCONDE (*com certa tristeza*) — Mas já por cá tens tres annos adiantados, homem!...

MANOEL — Isso que *bale*? não faz *minga!* (*Dando um murro no peito*) Cá um *home* não teme! Assim eu lá podesse ir com uma *escopeta* ao *ihombro!* Mas a mãi está tão *belhota!*...

VISCONDE (*para o padre*) — Escreva.

PADRE JOÃO (*escrevendo*) — «Manoel dos Moi-

nhos, novecentos mil reis; cinco annos de renda, a cento e oitenta mil reis cada *ianno.»*

CABRITA — Aqui estão tres annos; duzentos e quarenta e *nobe mal* reis.

PADRE JOÃO (*escrevendo*) — «Antonio Cabrita; duzentos e quarenta e nove mil reis; tres annos de rendas, a oitenta e tres mil reis cada *ianno.»*

VISCONDE (*para outro*) — E tu lá, moleiro pimpão? quanto me trazes?

JOSÉ DA AZENHA — Quatro annos de renda dos moinhos de *bossa* exc.ª, e *a male* tres dos fóros da *ihorta* das Cabacinhas.

VISCONDE — Prefaz tudo?...

JOSÉ (*pondo a mão na cinta com certa emphase*) — *Escreba* lá, *sôre* padre cura: (*Contando pelos dedos*) Quatro annos de renda dos moinhos, a setenta e cinco *mal* reis, *bem* a ser trezentos *mal* reis limpos; agora temos nós — tres annos de fóros adiantados da *ihorta,* a trinta e *dous mal* reis, faz *nobenta* e seis *mal* reis: com os trezentos, *bem* a ser tudo trezentos e *nobenta* e seis *mal* reis, que ahi estão dentro da sacca.

PADRE JOÃO (*escrevendo*) — És mais ligeiro a fazer contas, do que os teus moinhos a moerem o pão, homem!

VISCONDE (*para outro sorrindo*) — Mestre João das Malhas! que terá por ahi dos queixos dos freguezes, que possa adiantar pela renda da loja?

JOÃO DAS MALHAS — Ai, snr. *bisconde,* que isto *bai* mal!... *Indesde* que principiou esta guerra, os freguezes minguaram, e pouco se faz pelo officio de *brabeiro.* Apesar d'isso aqui estão uns cem *mal* reis em ouro, que é tudo que tenho. *Bem* a ser tres annos do *aluguel* da *loge* e casa, a trinta e tres mil trezentos e trinta reis por anno.

PADRE JOÃO (*escrevendo*) — Quem dá o que tem não é mais obrigado.

FRANCISCO — Aqui estão quatro annos da quinta da *Barzea;* duzentos e sessenta e sete *mal* reis.

PADRE JOÃO (*acabando de escrever*) — Prompto. Mais nenhum?

VISCONDE (*sorrindo tristemente*) — E é bastante: fico empenhado para um bom par de annos! Emfim... o futuro a Deus pertence.

PADRE JOÃO — Amen! (*N. B. Durante o começo da escripturação teem entrado e sahido os camponezes; uns trazem enormes broas de milho, outros carnes defumadas, que assam n'uma fogueira que fizeram; alguns carregam com um pipote de vinho e as competentes escudellas etc.*)

JOAQUINA (*que tem andado a arranjar tudo, ajudada pela filha, fallando para dentro ao F.*) — Olá! *bossês* repaziada da tropa! *Binde* cá, que aqui tendes a brôa, o *salpicon,* e as *choriças novas* do snr. *bisconde.*

ROSINHA (*muito contente gritando*) — E *a male* o *berdascão* da ultima *bendima!*

(*Um grupo de soldados de cavallaria, invade o pateo; distribuem a comida e vinho, etc.*)

VISCONDE (*para os rendeiros*) — Agora esperai, meus amigos, que vou passar-vos os vossos recibos e timbral-os com o sello de minha casa. Previno-os de que, se eu morrer n'esta campanha, hoje mesmo, farei diligencia para que por cá vos fique alguem que ha-de garantir a divida. Acompanha, snr.ª morgada? Venha, padre João. Snr.ª Joaquina, veja se nos manda tambem alguma cousa para jantar, que são horas. (*Baixo*) Se vier meu irmão, evite que esta gente o veja. (*Sahe para a E. com a morgada, o padre, e Angelica*).

(*N. B. Um criado leva os saccos do dinheiro para dentro*).

## SCENA X

Joaquina, Rosinha, Manoel dos Moinhos, João das Malhas, Antonio, José, Francisco, camponezes e soldados.

JOAQUINA (*repartindo os comestiveis*) — *Bá, bá*, rapazes! é comer e beber á *bontade!* O' *sôre* mestre João das Malhas!... *bote* lá uma cantiguinha para alegrar o *álimo*.

JOÃO DAS MALHAS — Aonde está a *sôra Rósinha* não mette dente mais *linguem, sôra* Joaquina.

ROSINHA (*rindo*) — *Agora!* Quem mais mette o dente que *bossê*, mestre *brabeiro?*

JOÃO DAS MALHAS — Eu?!

ROSINHA — Sim, *bossê*... na *bida* alheia.

TODOS (*rindo*) — Ah!... ah!... ah!...

JOAQUINA — *Bá*, brinquem-me por cá, que eu *bou-me* a arranjar o *sôre bisconde*. (*Sahe por a E.*)

MANOEL DOS MOINHOS — Bem dito, *sôra Rósinha!* mas deixe-se lá de chufas ao mestre, e *benha* uma das suas... se commigo quer brincar primeiro.

ROSINHA — Com todo o gosto, *sôre* Manoel dos Moinhos. (*Arranjam as duas filas para a dança: os tocadores de viola e rabeca começam a melopêa das danças minhotas, e todos se põem em movimento*).

ROSINHA (*dançando defronte de Manoel e cantando ao mesmo tempo*) —

*Bossês* me pedem que eu cante
Eu cá *bou* aqui cantar,
A' chegada d'esta tropa
Que aqui nos *beio* alegrar.
Que os soldados d'esta aldeia
Trazem louros, trazem flôres;
Trazem na *ialma* as esp'ranças
Das moças que tem amores.

*(Dançam cada vez mais freneticamente e cahe o panno).*

# QUADRO II

---

(Salão d'entrada no palacio dos viscondes d'Algirão: ao F. porta em arco, que dá sahida para um grande terraço com balaustrada. Portas á E., e janellas á D. — O F. figura ser a estrada. — Mesas, cadeiras antigas, tremós com espelhos, etc. — Sobre uma mesa o preciso para escrever. — É dia).

## SCENA I

### Angelica, depois Rosinha

ANGELICA (*sahindo da E. e indo a uma das janellas da D.*) — Rosa!... ó *Rósinha!*... anda cá acima depressa! (*Vindo á scena*) Oh! que se eu tal vejo!... E porque não? Ella tem boa alma, é intelligente, dona de casa... Tomára eu!... Seria a maneira de sahir tambem d'esta clausura.

ROSINHA (*entrando pelo F.*) — Chamou-me, fidalguinha? O que me quer?

ANGELICA — Essa gente ainda lá está toda no pateo?

ROSINHA — Todos: agora estão comendo, que já tem as pernas cançadas de bailar.

ANGELICA — Ainda bem que nenhum sahiu: será a maneira de poder escapar-se o barão de Jatahysá. Pelo que me disse o padre João, se o apanhassem...! Mas não sabes? Chamei-te para te dar uma grande novidade! Adivinha lá o que me disse o padre cura em segredo, em quanto meu tio estava entretido a passar os recibos.

ROSINHA — O que foi?

ANGELICA — Uma grande felicidade para ti!

ROSINHA — *Ágora!*

ANGELICA — Tal qual! que o barão é riquissimo, que te ficou muito grato; que se não fosses tu, (e eu tambem; lá isso é verdade!) talvez o agarrassem, porque não podia estar toda a vida no moinho velho, sem comer, sem beber, sem nada! Que foste tu que lhe levaste o fato para elle se disfarçar, e que, portanto, te deve a ti a vida; e que jurou dar-te um premio muito grande!... (*com mysterio*) muito!...

ROSINHA — O que será, menina? Algumas *arrecadas nobás*, compradas lá no Porto?

ANGELICA — Qual *arrecadas?*... Ainda queres mais do que as que tens? E' cousa muito melhor!

ROSINHA — Já sei! Algum *cordão* de cinco moedas! *Adibinhei?*

ANGELICA — És ambiciosa! Pois não tens dous, um que te deu o papá, e outro meu tio, teu padrinho?

ROSINHA — Olhe, menina; isto de ouro, quanto mais melhor. Sabe Deus para que a gente cá está guardada n'este mundo; e se alguma *bez adregar* a cahir na pobreza, sempre é bom ter uma pessoa a que se *boltar*.

ANGELICA — Pobreza...! Vaes ser muito rica, tola!

ROSINHA — *Ágora bou!* Eu não *merquei* nenhuma sorte de Hespanha...

ANGELICA (*muito em segredo*) — Más é o barão... ouves? é o barão que, segundo me disse o padre...

ROSINHA (*rindo*) — Ora! historias do padre cura, menina! Tambem me deu a *modos* a entender... (*Outro tom*) *Bá lá!* então o que é que me quer dar, o *hemesinho?*

ANGELICA — Nada menos do que... a mão de marido!

ROSINHA (*rindo ás gargalhadas*) — *Boa!* Olhem eu feita snr.ª baroneza!... Ah!... ah!... ah!... baroneza de *sóccos* a cortar *herba*, a cuidar dos bois, dos carneiros, e amanhar a *ihorta!*... Ah!... ah!... ah!...

ANGELICA — Não, tola! Diz que te manda para um collegio, ou recolhimento em Lisboa, e lá aprenderás todas as prendas de uma senhora educada; (*rindo*) começando por te tirarem esse desastrado B, que tanto te desfeia! Diz mais, que se eu quizer aperfeiçoar-me no que já sei, vou comtigo...

ROSINHA — Ah! lá isso é que ia mesmo! Eu *separaba-me* da minha rica fidalguinha!... (*Rumor de vozes fóra*).

ANGELICA — O que será aquillo?

ROSINHA — São os rapazes, naturalmente, que já estão *arreliados*, por eu *bir* embora de *aonde a elles*.

ANGELICA — Vai, vai; mas não contes nada. Olha que o padre João pediu-me segredo... Não digas nada a ninguem!

ROSINHA — *Ágora* digo! Não, que tudo isso é

uma historia, *berá*. O *home alembra-se* lá mais de mim!...

Angelica — Veremos... Vou ter com o tio. Até logo. (*Sahe para a E.*)

## SCENA II

Rosinha, o Barão, Manoel, José, Francisco, Antonio, João das Malhas, um cabo d'esquadra, seis soldados, e os camponezes.

Cabo — *Saberão-me* dizer aonde está o meu coronel?

Rosinha (*correndo para o barão*) — Ai! o que que foi isto? Agarraram-n'o!?...

Barão (*sorrindo tristemente*) — Tinha de ser! Creio que de nada me valeu a sua caridade... que ainda assim muito agradeço.

Rosinha — Mas o que quer *bossê* do *home*, ó *sôre* cabo d'esquadra?

Cabo — *Bimos* este amigo a *esgueirar-se*, assim a modos de apressado, pelo rio *arriba*; as calças do *uliforme*... logo *adibinhámos* que era... dos taes *melros*; dos nossos amigos *conscionaes*.

Barão (*altivámente*) — Já disse que sou, que não costumo renegar as minhas convicções! E tambem lhe adverti que tenho todo o direito a exigir-lhe mais consideração e respeito, porque sou um official.

Cabo — Um official?!...

Rosinha — É, sim senhor!

Cabo — Deixemo-nos de cantigas! O que eu

preciso é ir *aonde ó* nosso commandante, para *bêr* o que elle quer que se faça d'este *melro*.

MANOEL DOS MOINHOS — Tem bem que *bêr* o que se lhe faz! *Leva-se* á beira do rio, e pregam-se-lhe dous tiros; pois então!

BARÃO (*com desprezadora ironia*). — Quer dizer — assasinam-me! Primeiro roubem-me, que trago commigo porção de dinheiro e...

MANOEL DOS MOINHOS — O' *sô* alma do diabo! cá não *hâi* ladrões, *oubio?*

FRANCISCO CHAMUSCA — Olha o *excommunicado pedreiro libre!* não está a chamar-nos ladrões!?

MUITOS CAMPONEZES — Ladrões!?...

MANOEL DOS MOINHOS — Pois o que é que elle quer dizer n'aquella *chufa?* Sábe que mais, *sô* cabo d'esquadra? O *sôre bisconde* está lá fazendo contas, e não póde agora tratar d'este negocio. Rio com elle, e acabamos a funcção.

ALGUNS (*avançando para o barão*) — Sim, sim, morra o *pedreiro libre!*

ROSINHA (*interpondo-se*) — Então o que é lá isso, moços!? Quem é que manda aqui matar um *home*, sem mais nem mais?!

CABO — Não; lá sem mais nem mais, não, cachopa; o mesmo fazem elles aos nossos.

MANOEL DOS MOINHOS — E é *berdade!* que ainda *est'oitro* dia, pilharam o *mê* primo *Zé* das Noras, e lá *le* metteram quatro balasios no *cadavel*, que se *estarreceu* logo alli *n'um prompto! Bamos* fazer-*le* o mesmo a este!

ALGUNS — *Bamos! bamos!*

ROSINHA (*afflicta e chorosa*) — Ai senhores! pelas alminhas não matem o *homesinho*, que não tem cara de fazer mal a *linguem!*

CABO — *Agora* não faz!

MANOEL DOS MOINHOS — E' marchar, *bá!* e que

seja por a *ialma* de meu primo! (*Todos rodeiam o barão e dispõem-se a leval-o*).

BARÃO (*baixo para Rosinha*) — Reze por mim... (*Dando-lhe uma carteira*) Tome esta carteira; não a dê a ninguem; está ahi uma quantia importante... guarde-a e... repito — peça a Deus por mim! (*Para os outros, com certa altivez*) Vamos lá, senhores. Desgraçado partido que tem nas suas fileiras quem mate assim o militar indefeso! Contem com a recompensa! Brevemente ouvirão por todo o paiz o grito de — viva a liberdade! viva o snr. D. Pedro IV!

## SCENA III

Os mesmos, D. Alvaro, e Christovam
(com os seus uniformes)

D. ALVARO (*que entrou momentos antes, avançando ao centro*) — Viva! viva, camarada!

TODOS — O snr. D. *Albaro!!...*

D. ALVARO — O que é isto aqui em minha casa, canalha?!... N'este palacio prende-se alguem, cambada de estupidos?!

MANOEL DOS MOINHOS — Perdão, fidalgo; este *home* é um...

D. ALVARO — Seja quem fôr, é hospede aqui! Nos paços dos viscondes de Algirão, já entrou alguem a prender qualquer?! Ah! sucia de mariolas, que ainda não mudei, ouvistes? Costumo *correr-vos* nas feiras com um *marmeleiro* nas mãos, vêde lá o que farei agora com a *catana* á cinta! Para traz!

(*Tirando a espada*) Olhai lá se m'a quereis provar! (*Os camponezes recuam*).

CABO (*perfilando-se*) — Mas... meu official!...

D. ALVARO — Ah! comtigo me entendo eu; és militar, e, ou realista, ou liberal, tens diante de ti umas dragonas. Chega á fórma! (*Com voz de commando*) Soldados! sentido! (*Os soldados juntam-se e perfilam-se machinalmente*) Meia volta á direita! volver! Em frente ordinario... marche!... (*A tropa executa e chega ao terraço, levando diante de si os camponezes*) Alto, frente! Direita, volver! — Destroçar! (*Depois de curto silencio*) Agora fechem-me essas portas, e o primeiro que aqui entrar... cortolhe as orelhas. (*Embainha muito socegadamente a espada. Os criados da casa fecham as portas do F.*)

## SCENA IV

Barão, D. Alvaro, Rosinha e Christovam

BARÃO (*estendendo-lhe a mão*) — Devo-lhe a vida!

D. ALVARO (*apertando-lh'a e sorrindo*) — Creio que sim.

ROSINHA (*aproximando-se muito alegre*) — Ora *bês-ahi* está porque eu gosto muito dos *malhados! bê?*

D. ALVARO — Então dá cá um abraço, rapariga, que ha quatro mezes que te não vejo! (*Abraça-a e beija-a na face*).

ROSINHA — Tinha *soidades*, creia; e *a male* a fidalguinha.

D. ALVARO — A Angelica!... E como está ella? Vai-m'a chamar, *Rósinha!*

ROSINHA — *Bou* já... já... (*Suspendendo-se*) Mas olhe que o snr. *bisconde* está lá com o padre cura, e *a male* a morgada dos Freixos; não sei se *bossa mercê* quer que elle o *beja?*

D. ALVARO — Pois a que venho eu cá? Anda, rapariga; pódes dizer a toda essa gente que estou aqui.

ROSINHA — Sim, senhor. (*Para o Barão, dando-lhe a carteira*) Tome lá, snr. barão; (*sorrindo*) agora já não precisa de herdeira.

BARÃO (*aceitando-a*) — Receio-me de offendel-a se persistir... Está na sua vontade obter melhor premio d'essa boa alma...

ROSINHA (*rindo*) — Sim, sim; fallaremos. (*Sahe para a E.*)

D. ALVARO (*que foi a uma das janellas da D.*) — Desceram todos para o pateo... (*A Christovam*) Vai lá para baixo, e toma sentido no que diz aquella gente. Se perceberes idéas de hostilidade... vem avisar-me.

CHRISTOVAM (*que se perfilou, e com certa gravidade e sequidão comica*) — Sim, senhor, meu capitão. E se me chamarem *malhado*, ou me *botarem* alguma chufa, posso *ir-lhe aos queixos?*

D. ALVARO (*rindo*) — Não, diabo! olha que são muitos!

CHRISTOVAM — Eu cá não tenho medo d'elles.

D. ALVARO — Bem sei; mas é necessario que te portes com toda a prudencia.

CHRISTOVAM (*sempre com muita sequidão*)—Sim, senhor. Posso comer e beber?

D. ALVARO — Podera não, se tens vontade...

CHRISTOVAM — Sim, senhor. Tenho muita fome.
D. ALVARO — Pois é matal-a. Marche!
CHRISTOVAM — Prompto! (*Faz meia volta á direita, e sahe pelo F., tornando a fechar a porta*).

## SCENA V

D. Alvaro e o Barão

D. ALVARO — Creio que estará salvo.
BARÃO — A si o devo: receio comtudo, que, á sahida, nós ambos...
D. ALVARO — Não; conheço o caracter de meu irmão. Ainda que aferrado ao partido realista, é cavalheiro, e não admittirá o mais pequeno insulto contra inimigos indefesos. Terá a bondade de me dizer quem é?
BARÃO — O barão de Jatahysá, antiga praça do batalhão sagrado, e actualmente commandante de uma companhia do regimento 18. — Vim da ilha Terceira com o snr. D. Pedro, desembarquei nas praias do Mindelo e no dia nove entrei no Porto.
D. ALVARO (*apertando-lhe a mão*) — Felicito-o; pertence a um regimento dos mais bravos e arrojados do exercito liberal! Nas acções de Penafiel, Bustello, e, sobre tudo, na batalha de Ponte Ferreira, foi notorio o valor e disciplina com que desalojou o inimigo de todas as suas excellentes posições. Como veio aqui parar?
BARÃO — Já deve saber que o general realista conde d'Almer, um dos que ultimamente nos cercava no Porto, foi chamado a Santarem, dizem que

para tomar o commando das armas no Alemtejo: deixou-nos a passagem livre, e sahimos immediatamente em varias expedições sobre Braga, Villa Real, Santo Thyrso, etc. — Aqui cheguei, perseguindo a recta-guarda da divisão inimiga. Ferido n'este braço, e perdendo muito sangue, foi-me impossivel continuar a marcha.

D. Alvaro — Bem; cedo a continuaremos... para descançar de vez, que a nossa bandeira está vencedora, póde crêl-o! Fique tranquillo aqui: sou dono d'esta casa, isto é — irmão do visconde d'Algirão, seu verdadeiro proprietario.

Barão — Mas... V. exc.ª pertence ao exercito liberal?

D. Alvaro — Sim, senhor: capitão d'estado-maior do snr. general conde de Villa-Flôr, (*sorrindo*) tão enthusiasta pelo partido de sua magestade a rainha, como meu irmão pelo do infante, e sendo já tenente de cavallaria, apresentei-me ao serviço do snr. duque de Bragança, que me promoveu para o estado-maior do generalato em chefe.

Barão — E o snr. visconde?...

D. Alvaro — Verdadeiro fidalgo; homem de bem, mas obcecado pelos preconceitos de raça... (*Olhando para dentro*) Silencio! eil-o ahi!... Nada de submissões indecorosas, mas tambem lembremo-nos de que somos só dous, e com o meu *impedido* tres.

## SCENA IV

Os mesmos e o Visconde (que traz na mão um rolo de papeis timbrados)

D. ALVARO (*indo-lhe ao encontro e estendendo-lhe a mão*) — Bons dias, mano Antonio...

VISCONDE (*meio commovido e recusando-lhe a mão*) — Não creio que a consciencia o obrigue a estender-me a sua mão: á minha repugna-me essa prova d'affecto... que morreu entre nós dous: sabe-o.

D. ALVARO — Julguei que o amor fraternal não fosse substituivel pelo rancor de partidos! Vejo que me enganei. (*Para o Barão, sorrindo*) E chamam-nos intransigentes, a nós!

VISCONDE (*vendo o barão*) — Quem é este senhor?

D. ALVARO — Um camarada meu...

VISCONDE — Queira retirar-se... (*Para o irmão*) Quando lhe mandei aviso de que viesse aqui, aproveitando o armisticio, disse-lhe que necessitava fallar-lhe a sós...

D. ALVARO — O acaso fez-me encontrar o snr. barão de Jatahysá...

VISCONDE (*sorrindo, mais amavel, para encobrir a commoção*) —Este senhor é...! Conheço-o de nome: capitão do regimento 18; tem-nos dado que fazer por bastantes vezes! Apesar de inimigo... (*caminhando para elle e estendendo-lhe a mão*) tenho muita honra em apertar a mão de um militar

tão valente! (*Vendo que elle duvida*) Aperte! V. exc.ª não é meu irmão!

BARÃO (*apertando-lh'a*) — Muito me honra, snr. visconde.

VISCONDE (*designando-lhe a E.*) — Tenha a bondade de entrar para alli; encontrará algumas pessoas com quem converse, em quanto conferenceio com este senhor.

BARÃO — Obedeço. (*Vai para sahir*).

D. ALVARO (*baixo para elle, em quanto o irmão examina os papeis que tem nas mãos*) — Estou com medo d'esta conferencia!... Se sentirem grande altercação, venham interromper-nos. (*O barão sahe*).

## SCENA VII

O Visconde e D. Alvaro

VISCONDE — Sente-se.

D. ALVARO — Andei seis leguas a cavallo; estou bem assim.

VISCONDE — Como queira. (*Senta-se junto da mesa, aonde deposita os papeis que trouxe comsigo*) Não provocarei novas recriminações...

D. ALVARO — Essa declaração dá-me animo para lhe pedir um favor...

VISCONDE — Um favor... a mim!?... O que é?

D. ALVARO — Estamos sós; ninguem nos vê, e... (*commovido*) Dás-me a tua mão?

VISCONDE (*perturbado*) — Mas...

D. ALVARO — Ha tantos mezes que te não vejo, Antonio!... E olha que a final... sou deveras teu amigo! Se sômos irmãos!...

VISCONDE (*depois de vacillação, ergue-se repentinamente e aperta-o nos braços*) — Alvaro!...

D. ALVARO (*de lagrimas nos olhos*) — Ainda te não denegriram essa alma, homem!

VISCONDE (*largando-o rapidamente, passando de arremesso para o outro lado da scena e limpando os olhos*) — Estupido!... E sabe-me... revolucionario, com um coração d'aquelles!

D. ALVARO (*sorrindo e tambem enxugando os olhos*) — Pyrrhonico!... Apologista do despotismo, com uma alma assim!

VISCONDE (*depois de silencio, tornando ao seu tom gravemente energico*) — Bem! Fóra com as sensibilidades, que são ridiculas, injustificaveis, om dous homens como nós, e em tal posição. Preciso obter de si... (*com certa repugnancia*) um favor, — seja! (*sentando-se*) Peço-lhe que se sente, e me ouça com' attenção.

D. ALVARO (*sentando-se*) — Ouvirei.

VISCONDE — Ha vinte e dous annos, isto é, em 1812, morreu a snr.ª viscondessa d'Algirão, nossa mãi. O senhor, tendo apenas 18 annos, mas emancipado pela farda de cadete, recebeu a sua legitima, na importancia de trinta mil cruzados. Logo que houve á mão essa quantia, sahiu de Portugal, foi viajar, e voltou a casa, depois de dous annos... completamente falto de recursos.

D. ALVARO — Creio que estava no pleno gozo do meu direito, despendendo n'essa excursão... scientifica, deixe-me assim chamar-lhe, um dinheiro que era exclusivamente meu.

VISCONDE — Passados alguns mezes casou com

uma senhora distincta e virtuosa, que lhe trouxe em dote... (*Depois de curta pausa*) cerca de cincoenta mil cruzados, se bem me lembro.

D. ALVARO — Admiro a facilidade com que retem na memoria os algarismos!

VISCONDE (*com muita gravidade*) — Peço-lhe a maior consideração, seriedade, e... recolhimento, direi, — para esta conferencia, que talvez seja a ultima, e na qual vai empenhada a minha honra... que é a de nossa casa.

D. ALVARO (*admirado*) — Não entendo!...

VISCONDE — Creio: vai entender. (*Depois de curto silencio*) O mano D. Alvaro sahiu novamente d'aqui; foi residir em Lisboa, pôz casa, um palacio luxuoso, carruagem, etc. Abstenho-me de lhe lembrar qual foi a sua vida durante alguns annos. Sua mulher, pouco depois, finou-se; o senhor veio de novo para minha casa, viuvo, e d'esta vez acompanhado. Trazia duas crianças, um filho e uma filha; por consequencia mais pobre do que outr'ora, quando regressou á casa paterna completamente exhausto de meios. O dote de sua mulher havia desapparecido no mesmo sorvedouro, que engulira a legitima de sua mãi! Recebi-o nos braços; considerei seus filhos como se meus fossem, e... nem uma palavra de reprehensão.

D. ALVARO — Os meus *alimentos* creio que chegavam para os tres...

VISCONDE — Duvido: ao que não chegavam de certo era para o pagamento de dividas contrahidas pelo *filho segundo,* e com que o morgado nada tinha.

D. ALVARO (*erguendo-se, e n'um tom mais familiar*) — Pois bem!... Acabemos com estas recapitulações, que me incommodam! Sei que fui um

grande extravagante; que malbaratei duas fortunas importantes, e que sempre me valeu o mano D. Antonio! Sei que me educou a filha; que me sustentou o filho em Coimbra por sua livre vontade; que em quanto eu, já com esta idade!—passeava, caçava, jogava o pau pelas feiras, e abria cabeças pelas viellas, meu irmão, não só me não dirigia a mais pequena reprimenda, mas até cuidava no meu bem estar, nas minhas commodidades. Ha muito tempo que conclui que sou, ou fui, um doudo, um estouvado, um perdulario, e o senhor um bom irmão, homem de siso, generoso, um segundo pai, sem (desgraçadamente!) a authoridade que este titulo traz comsigo. Sei tudo isto, repito; e sei tambem que não sou ingrato, e que o reconhecimento não me sahe do coração, mesmo agora que andamos de armas voltadas um contra o outro. Ouviu? Bem: a que conclusão quer chegar? Quer demonstrar-me que é meu credor?... *enormemente* credor?

VISCONDE (*levantando-se*) — Sou... perante todo o raciocinio, perante todas as leis...

D. ALVARO — Sobre tudo, perante a consciencia, de accordo. (*Sorrindo e como custando-lhe a dizer*) E... e quer que eu lhe pague?

VISCONDE (*seccamente*) — Quero.

D ALVARO (*espantado*) — Está zombando!... Aonde hei-de eu ir buscar dinheiro?

VISCONDE — Não quero dinheiro; sei que o não tem.

D. ALVARO (*maliciosamente*) — *Por ora.*

VISCONDE (*comprehendendo-o e ironico*) — *Por ora,* sim.

D. ALVARO — Como quer então que lhe satisfaça a divida?

VISCONDE (*tomando os papeis que trouxe, e dando-lh'os*) — Assignando estes papeis.

D. ALVARO (*examinando-os*) — Recibos de rendas adiantadas!...

VISCONDE — Leia em baixo.

D. ALVARO (*lendo*) — «Garanto estes adiantamentos, como immediato successor de meu irmão, o snr. D. Antonio Eduardo Menezes d'Athouguia Campello e Sá, 11.º visconde d'Algirão.»

VISCONDE — Comprehende?

D. ALVARO — Começo a comprehender.

VISCONDE — Se eu morrer n'esta lucta, o meu nome descerá ao tumulo immaculado, como o de nossos avós. Esta gente, que assim confia na minha honra, não terá de arrepender-se, nem de amaldiçoar-me a memoria.

D. ALVARO (*depois de curto silencio*) — Mas... vejamos, mano D. Antonio: este dinheiro é para... para a guerra, não é assim?

VISCONDE — É: guerra, aos meus olhos pelo menos, de convicções, de honra, de pundonor!

D. ALVARO — E já reparou na situação em que me colloca a sua exigencia?

VISCONDE — Já; mas tambem considerei que tenho todo o direito a pedir-lhe, pela primeira vez, um favor, como retribuição de muitos recebidos n'esta casa, ha vinte e tantos annos.

D. ALVARO — E toma-me como juro do capital... a honra! Pois não vê que me vai collocar n'uma posição menos digna para com o meu partido? Garantir dinheiros para guerrear os meus camaradas!...

VISCONDE (*desabridamente*) — Pois largue-os! Acredita que vençam?

D. ALVARO — De certo!

VISCONDE — Veremos! — Vamos! Quer fazer-me esta fineza?

D. ALVARO — É quasi impossivel, bem vê.

D'um lado a offensa, talvez qualificada de traição, ao meu partido; do outro, o patrimonio dos filhos, no caso de ambos perecer-mos.

VISCONDE — Bem! (*Tirando-lhe os recibos*) Eu quasi que adivinhava este resultado. (*Com muita energia*) Egoista e ingrato como todos os perdularios! (*Vai ao F., abre as portas e fallando para baixo*) O' clarim! toca a *bota-sellas!*

D. ALVARO (*indo a elle e tirando uns papeis do peito da farda*) — Ha outro motivo ainda: ouça a copia dos ultimos officios dos quarteis-generaes, realista e liberal...

VISCONDE — Nada mais quero ouvir! (*Fallando para o F.*) — Olá! rapazes! subam! (*Indo á porta da E.*) Entrem, senhores.

D. ALVARO — Que vai fazer?

VISCONDE — Restituir esses dinheiros! Morrerei de fome, e os meus soldados, mas levarei a consciencia tranquilla.

D. ALVARO — Pois bem! diante d'essa gente, vou fazer-lhe uma communicação, que talvez modifique, não só as suas idéas, mas tambem o seu modo de pensar a meu respeito. (*Sente-se dentro os clarins fazendo o toque de* bota-sellas *usado nos corpos de cavallaria d'aquelle tempo*).

## SCENA VIII

Os mesmos, D. Bonifacia, o barão de Jatahysá (com o seu uniforme), padre João, Rosinha, Angelica, Joaquina, Manoel dos Moinhos, Antonio Cabrita, José da Azenha, Francisco Chamusca, João das Malhas, camponezes e camponezas, (uns pelo F. e outros pela E.)

ANGELICA (*correndo a D. Alvaro*) Papá!... (*Abraça-o e beija-o. D. Alvaro impõe-lhe silencio, depois de a acariciar ligeiramente*).

VISCONDE — Senhores! Quando ha pouco me entregastes os vossos haveres, disse que esperava ter brevemente quem garantisse a divida no caso possibilissimo da minha morte. Enganei-me. Meu irmão, por motivos de delicadeza de partido, que por modo algum lhe podemos estranhar, recusa-se a garantir este contracto...

D. ALVARO — Recuso... e agradecer-m'o-hão em breve, tenho fé.

VISCONDE — Peço-lhe que não me interrompa; não devo perder tempo; de madrugada hei-de estar defronte do Porto. (*Para os mais*) N'este caso, não posso aceitar o favor. Não sei que presentimento me diz, que não voltarei...

D. BONIFACIA — Ai, credo! t'arrenego! Não diga isso, snr. *bisconde!* Ainda *habemos* de *bêl-o* por ahi entrar coberto de louros, para *inguiço* dos pedreiros *libres!* (*Olhando de revés para D. Alvaro*).

VISCONDE — Padre João, tenha a bondade de restituir o dinheiro a seus donos, e rasgar esses recibos. (*Atira-os sobre a mesa*).

MANOEL DOS MOINHOS — Alto lá, *sôre bisconde!* desculpe *bossa* exc.ª, e *a male* a sua *palabra* honrada! A gente, como o *oitro* que diz, já deu; e *quem dá e torna a tirar, ao inferno bai parar! Lebe* o *sôre bisconde* o dinheiro, que eu cá não me faz *minga* a *garantencia* de *linguem!*

D. BONIFACIA — Pois está de *bêr! Bão-se os anneis, fiquem n'os dedos, bisconde!* E, só por pirraça a certas pessoas, se *bossa* exc.ª quer mais, é dizer, que já se *bolta* a *iarca!*

JOSÉ DA AZENHA — Bem dito, *sôra* morgada! Eu não *le* toco outra *bez* no dinheiro! Não, que já nem quero o recibo!

D. ALVARO — Pois senhores, visto que é necessario dar-lhes este golpe, dê-se! Ouçam a copia de dous officios, que ha quatro dias se receberam no quartel-general do snr. conde de Villa-Flôr. (*Lendo*) «Cópia. — Ill.$^{mo}$ e exc.$^{mo}$ snr. — Estou authorisado para propôr uma suspensão d'armas, a fim de entrar em negociações para se não derramar mais sangue portuguez; e se v. exc.ª convém n'isso, será necessario que os dous exercitos se não aproximem mais. Fico esperando uma prompta resposta de v. exc.ª Digne-se v. exc.ª aceitar os protestos de estima e consideração com que tenho a honra de me assignar de v. exc.ª respeitador — José Antonio de Azevedo e Lemos, commandante do exercito de operações.»

D. BONIFACIA (*espantada*) — Do nosso general Lemos?!

D. ALVARO (*lendo outro*) — «Cópia. — Ill.$^{mo}$ e exc.$^{mo}$ snr. — V. exc.ª conhece-me, e sabe o horror com que tenho visto derramar o sangue portu-

4

guez; e para dar mais uma prova, farei alto ámanhã n'esta villa, e pedirei ao duque da Terceira, a quem animam os mesmos sentimentos, que venha aqui, para ouvirmos reunidos as propostas de v. exc.ª, que impreterivelmente espero receber amanhã mesmo. No entretanto julgo do meu dever declarar a v. exc.ª, que S. M. imperial o duque de Bragança, regente em nome da rainha, e commandante em chefe do exercito libertador, já rectificou o tratado feito com a Inglaterra, França e Hespanha, no qual estas potencias se obrigam a empregar todas os meios de que possam dispôr, e não depôrem as armas, até que os dous pretendentes ás corôas de Portugal e Hespanha, tenham sahido da peninsula. — Deus guarde a v. exc.ª — Quartel-general em Monte-mór-o-Novo, 24 de maio de 1834. Assignado — General Saldanha.» (*Fallando*) Alguns promenores que acompanharam as cópias dão-nos a certeza de que a estas horas, em Evora-Monte, assigna-se a convenção, pela qual o exercito realista deporá as armas, retirando-se todos socegadamente para suas casas. Vêde se vale a pena exporem-se mais vidas e mais cabedaes! (*Os personagens fallam todos entre si, mostrando-se uns penalisados, outros duvidosos*).

D. Bonifacia (*para o visconde*) — Aquillo será *berdade?* Eu já *oubi* fallar muito nos *mafarricos* dos inglezes, mas...

Visconde (*que ouviu taciturno a leitura, chegando-se ao irmão*) — Permitte-me que veja essas cópias?

D. Alvaro (*entregando-lh'as*) — Sim, senhor; e dou-lhe a minha palavra de honra, que são textuaes. Creio que já lhe disse que estou ás ordens do general conde de Villa-Flôr.

VISCONDE (*não lhe responde, afasta-se, e lê para si os papeis, visivelmente contristado*).

ANGELICA (*timidamente para o pai*) — Então... vai acabar a guerra, papá? Volta para junto de nós?

D. ALVARO (*beijando-a*) — Tenho-o como certo, filha.

ROSINHA (*que ouviu*) — Ai, que felicidade, fidalguinha! (*Enthusiasmada*) *Biba* o exercito libe... (*Põe a mão na bocca e olha de revés para a mãi*).

BARÃO (*baixo para ella*) — Porque não acaba, *correligionaria?*

ROSINHA — *Ágora* acabo! Credo! A mãi era capaz de me bater aqui diante de todos!

VISCONDE (*entregando as cópias a D. Alvaro*) — Amigos, alcanço perfeitamente o sentido d'estes officios, e prevéjo-lhe o resultado. Guardem, pois, o seu dinheiro, que é dinheiro perdido. Respeitemos os decretos da Providencia, e não desanimemos. (*Exaltando-se*) Pela minha parte, digo que, como na minha familia nunca houve traidores, nem cobardes, derramarei até á ultima gota de sangue pelo unico poder que reconheço. Se elle succumbir... juro por Deus, e pela memoria dos meus antepassados, que não será terra portugueza que me comerá os ossos! Padre João, entregue esse dinheiro.

D. BONIFACIA E ALGUNS CAMPONEZES — Não! não! não queremos!

D. ALVARO (*avançando ao centro*) — Senhores! Não posso assignar estes recibos porque importaria isso uma quasi traição ao meu partido: no entretanto, para que não julguem que é só no exercito realista que se encontra a abnegação cavalheirosa da verdadeira fidalguia, vou provar-lhes que tambem ha fidalgos no exercito liberal. Senhores! Eu, D. Alvaro Menezes d'Athouguia Campello e Sá, aqui

dou a minha palavra de honra, e juro por esta espada, que desde já garanto e confirmo todas as dividas do snr. visconde de Algirão! (*Rumor de approvação e sensibilidade em todos os personagens*).

VISCONDE (*chegando-se gravemente ao irmão*) — Obrigado, Alvaro! És digno successor do titulo de nossa casa! Obrigado! (*Lança-se-lhe nos braços*).

D. ALVARO (*depois de curto silencio e commovido*) — Não saias mais d'aqui, Antonio!

VISCONDE (*desenlaçando-se-lhe dos braços*) — E para nunca voltar, creio bem! Adeus! (*Torna a abraçal-o, depois toma o seu tom de gravidade, occultando a grande commoção*). Meus amigos; parto descançado sobre os vossos haveres! Rogai a Deus... não por mim; pelos meus soldados! (*Caminha para o F.: todos o seguem*).

MANOEL DOS MOINHOS — *Biba* o *sôre biscon-de* d'Algirão!

TODOS — *Biba!*

PADRE JOÃO — E viva o snr. D. Alvaro, e a sua fidalguia!

TODOS — *Biba!*

VISCONDE (*já no terraço*) — Não, meus amigos! Nem eu, nem meu irmão! (*Cobrindo-se e tirando a espada*) Viva el-rei! (*Sahe*).

TODOS — *Biba!* (*Harmonia na orchestra em surdina: o antigo hymno da snr.ª D. Maria II, até final do acto*).

D. ALVARO — Com mil diabos! a isto é que eu não posso resistir! (*Pondo o seu chapéo emplumado, e tirando a espada*) Viva a liberdade! Viva sua magestade a rainha! Viva o duque de Bragança!

BARÃO — Viva!

CHRISTOVAM (*avançando e perfilando-se*) — Viva! Viva!

D. ALVARO (*sorrindo*) — Como lá no exercito! Tres... contra quarenta!

VISCONDE (*dentro ao F., com voz de commando*) — Esquadrão! preparar a montar! a cavallo! Ao passo!... marche! (*Ouve-se os clarins, cujo som se vai extinguindo a pouco e pouco*).

OS PERSONAGENS (*que estão no terraço acenando com lenços e chapéos*). — *Biba* o snr. *bisconde! Biba!*

D. ALVARO (*depois de curto silencio, e escutando os clarins que se afastam*) — Pobre irmão! (*Muito commovido, e abraçado com Angelica*) Minha filha! tu, que és um anjo, supplíca ao Senhor que se digne velar por aquelle, que tambem te foi pai! Pede-lhe que illumine essa grande alma com o sagrado clarão da aurora da LIBERDADE! (*Forte na orchestra*).

# ACTO I

---

(Sala n'uma casa de campo dos viscondes d'Algirão, nos arrabaldes de Lisboa: entrada ao F., ao nivel do jardim; portas aos lados. Mobilia rica, piano, sophás, *fauteuils*, quadros, etc., etc. No centro uma mesa de jantar servida para o *dessert*. — É dia).

## SCENA I

D. José, Guilherme de Sá, Miguel Fernandes, D. Luiz de Monforte, commendador Gonçalves, Castro, Christovam, Richardson, Francisco, e mais criados.

(*Á mesa, no fim do jantar: os criados servem os convidados; Richardson encarrega-se de encher os copos: Christovam muda os pratos, e Francisco superintende sobre os outros criados. Movimento nos ditos, mas silenciosos*).

D. Luiz de Monforte (*de pé, copo na mão, como continuando um brinde: em tom emphatico*) — ... porque na verdade, senhores! nada ha mais grandioso, mais sublime, mais digno de admiração

e respeito, do que esta santa alliança, que nos trouxeram as novas idéas do seculo; a alliança da nobreza herdada, com a nobreza do talento! O nome legendario de uma familia nobilissima, e as novas conquistas da intelligencia, aureolando esse nome com os esplendidos reflexos do genio! Portanto, senhores! (*Apontando para D. José*) Este, que nos reuniu aqui em tão festival convivio, rèpresenta perfeitamente o adiantamento do seculo! Senhores! mais me cumpria dizer; porém, respeitando a modestia do nosso amphitryão, terminarei por lhes propôr, que brindemos mais uma vez ao fidalgo erudito, ao advogado consciencioso, e ao representante do povo, que tão avisadamente o elegeu!

TODOS (*unisonos: alguns*) — Apoiado! (*Outros*) Muito bem! Viva! viva!... (*Tocam os copos e bebem*).

D. JOSÉ (*depois de curto silencio*) — Os exageros, devidos ao sincero affecto, que s. exc.ª me dedica, tornaram por tal fórma hyperbolico o seu brinde, que só me cumpre reenviar-lhe parte dos attributos, que me concedeu na sua magnanima expansão, tão cavalheirosa, quanto immerecida.

CASTRO — Não apoiado!

D. JOSÉ — Senhores! bebamos á saude do snr. D. Luiz de Monforte, fidalgo tão notavel pelo nome, como pelas brilhantes qualidades da alma!

TODOS (*de pé tocando-lhe no copo*) — Snr. D. Luiz de Monforte!...

D. LUIZ (*agradecendo*) — Meus senhores...

MIGUEL FERNANDES (*para Castro*) — Sabe que chegou a minha nobre constituinte, snr. Castro?

CASTRO — A baroneza de Jatahysá?

MIGUEL FERNANDES — Justamente: chegou hontem ás duas horas.

CASTRO — D'onde veio?

Miguel Fernandes — Eu sei!... Do fim do mundo, pelo menos. As ultimas letras que lhe enviei ha dous mezes, foram sacadas sobre a praça de Berlim. Venceu a demanda na Bahia... Está riquissima. Aquillo é talvez rendimento para os seus trinta contos annuaes.

Castro — Com o que já por cá possuia...!

Miguel Fernandes — É a *sorte grande* aquella senhora!

Castro — Mas a respeito de casar...

Miguel Fernandes (*rindo*) — Qual! É uma Artemiza!

Castro (*rindo*) — Sem engulir as cinzas do marido!

Miguel Fernandes — Sim, mas engole-lhe o dinheiro, que tem melhor gosto.

D. José (*vendo que ninguem mais se serve*) — Segundo vejo, podemos fumar. (*Para o criado*) Francisco, charutos. (*Para os convivas*) Antes, porém, de nos afastarmos do *altar dos sacrificios*, proponho uma ultima saudação. O snr. Guilherme de Sá, com os incomparaveis sons do seu *violino*, com as magestosas manifestações do seu grande talento, invadiu-me — deixem-me assim dizer — os dominios da alma, como nunca outra notabilidade artistica conseguiu de mim. Tal é o poder do verdadeiro artista, quando as virtudes lhe enfloram o genio! Talento, modestia e philanthropia, entidades bem difficeis de se accumularem, todas o meu amigo possue em elevado grau, e do mais fino quilate. — Eia pois, senhores! Uma saudação frenetica, do intimo d'alma, como tudo que vem das artes, e para as artes! Brindo ao inspirado artista, que me honra com a sua amizade, e a quem eu retribuo... quasi com a idolatria! Hip! hip! hip! hourrah!

TODOS — Hourrah!

GUILHERME — (*N. B. Este personagem falla pausadamente, como medindo as palavras, e muitas vezes como que procurando-as: pronuncía bem o portuguez, mas com inflexões por vezes estrangeiradas. Traz constantemente uma rosa no peito*) — Senhores: pouco expansivo por caracter, e por falta de saude, não agradeço com discursos... enfadonhos talvez, e para os quaes não estarei habilitado. Nascido em Inglaterra, embora de pai portuguez, não posso expressar-me... á altura da honra que acabo de receber. Direi, portanto unicamente que, depois de meu pai, artista portuguez, que me ensinou a ser tambem artista, ainda no caminho da minha vida aventurosa não encontrei, além do snr. D. José de Athouguia, com quem podesse repartir o sentimento mais nobre da alma, sentimento que protesto aqui n'uma unica palavra, que diz mais, creio eu, do que torneados *speechs:* esta palavra, senhores, é — *gratidão!*

TODOS — Muito bem! Bravo!

D. JOSÉ (*abraçando-o*) — Vossê é uma joia!

GUILHERME (*sorrindo*) — Que nome guarda para si?

D. JOSÉ (*apertando-lhe a mão*) — Enthusiasta! (*Afasta-se e vai com Luiz accender os charutos. Levantam-se todos da mesa, que os criados levam para dentro. Fumam em grupos. Richardson, Francisco e Christovam servem os charutos, luzes, etc. Depois sahem, para a seu tempo trazerem café e licôres*).

CASTRO (*dando o braço a Guilherme e descendo com elle*) — Pois effectivamente já tive o gosto de o admirar, e confesso-lhe que é o primeiro concertista que me produz verdadeiro effeito... de espanto! Creio que já terá lido isto mesmo no meu jornal?

GUILHERME — Sim, senhor: fez-m'o lêr o snr. D. José d'Athouguia. Muito lhe agradeço as lisonjeiras expressões com que me honrou. Mais uma prova da proverbial hospitalidade portugueza, e da illustrada urbanidade do seu jornalismo.

CASTRO — Quando tenciona dar-nos o prazer de o ouvirmos segunda vez?

GUILHERME — Creio que darei concerto no sabbado, em beneficio do hospital dos meus compatriotas.

CASTRO (*admirado*) — Já... beneficio! Penso que cura mais dos interesses alheios, do que dos seus. Ao fanatismo que nos causou, supponho que terá uma casa a regorgitar de espectadores!...

GUILHERME — Estimal-o-hei muito, senhor... Quando toco para os outros, toco melhor, se vejo muita gente na sala. Sou... *passavelmente* rico: tenho feito grandes interesses nas capitaes dos differentes paizes que percorri. Pouco necessito hoje, porque sinto a convicção de que morro brevemente.

CASTRO — Oh! não diga isso! Parece ter uma excellente disposição para viver!...

GUILHERME — Não, senhor; padeço do peito... dos pulmões, penso eu.

D. LUIZ (*que se lhe aproximou, e ouviu as ultimas palavras*) — Deixe-se d'isso, meu caro snr. Guilherme de Sá! Este paiz ha-de robustecel-o, verá.

GUILHERME (*sorrindo duvidoso*) — É possivel. Effectivamente passei melhor na Italia; e creio que isto aqui se lhe assemelha bastante.

D. LUIZ — E tem viajado muito?

GUILHERME — Sim, senhor: corri toda a Europa, e a America do Norte.

D. JOSÉ (*descendo*) — Ahi vem o snr. visconde!... Peço-lhes que, se entrar aqui, vamos fu-

mar para o jardim. É um antagonista acerrimo do tabaco.

D. LUIZ (*sorrindo*) — Compensação da antipathia que me inspiram as suas enormes pitadas.

## SCENA II

### Os mesmos, D. Alvaro e Angelica

TODOS (*indo-lhe ao encontro*) — Snr. visconde...

D. ALVARO (*trajo campestre, com certa elegancia. — N. B. Este personagem, embora encanecido, conserva-se sempre de cabeça elevada, e corpo estudadamente direito*) — Boas tardes, meus senhores, boas tardes.

D. JOSÉ (*beijando-lhe a fronte*) — Meu pai...

D. ALVARO — Adeus, José. Que demonio de jantar foi este, que tão cedo acabou, e que em tal socego os deixou ficar?

D. LUIZ (*approximando-se*) — Faltou-nos v. exc.ª para nos estimular o espirito.

D. ALVARO — Bravo! isso tresanda a palaciano. (*Vendo Guilherme*) Ah! e o nosso *Orpheu* que tal se portou? Acho que deve ser um triste commensal, a julgar pelos outros dias.

GUILHERME — A medicina obriga-me á sobriedade, snr. visconde.

D. ALVARO — Creio; mas asseguro-lhe que o acho melhor. Ha seis dias que nos deu o prazer de se installar aqui, e parece outro. Não é assim, José?

D. JOSÉ — Sim, senhor, meu pai.

D. ALVARO — Estes ares são mais *respiraveis*

do que os d'essas terras por onde andou, e por onde eu já viajei. (*Continúa a fallar baixo com elle*).

ANGELICA (*como continuando a conversação com Miguel Fernandes*) — Tomára já vêl-a! Vem na mesma disposição...?

MIGUEL FERNANDES — Moral e physicamente, sim, minha senhora. Sempre desfrutando uma saude de ferro, e alegrando tudo com a sua expansiva alegria.

ANGELICA — Fallou-lhe hoje?

MIGUEL FERNANDES — Não, minha senhora: quando procurei s. exc.ª já tinha sahido; porém, hontem á noite, disse-me que impreterivelmente viria hoje comprimentar v. exc.ª

ANGELICA — Em que hotel está?

MIGUEL FERNANDES — No hotel Central.

D. LUIZ (*que se aproximou*) — Tambem é uma das excentricidades d'aquella senhora; nunca se resolveu a ter casa em Lisboa!

MIGUEL FERNANDES — Já por vezes lhe tenho lembrado isso, mas responde-me que não quer, para se vêr obrigada, pelas faltas de commodidade de um hotel, a fugir para a provincia, aonde tem as suas propriedades.

D. LUIZ (*rindo*) — É originalissima a baroneza de Jatahysá! Perfeitamente de accordo com o titulo.

ANGELICA (*com leve accento de reprehensão*) — O que não impede que seja uma senhora virtuosa, de grande alma, e... *minha intima amiga!*

D LUIZ (*com galanteio*) — Seria impossivel que não tivesse as mais peregrinas qualidades, merecendo de v. exc.ª esse ultimo titulo.

ANGELICA (*descendo*) — Snr. Guilherme de Sá; olhe que já me trouxeram a *serenata* de Beethoven

para quatro mãos. Lembre-se que prometteu ensinar-m'a.

GUILHERME (*curvando-se*) — Aprendel-a-hemos ambos, *myladi*... (*emendando*) minha senhora.

ANGELICA (*rindo*) — Aprendel-a-hemos?... Tem graça o plural!...

GUILHERME — Permitta v. exc.ª que, alguma cousa competente, continue a qualifical-a como grande professora.

D. ALVARO — É de familia; porque (não sei se meu filho lhe diria já), ha muitos annos se observa na minha casta uma pronunciada vocação musical. Até eu, o mais mandrião de todos, toquei flauta nos meus tempos. Depois que ouvi o *Ribas* em Londres, e um visinho meu, moço de padeiro, despedacei a flauta em mil pedaços. Meu pai, de que apenas me lembro, dizem que tocava *contrabaixo* surprehendentemente. Minha mãi preadivinhou no cravo as grandes difficuldades modernas do piano. Meu irmão, que morreu durante a campanha da liberdade, era um grande professor de *violoncello*. Este (*o filho*) é muito regular no piano; e minha filha... tem-na ouvido. De fórma que a sua permanencia por aqui, n'esta atmosphera artistica, conto que lhe valerá para a saude, e para a inspiração. E já que fallei de atmosphera... (*Mais baixo para o filho*) Ó José, vê se me afastas d'aqui esses *canudos* de *nicotina*, com que ss. exc.ªs me tem quasi asphyxiado! Puh!... que detestavel cheiro é este do tabaco de fumo!... (*Para Guilherme*) Não fuma?

GUILHERME — Raras vezes.

D. ALVARO — Mais um titulo á minha consideração. (*Tirando uma enorme caixa de rapé*) Toma?

GUILHERME (*recuando com certo horror*) — Menos! Nunca!

D. ALVARO (*sorvendo com delicia uma pitada*) — Que *celebreira!*... Que singular artista! Que vicio tem então?

GUILHERME (*sorrindo*) — O de guardal-os para mim, e não os confessar.

D. ALVARO (*rindo*) — Ah!... ah!... Muito bem respondido! Nunca me lembrei de dizer isso, quando me perguntavam pelos meus... (*Rindo*) ah!... ah!... enormes, póde crêl-o. (*Richardson, Christovam, Francisco e mais criados, entram com o café, licôres, etc.*)

D. JOSÉ — Meus senhores, convido-os para tomar o café no jardim.

D. ALVARO — Vão, vão, afianço-lhes que está uma tarde encantadora.

ANGELICA (*para o pai*) — Quer uma chavena de café?

D. ALVARO — Quero, sim. (*Para Guilherme*) Ainda não jantei, mas o café serve-me por vezes de absintho. Note que é um dos meus vicios, o *moka*.

ANGELICA (*que tirou uma chavena a um dos criados, e depois de a temperar*) — Faz favor de vêr se está bom.

D. ALVARO (*sentando-se e provando o café duas ou trez vezes*) — Optimo! E... o resto?

ANGELICA (*para os criados*) — Sirvam *cognac* ao snr. visconde.

D. ALVARO (*para Guilherme*) — É tambem um dos meus vicios: bebo como um polaco!

RICHARDSON (*por detraz d'elle pondo-lhe na mesa uma garafa e um calix*) — Cognac, mylord.

D. ALVARO — Hein? mylord!... (*Voltando-se*

*e observando com a luneta o inglez*) Quem é esta cara nova, ó José?

D. José — É criado do snr. Guilherme de Sá.

Guilherme — Conhece-me de pequeno: é um amigo.

D. Alvaro — Mais uma razão para não me servir! E esta! (*Chamando*) Christovam!

Christovam (*descendo e perfilando-se*) — Meu general?

D. Alvaro — Has-de dizer ao patife do mordomo, que os criados dos meus hospedes são para ser servidos, e não para servir... Que *celebreira!* (*Para Richardson*) Iam very happy to see you in the service of such a master.

Richardson (*curvando-se muito*) — Ithank you, mylord.

D. Alvaro (*para Guilherme designando-lhe Christovam, que continúa muito perfilado*) — Olhe-me agora para esta reliquia, meu caro artista! Isto que aqui vê, têso como um pau, fez a campanha dos francezes, a da Hespanha, e a da liberdade! Hein? veja que bem conservado!... (*Para elle*) Chega-te cá, homem!

Christovam (*aproxima-se-lhe, muito perfilado, quadrado com a frente, e fazendo a continencia*) — General!...

D. Alvaro — Olhe-me para isto! Que *pinta*, hein?! (*Dando-lhe com a mão na curva da perna, como que para lh'a fazer vergar*) Hein? Viu? nem um ápice fóra da perpendicular! Isto é que é uma musculatura de ferro! Pois aqui aonde o vê, tem os seus... Quantos annos tens tu, Christovam?

Christovam — Mais tres que v. exc.ª, meu general.

D. Alvaro — É isso; cincoenta e...

CHRISTOVAM (*muito serio*) — Sessenta e tres, meu general, v. exc.ª já fez sessenta.

D. ALVARO (*rindo, um pouco contrariado*) — O maldito não me deixa rejuvenescer, nem que o fuzilem! Pois aonde o vê, este veterano, tambem é mais do que criado, é amigo, e companheiro dos perigos, das derrotas, das victorias, e... (*rindo maliciosamente*) eh!... eh!... e de certas aventuras!... hein? ó Christovam?

CHRISTOVAM (*com muita seriedade*) — Sim, senhor, meu general... eramos dous grandes *malacuecos*.

D. ALVARO — Hein?!... *malacuecos?!*

CHRISTOVAM — Sim, senhor: assim como quem diz — gatunos!

D. ALVARO — Gatunos!... (*Mais risonho que zangado*) Passa fóra d'aqui, Christovam! (*Para os outros*) É dedicado, honradissimo, valente, mas muito alarve! *Malacuecos!*... Ora! que *celebreira!* (*Para o soldado*) Meia volta á direita, volver! marche! (*Christovam executa e sahe*).

D. JOSÉ — Não vem, Guilherme?

GUILHERME — Se o snr. visconde permitte...

D. ALVARO — Vão, vão; o snr. Gonçalves tem a bondade de ficar: preciso fallar-lhe.

GONÇALVES (*com certa intenção*) — Tambem eu, snr. visconde.

D. ALVARO (*levantando-se*) — Sim? bem; identificámo-nos em precisões: conto com o bom resultado da conferencia.

D. LUIZ (*para Angelica offerecendo-lhe o braço*) — Dá-nos a honra da sua presença?

ANGELICA — Com todo o gosto: vou esperar a minha boa amiga; quero ser a primeira a abraçal-a.

D. LUIZ — A snr.ª baroneza de Jatahysá vem hoje?

Angelica — Conto com isso; afiançou-m'o o seu procurador. (*Todos se dispõem a sahir*).

D. Alvaro — Previno-os de que não sahem hoje d'aqui tão depressa! Espero mais alguem, e tenho projectada uma partidinha... de familia. Chegou-me hontem de França uma roleta nova, que é um primor artistico. (*Enche outro copo de cognac, que bebe de um trago*).

Miguel Fernandes (*baixo para Castro*) — É o tal joguinho de levar couro e cabello?

Castro — E o dinheiro, sim senhor. (*Sahem todos para o jardim, os criados acompanham*).

## SCENA III

D. Alvaro e Gonçalves

D. Alvaro (*sentando-se*) — Queira sentar-se, snr. Gonçalves.

Gonçalves (*sentando-se*) — Obedeço, snr. visconde.

D. Alvaro — Tem a palavra: disse que precisava fallar-me...

Gonçalves — Como v. exc.ª me tem recommendado por vezes... era para o prevenir de que se vence ámanhã aquella letrinha...

D. Alvaro — Ámanhã?!... Creio que ha engano...

Gonçalves — Peço perdão; mas não ha... penso eu. Com licença... (*Tirando a letra de uma carteira*) Justamente: dezesete de dezembro, a seis mezes...

D. Alvaro (*contando pelos dedos*) — Dezem-

bro, janeiro, fevereiro, março, abril e maio... É isso. Hoje são...?

GONÇALVES — Dezeseis de maio.

D. ALVARO — Sim, tal qual; dezeseis de maio. Como nunca ólho para o calendario... (*Estendendo a mão para a letra*) Dá licença?

GONÇALVES (*entregando-lh'a meio levantado*) — Pois não!

D. ALVARO — Isto de negocios... (*Pondo a luneta e depois de tomar uma pitada*) Eu tenho a maior confiança... (*Observando a letra*) Exacto; não ha a menor duvida... completamente em regra. Deve convir, snr. commendador, ém que estou muito bem conservado! Veja que admiravel calligraphia! Nem sequer me tremeu a mão ao assignar... esta ladroeira!

GONÇALVES — Adeus! ahi começa v. exc.ª com os seus... gracejos!...

D. ALVARO — Não vai a zangar, meu rico snr. Gonçalves; mas devemos confessar, que tres contos de reis para receber... Quanto foi? Já me não lembro quanto me deu por isto. (*Entrega-lhe a letra*).

GONÇALVES (*tomando-lh'a*) — O desabrimento com que v. exc.ª por vezes me trata, authorisa-me a... sim, a lembrar-lhe o risco dos meus negocios com v. exc.ª: deve saber que já completou sessenta annos...

D. ALVARO — Ah! estou ainda muito para viver: creio até que terei a honra de o acompanhar ao cemiterio, ao senhor. — Mas, fallemos sério: Porque não me segura a vida?

GONÇALVES — Já por mais de uma vez lhe disse, que o fizesse v. exc.ª mesmo, se queria que continuassemos com os nossos negocios...

D. ALVARO — Eu?! eu segurar a minha vi-

da?! Credo! era caso para a mim proprio me abrenunciar: Sahe-te, agouro! segure-m'a vossê, que para isso ganha commigo. (*Depois de despejar outro copo de cognac*) Quer cognac, snr. commendador?

GONÇALVES — Muito obrigado; já tomei.

D. ALVARO — Pois meu rico amigo do coração, tenho que lhe propôr um negocio, explicado por esta simplissima synthese: Preciso de dinheiro, e não posso pagar-lhe a letra ámanhã. (*Toma socegadamente outra pitada*).

GONÇALVES (*levantando-se*) — Excellente negocio!

D. ALVARO — Optimo! Ouça cá, homem de Deus! Vossê hoje está insupportavelmente espantadiço! T'arrenego!... Sente-se.

GONÇALVES (*sentando-se*) — Mas pondere v. exc.ª que tenho que fazer ámanhã uma transacção de seis contos e quinhentos mil reis!... Contava com estes tres...

D. ALVARO — Fez mal. Procure-os n'outra parte... Creio que não sou eu só a victima?

GONÇALVES — Mas, snr. visconde, uma letra... É a primeira vez que deixa de me satisfazer no prazo marcado!

D. ALVARO — Razão de mais para lhe não dar vintem ámanhã. Ora ouça. Como sabe, desde que, ha mais de vinte annos, cahi ná imbecilidade de garantir as dividas de meu defunto irmão, fiquei com a casa empenhada. O meu soldo de official-general reformado pouco é. Gosto de viver bem, que para isso nasci, creio eu. Ha dias em casa do marquez, tive uma perda consideravel á *roleta,* e á *banca franceza.* Paguei á criadagem; já lhe devia... penso que tres mezes. Mandei concertar a carruagem azul, que o bruto do cocheiro me despedaçou de encontro a um *frade de pedra;* e mui-

to penhorado fiquei com aquelle mariola por ter partido a cabeça, e não a minha. O *coupé* amarello tambem precisava não sei o quê, e lá se me foram com isso um par de libras. Morreu-me o *Adamastor*, excellente cavallo de *sella;* teve de ser substituido por um detestavel sendeiro que, ainda assim, não custou barato. Vem a pêllo participar-lhe que os cavallos estão carissimos! Ultimamente a eleição do meu José absorveu-me algumas centenas de mil reis. Em fim... este mez tem sido *uma rasa!* Já vê que é impossivel ámanhã...

Gonçalves — Mas dê-me licença para lhe dizer, que... todas essas despezas... em fim, vá; mas o jogo...! o jogo, snr. visconde...!

D. Alvaro — Então que quer o meu amiguinho? *Errare humanum est!* Sabe latim? (*Tomando outra pitada*).

Gonçalves (*desabridamente*) — Não senhor.

D. Alvaro — Pois bem, este axioma quer dizer: «Os homens são uns asnos!» (*Depois de tomar outro copo de cognac*). Ora, de mais a mais, meu filho trouxe-me para casa aquelle *Orpheu alambicado...*

Gonçalves (*não percebendo*) — Aquelle... quê?

D. Alvaro — Orpheu... Ah! sim; vossê não sabe latim, quanto mais de mythologia. Dizia eu que o José trouxe-me para casa o inglez... o musico, o rabequista; que, pelos modos, é rico, acostumado a passar bem, dado a fidalgarias por todo esse mundo por onde tem andado... Em fim, como se diz em phrase popular — não houve remedio senão *botar mais um pucaro* d'agua na panella... Já o amigo vê, repito...

Gonçalves — Mas, em conclusão: Como quer v. exc.ª saldar esta conta?

D. ALVARO — Não gosto de pedir nada aos ministros; mas o amigo é razoavel, obsequiador... A propriedade é notavel... Barão da *Cascalheira;* hein?!

GONÇALVES (*enthusiasmado*) — Confesso que é o meu fito ha cinco annos!

D. ALVARO (*batendo-lhe no hombro*) — Pois... conte com a cousa feita! Está barão!

GONÇALVES (*radiante*) — Oh! snr. visconde!...

D. ALVARO (*olhando para o F.*) — Silencio! Creio que elles ahi vem...

GONÇALVES — Eu retiro-me. Ámanhã...

D. ALVARO (*com ar muito compungido*) — Preciso muito de dinheiro!...

GONÇALVES (*comicamente resoluto*) — Tel-o-ha! Aqui está a sua letra, snr. visconde.

D. ALVARO (*recusando*) — Não, isso não! Ha viver e morrer!...

GONÇALVES — Não, snr. visconde!... Faz favor!... (*Entrega-lhe a letra quasi á força*) Até ámanhã, e... o dito, dito! (*Sahe*).

D. ALVARO (*depois d'elle sahir*) — «Lá no Terreiro do Paço», grandissimo estupido!... (*Rasgando a letra*) Ora...! ora o tolo!... (*Bebe outro copo de cognac*).

## SCENA IV

D. Alvaro, Angelica, D. Luiz, depois Rosa, Castro e Miguel Fernandes

Angelica (*muito alegre, com um cartão de visita na mão*). — Papá! uma surpreza!... (*Dá-lhe o bilhete*).

D. Alvaro (*tomando-o*) — Quem é? (*Lendo-o com a luneta*) Rosa, com uma corôa de baronato!... Ah! é a *Rósinha!*... (*Como comsigo*) Esta então é o contrario do outro!... (*Para a filha*) Aonde está ella?

Rosa (*que ouviu as ultimas palavras*) — Aqui, snr. D. Alvaro! (*Corre a elle e beija-lhe a mão*).

D. Alvaro (*fugindo com a mão*) — Então o que é isto?

Rosa (*um tanto commovida*) — Recordações do passado!... Tributo de affecto, e de respeito...

D. Alvaro — Aos cabellos brancos!... Pois seja: agora permitta-me tambem o tributo devido á belleza. (*Beija-lhe a mão com muita elegancia e seriedade*).

D. Luiz (*baixo para Castro*) — E ao dinheiro.

Angelica — Está mais bonita; não está, snr. visconde?

D. Alvaro (*conduzindo-a a um sophá*) — Formosissima a minha querida Rosa.

Rosa (*sentando-se e rindo*) — Não me fazem vaidosa, não! Estou velha! Vejam, que tenho já... uma duzia de cabellos brancos, pelo menos.

D. Alvaro (*sentando-se*) — Compensações da

humanidade! Eu creio que vou começando a ter uma duzia de cabellos pretos.

ROSA (*fitando-o*) — Oh! mas em que alegre disposição! Que robustez! Respira saude por todos os poros!

D. ALVARO — Ah! lá isso sim. Desde que a mim proprio me impuz a obrigação de parodiar o legendario Mathusalem, mandei passear o rheumatismo, e conto viver... um seculo pelo menos. Mas... saibamos: — De onde vem? Ha um anno que sahiu... pela vigesima vez, penso eu?

ROSA — Venho da Allemanha, por Paris.

ANGELICA — Disposta a descançar...

ROSA (*rindo*) — *Agora!* como se diz lá na nossa aldeia. Creio que me demorarei cinco ou seis mezes. Depende isto do que me confirmar o snr. Miguel Fernandes, a respeito dos meus negocios; que felizmente, me afiançou irem ás maravilhas.

MIGUEL FERNANDES — De certo: são pouco complicados os negocios de v. exc.ª; e além d'isto, continua a ser bafejada pela fortuna.

ROSA (*rindo*) — Como fui desde o berço, creio eu.

D. ALVARO — Sei que venceu a sua demanda na Bahia. Dou-lhe os parabens; supponho que é quasi uma fortuna?...

MIGUEL FERNANDES — Rendimento de trinta contos, pouco mais ou menos...

D. ALVARO — Eu então cada vez estou mais pobre! Que *celebreira!*

ROSA (*rindo*) — Continuação das compensações da humanidade, como v. exc.ª disse. No entretanto, creio que ainda ha um excellente dote para a nossa querida Angelica, se casar... cedo?

D. ALVARO — E' a unica virtude de que até agora me tem *accusado* a consciencia. Está intacto o dote d'esta senhora. E disse *accusado,* porque

tenho feito uma grande tolice. Pelos modos quer-me ficar para tia.

Rosa — Ainda não é tarde.

Angelica (*sorrindo*) — Hei-de casar no dia em que fôr madrinha do teu casamento.

Rosa — Ah! sim? N'esse caso, affirmo-te que se verifica a supposição do snr. D. Alvaro.

D. Luiz (*rindo*) — Enorme tyrannia a d'esse conluio!

D. Alvaro — Na verdade, é a primeira vez que vejo uma viuva rica, sem *chorar por um olho*, e *repenicar por outro*. Que abstenção... systematica, creio eu, é essa do casamento? Uma senhora só, perfeitamente só no mundo...!

Rosa — E o meu vicio de viajar? Se me casasse, poderia continuar a satisfazel-o?

D. Luiz — Que duvida? Qual seria o marido para quem os desejos de v. exc.ª não fossem ordens?

Rosa — Talvez; mas aborreço as condescendencias.

Angelica — E' incrivel que tantos annos a correr mundo, não tragam por fim o aborrecimento dos paquetes, e dos caminhos de ferro.

Rosa — Não trazem; e, se algum por vezes se experimenta, é muito inferior áquelle que se sente no centro de uma sociedade limitadissima, aonde todos se conhecem; aonde tudo se indaga, e aonde tudo se sabe. Eu, por exemplo, permanecendo aqui, vejo por vezes um certo sorriso, e uma certa *accentuação*, no pomposo tratamento de «baroneza»; tratamento que detesto, porque toda a gente, com poucas excepções, — *inveja*, é o termo. (*Rindo*) Desculpem-me a confissão altamente burgueza; mas necessito explicar esta *excentricidade*, como lhe chamam, das minhas repetidas viagens.

Lá fóra, entro, sáio, passo, torno a desapparecer; estudo, divirto-me, faço o bem que posso, e ninguem dá por mim. Aqui, se appareço n'um theatro, se tenho a sinceridade de aceitar convite para um baile, leio no dia seguinte o meu titulo *abrazileirado* no noticiario de um jornal; a côr do meu vestido, a fórma do meu penteado, o valor calculado dos meus diamantes, etc. Contrariam-me atrozmente estes senhores *almotaceis da elegancia,* que provocam, sem consciencia de que o fazem, a pergunta de toda a gente: — «Mas quem é a baroneza de Jatahysá?»

MIGUEL FERNANDES — Cuidado com essas accusações, minha senhora! Olhe que está aqui um dos delinquentes... (*apresentando-o*), o snr. Castro jornalista distinctissimo.

ROSA (*depois de uma ligeira inclinação de cabeça*) — Tenho muita honra em o conhecer, e desculpe-me estas palavras. Considerem-n'as embora como affectada modestia; mas asseguro-lhes que nunca aspirei á celebridade, e sempre aborreci vêr-me em lètra redonda.

CASTRO — No entretanto, minha senhora, isso que tanto a contraría, não é mais do que um justissimo tributo pago á sua individualidade especial. Todos sabem dos seus actos de caridade, do seu espirito brilhante, e da sua educação esmerada.

ROSA (*rindo*) — Educação esmerada, que começou aos vinte annos!...

CASTRO — Mais uma prova exuberante do seu prodigioso talento.

ROSA — Muito obrigada, senhor... mas permitta-me que o contradiga. (*Designando Angelica*) Aqui tem uma testemunha do quanto eu era refractaria á instrucção, no collegio, aonde fômos com-

panheiras. Em quanto ella lia, traduzia e compunha o inglez, o allemão, e não sei que mais, gaguejava eu o francez no *Telemaco*, e nas fabulas de *Lafontaine*. Em quanto ella, armada com o, para mim, insupportavel *crayon*, copiava com rara facilidade e exactidão, desenhos de authores conhecidos, eu rabiscava olhos e boccas, que pareciam... peixes. Em quanto ella executava brilhantemente as classicas *sonatas de Beethoven*, e as admiraveis peças de concerto do grande *Talberg*, agatanhava eu, muito contrariada, as teclas do meu piano, para fazer ouvir ao mestre desesperado algumas variações detestaveis do *Carnaval de Veneza*. (*Rindo*) Já vê que não tive, nem tenho talento, e que nada sei... além d'esse pouco que aprendi... lá por fóra.

D. ALVARO — Mas devemos convir em que, sempre só, ha-de ter occasiões, durante as suas viagens, que a falta de um protector lhe será muito sensivel. Eu tambem, viajando, notei por vezes as difficuldades em que se achavam algumas senhoras...

ROSA — Mas eu tenho esse protector nas minhas viagens; uma senhora... (*rindo*) que é um homem!

ANGELICA — A morgada dos Freixos continúa a ser a tua *dama de companhia?*

ROSA — Sempre! Renegou da sua terra ha muitos annos.

D. ALVARO (*rindo*) — Ah! não me lembrava já d'essa *façanhosa* dama! Desde a *convenção d'Evora-Monte* nunca mais a vi. Deve estar muito velha?

ROSA — Robusta, corajosa, e... realista, como sempre. E' a minha salvaguarda n'essas difficuldades de que v. exc.ª fallou. Como sabem ficou pobre

depois da queda do seu partido, e nunca mais me deixou, desde que nos encontrámos em Londres, aonde ella tinha ido beijar a mão ao infante proscripto.

## SCENA V

### Os mesmos, e Francisco

FRANCISCO — O mordomo pergunta se o snr. visconde quer que lhe sirvam o jantar.

D. ALVARO (*levantando-se*) — Vamos a elle! (*Para Rosa*) Não contava com tão agradavel companhia á minha mesa. Creio que nos dará o prazer...

ROSA (*levantando-se: todos a imitam*) — Um passeio no campo desenvolve-me sempre o appetite. Vinhà dispostissima a pedir-lhes de jantar, sem a menor ceremonia.

ANGELICA (*beijando-a*) — Que bella tarde vamos passar!

D. ALVARO (*para os mais*) — Os senhores, se quizerem aproveitar-se do meu bilhar, e distrahir-se até á noite... Mas previno-os de que ninguem sahe d'aqui sem provar a rotação da minha nova *roleta!* (*Para Rosa*) Saiba que meu filho foi eleito deputado pela nossa provincia. Celebrou hoje o caso com um jantar... de rapazes, a que não assisti para os não esfriar com a neve d'estes cabellos. — Francisco, conduza os senhores á sala do bilhar.

FRANCISCO (*para elles*) — Por aqui, meus se-

nhores. (*D. Luiz, Miguel Fernandes e Castro comprimentam e sahem com Francisco*).

ROSA (*muito alegre*) — Vou ter um jantar delicioso com as recordações do passado! Exijo que, pelo menos á sobremesa, o snr. D. Alvaro me trate... como d'antes. Creio que me sentirei rejuvenescer, se lhe ouvir, como ha vinte annos: (*Imitando-o delicadamente*) *Rósinha, dá-me vinho!*

D. ALVARO (*offerecendo-lhe o braço*) — Oh! snr.ª baroneza... *millionaria!*... Não me envergonhe com semelhante exigencia! Vamos! (*Vão para sahir*).

## SCENA VI

Os mesmos, D. José e Guilherme

D. ALVARO — Ah! ahi temos o José... (*Para elle*) Vê se a conheces!...

D. JOSÉ (*correndo a ella*) — A snr.ª baroneza de Jatahysá!... (*Apertam-se as mãos*).

ROSA — Nem um abraço? Julgava que as recordações da infancia me dariam direito a essa honra.

D. JOSÉ (*abraçando-a delicadamente*) — Sempre a mesma! franca e jovial! Creia que tinha saudades suas.

ROSA — Creio; julgo-o por mim. As affeições da idade juvenil... (*Vendo Guilherme e estremecendo*) Ah!!...

GUILHERME (*comsigo, recuando maravilhado*) — Rosa!!... (*Comprimenta-a profundamente*).

ROSA (*contendo a custo a commoção*) — Supponho que... parece-me que entre-conheço este senhor...

D. JOSÉ (*apresentando-o*) — O meu amigo Guilherme de Sá, artista eximio, amigo dedicado e nosso hospede.

ROSA (*com mal disfarçado espanto*) — Seu hospede?

D. JOSÉ — Fez-nos o favor de procurar os ares do campo, de que muito necessitava, em nossa companhia.

ROSA (*comsigo*) — Acaso ou providencia?!... (*Alto, ainda levemente perturbada*) Creio que já por diversas vezes tive o prazer de admirar o talento d'este senhor...

GUILHERME (*com certa intenção e alvoroço*) — E eu tambem creio, minha senhora, que a conheço... ha muitos annos!...

ROSA (*chegando-se-lhe*) — É possivel, porque... (*Rapidamente a meia voz*) Nem uma palavra!... supplico-lhe!... (*Alto e afastando-se com certa indifferença*) Sim, supponho que ha mezes em Berlim, e ultimamente em Paris, observaria que os meus insignificantissimos applausos...

GUILHERME (*com o olhar fixo n'ella*) — Parece que mesmo em outras capitaes tive a honra de ser escutado por... *madame* Rosa... Em Milão, em Florença, em S. Petersburgo, e... (*accentuando*) principalmente em Londres...

ROSA (*reassumindo o seu tom jovial*) — Sim, sim; em toda a parte!... Tenho sido uma viajante infatigavel! (*Comprimenta-o friamente com a cabeça e volta-se para Alvaro*) E o nosso jantar?

D. ALVARO — Espera-nos ancioso, e... quente, é provavel.

ROSA (*alegremente para D. José, apertando-lhe*

*a mão*) — Dou-lhe os parabens pela sua nova posição social; (*rindo*) mas quasi que a maldigo, porque a ella devo, segundo s. exc.ª me disse, não o ter ao pé de mim para me servir á mesa, como o anno passado. (*Friamente para Guilherme comprimentando-o*) Good by.

GUILHERME (*inclinando-se*) — Good by.

D. ALVARO (*ao ouvido do filho, que os acompanha*) — Ó José!... olha que está uma boa mulher... Apparece á sobremesa; hein?

D. JOSÉ (*sorrindo e como comsigo*) — Creio que irei tarde.

ANGELICA (*que observou, visivelmente inquieta, todos os movimentos dos dous, comsigo*) — Meu Deus!... o que será isto? Amar-se-hão?!

D. ALVARO (*sahindo*) — Vamos, snr.ª baroneza... (*Dá-lhe o braço*).

ROSA (*rindo*) — Elimine-me o titulo, aliás... não janto.

D. ALVARO — Então... vamos, Rosa!

ROSA (*rindo mais*) Ainda não!...

D. ALVARO — Pois... (*com a maior familiaridade*) anda, *Rósinha!*

ROSA (*ás gargalhadas*) — Agora sim, fidalgo!... (*Sahem*).

CAHE O PANO

# ACTO II

---

(Sala pequena e elegante, n'um hotel. Portas aos lados, com reposteiros: janellas ao F. com cortinas; entre ellas um fogão. Piano, sophás, jardineiras, poltronas, espelhos, etc. Sobre o fogão um quadro grande tapado com um pano).

## SCENA I

### Emilia, depois D. Bonifacia

EMILIA (*entrando, com uma porção de jornaes na mão*) — Snr.ª baroneza... (*Vendo a scena sem ninguem*) Naturalmente já sahiu. E a velha?... Vamos vêr... (*A uma das portas batendo levemente*) Snr.ª baroneza...

D. BONIFACIA (*vestida em roupas de manhã; muito encanecida, mas vigorosa*) — Quem é? Ah! é bossê, Emilia!... Que quer? (*Conserva a pronuncia minhôta, ainda que mais alguma cousa polida*).

EMILIA — A snr.ª baroneza?

D. BONIFACIA — *Bôa!...* Ha que horas que ella sahiu! Eram sete da manhã, penso eu.

EMILIA — São onze: ainda não voltou?

D. BONIFACIA — Ainda não. O que é que *bossê* lhe queria?

EMILIA — Primeiro, dar-lhe os jornaes; depois perguntar-lhe se queria almoçar.

D. BONIFACIA — Os jornaes dê-m'os; agora quanto ao almoço, em ella *bindo,* que o meu já cá está.

EMILIA — E sahiu a pé, a snr.ª baroneza?

D. BONIFACIA — Olhem o milagre! Pois não sabe que é o costume?

EMILIA — Nunca vi uma senhora tão *desabusada!* Nem parece baroneza!

D. BONIFACIA — Que espantos! Minha rica, aquella não é *alfacinha,* é lá das *bersas.*

EMILIA — Mas sempre é para espantar. Estou n'este hotel ha muitos annos, e nunca me lembro de vêr uma senhora tão... tão...

D. BONIFACIA — Tão... quê?

EMILIA — Tão exquisita.

D. BONIFACIA — Exquisita será *bossê!* Aquillo é uma santa! Sabe *bossê* aonde ella *bai* n'estas madrugadas?

EMILIA — Sem v. exc.ª m'o dizer, não sei, snr.ª morgada.

D. BONIFACIA — *Bai* dar esmolas. D'esses jornaes, que *bossê* ahi traz, copio eu todos os dias os nomes e moradas dos pobres *embergonhados,* que *botam* ahi os annuncios, e no dia seguinte...

EMILIA — Deveras? Mas que incommodo! Porque não manda ella...

D. BONIFACIA — Porquê?... porque esta sua terra é um *cobil* de *larapios!* Apesar de ser muito rica, é tambem poupada, a moça; e não está *bi-*

*rada* para que a roubem. Faz ella muito bem. «Quem quer *bai*, quem não quer manda», como se diz lá na minha terra.

ROSA (*dentro*) — Emilia! O meu almoço!

EMILIA — Ella ahi vem!... (*Indo á porta da entrada*) Estou aqui, snr.ª baroneza.

## SCENA II

As mesmas, e Rosa

ROSA (*vestida simplesmente, um véo muito denso, e uma enorme sacca de chagrin no braço*) — Dá-me de almoçar, Emilia: tenho uma fome desesperada!

EMILIA — Vem já, minha senhora. (*Sahe*).

ROSA — Bons dias, snr.ª morgada. Como passou a noite?

D. BONIFACIA — Bem, pela graça do Senhor.

ROSA (*estendendo-se n'um sophá, atirando a sacca para um lado, e o chapéo para outro*) — Uf! Estou cançadissima!

D. BONIFACIA — *Bem* de longe?

ROSA — Creio que sim... pelo que sinto. Fui a Santa Isabel, depois á *Boa-morte!*... Uf! é muito longe, com certeza.

D. BONIFACIA — E *beio* a pé?

ROSA — Fui e vim. Caridade de carruagem... espanta os soccorridos, e parece-me ostentação. (*Outro tom*) Trago-lhe uma surpreza... Veja ahi dentro da sacca. É um presente para si. (*Estendendo-se mais no sophá*) Uf! Nem me posso mexer!

D. BONIFACIA (*pegando na sacca*) — O que é?

ROSA (*tirando as luvas*) — Uma cousa que a morgada muito aprecia, com esse seu vicio de *lambareira*.

D. BONIFACIA — É dôce?... (*Tirando uns enormes pecegos*) Ai, que formosos são! Mas que pachorra a sua!... Aonde *mercou* isto, ó menina?

ROSA — A uma pobre pequena, que encontrei, e que parecia ter fome. Olhe que são maravilhosos! Fazem-me lembrar os da nossa aldeia.

D. BONIFACIA (*extasiada*) — Que perfeição!...

ROSA (*estendendo a mão*) — Dá-me um, morgada?

D. BONIFACIA — Não, que lá isso é que não dou! *Ágora!*... E o almoço?

ROSA — E eu roubo-lh'o! (*Levanta-se, tira-lhe um das mãos, e deixa-se cahir n'uma poltrona do outro lado, dando uma grande dentada no pecego*).

D. BONIFACIA — Olhem que *mafarrico* este! Fica-me sem *bontade* ao almoço!

ROSA — *Ágora* fico! Tenho disposição para quatro almoços! (*Continúa a devorar o pecego*).

D. BONIFACIA — E então? saibamos... Achou todos os pobresinhos da ultima relação que eu *escrebi?*

ROSA — Achei; mas se soubesse o que me aconteceu!...

D. BONIFACIA — Credo! que foi? Alguma cousa ruim?

ROSA — Não; (*rindo*) uma cousa altamente ridicula.

D. BONIFACIA — Então o que foi?

ROSA — Em primeiro lugar faz favor de vêr ahi por cima d'esses moveis... ou no fogão, talvez, — se acha a minha bolsa. Nem me posso mexer!

D. BONIFACIA (*procurando*) — Eu até tenho medo que essas caminhadas lhe façam mal! (*Vendo

*a bolsa sobre o fogão e pegando-lhe*) Ah! aqui está a bolsa. Mas o que foi isto? Querem *bêr* que me sahiu para a rua sem dinheiro!...

ROSA — Exactamente. Com a pressa... Tinham dado sete horas, e sahi sem me lembrar... (*Rindo*) Agora veja... (*Mostrando-lhe a mão direita*).

D. BONIFACIA — O que é?

ROSA — Veja se me falta alguma cousa.

D. BONIFACIA — Ai! que é do annel das esmeraldas, tão seu *faborito*? Roubaram-lh'o?

ROSA (*rindo muito*) — Vendi-o!...

D. BONIFACIA — *Bendeu-o?!...*

ROSA — Pois!... Para voltar ao hotel, éra tarde, e... incommodava-me, emfim! Quiz experimentar a novissima commoção de vender uma joia, por necessidade. Fui a um ourives, e... Mas o mais galante é que o homem vacillou no negocio. (*Rindo mais*) Pelos modos, receou que fosse roubado. Muito me ri!

D. BONIFACIA — Mal empregado!

ROSA — Não; excellentemente empregado! Imagine que ahi na bolsa creio que teria umas dez ou doze libras; o annel vendi-o por cento e dezoito mil reis: já vê...

D. BONIFACIA — E... foi-se tudo?

ROSA (*batendo alegremente no vestido*) — Nem cinco reis!... (*Rindo*) Estou uma perdularia! Só os pecegos me custaram mil e duzentos!

D. BONIFACIA — Mas... ó menina, ouça lá: — Não tem medo que a enganem n'essas esmolas, que dá a *torto e direito? Elle* ha cada *larapio* cá pelas cidades!... Quem sabe se algumas d'essas miserias, que ahi se põem nos *periodicos*...

ROSA — Não enganam, tenho a certeza. Pois para que sáio eu tão cedo? Além de estar a isso

habituada ha muitos annos, é tambem o meio de não me illudir na distribuição do meu dinheiro.

D. BONIFACIA — Não entendo...

ROSA — Sáio cedo, e cedo chego ás casas a que me dirijo. Pela manhã, acredite, — é que verdadeiramente se póde ajuizar das miserias que por ahi vão! Cozinhas sem fogo, crianças magras e amarellas tremendo de frio, sem cobertura, inteiriçadas n'uma enxerga de palha pôdre! Doentes, que apenas começam a dormitar, depois de uma noite de angustiosos soffrimentos, sem luz, sem remedios, sem um caldo, sem nada! Mulheres, que sahem tiritando de fome e de frio, para ir empenhar o unico lençol, quente ainda do corpo do marido, que se embriagou na vespera, até despender os ultimos reaes! Velhos alquebrados, que sahem a comprar dez reis de pão duro e negro, que nem os cães tocariam!... Acredite, minha amiga! a madrugada, com o seu brilhante arrebol, com os seus saudaveis aromas, com a sua poetica luz, é o encanto da vida, é a crença de Deus, é a esperança de mais um dia de felicidade para o rico! — Para o pobre...! ai, minha amiga! — para o pobre, para o miseravel, é a descrença, é o desespero, é a interrogação desoladôra: — « Aonde irei hoje buscar o pão para os meus filhos?! » — Então, a esmola ao raiar do dia, como que impregnada pelos aromas das flôres, responde tacitamente: — « Aqui tens! — Crê em Deus, author de todas estas maravilhas, que estás vendo, e que te ouviu a supplica, enviando-te a luz e o pão! »

D. BONIFACIA (*extasiada*) — Ai, menina! *Bóssê*, parece que está a lêr n'um *libro* de religião!...

ROSA (*sorrindo*) — Estou, sim; no grande livro da alma! (*Levantando-se, e no seu tom jovial*) Mas...

esta gente... penso que me quer deixar morrer de fome! (*Tocando freneticamente uma campainha*) Ah! que se fosse lá na aldeia!...

## SCENA III

As mesmas, Emilia, e um criado, trazendo uma pequena mesa com o almoço; diversos pratos cobertos, vinhos, etc.

EMILIA — Aqui está o seu almoço, snr.ª baroneza.

ROSA — Creio que não resistia mais cinco minutos! (*Senta-se á mesa, e começa a destapar os pratos com certa sofreguidão pueril*).

EMILIA — Procurou v. exc.ª uma pessoa... mas, como ainda não tinha almoçado, disse-lhe...

ROSA — Quem era?

EMILIA — Um homem muito velho, que parecia padre, e...

ROSA (*levantando-se rapidamente*) — E disse-lhe que eu não recebia?

EMILIA — Disse, sim, minha senhora. Elle sentou-se, e respondeu-me que esperava, ainda que fosse até á noite!

ROSA (*muito alvoroçada*) — Ai, o meu rico padre cura, que não póde ser outro!... Mande já e já entrar! (*Emilia sahe*).

D. BONIFACIA — O quê? será o padre João dos Anjos?

ROSA — Com certeza! Escrevi-lhe apenas cheguei... Além d'isto, diz-me o coração que é elle!

D. BONIFACIA — *Bamos* a ter noticias de Al-

girão. Estou morta por saber como *bai* esse pouco que por lá me ficou.

## SCENA IV

As mesmas, padre João e Emilia

EMILIA — Queira entrar.

PADRE JOÃO (*muito encanecido e tropego*) — Á hora da comida sempre o demo traz mais um!

ROSA (*correndo a elle, beijando-lhe a mão, e saltando-lhe ao pescoço*) — Ai, o meu rico padre João dos Anjos! (*Apertando-o muito, e beijando-o nas faces*) Que felicidade!!...

PADRE JOÃO — Olhai que me afogaes, filha! Isto já não está para tantas festas, que quasi que me vou a terra com taes apertos! (*Afastando-a de si, depois de a beijar na testa*) Perfeita môça, benza-te Deus!... (*Abençoando-a*) E te deite Elle a sua santissima benção, como em seu nome aqui te faço eu agora, *Rósinha!* (*Chorando*) É um grande prazer vêr a gente que o dinheiro não arranca a amizade dos corações bem formados, que nos estimaram na pobreza! Ora pois! Louvado seja o Senhor!

ROSA (*enxugando os olhos, e puxando-o dôcemente*) — Venha para aqui... snr. abbade... Já sei que está abbade! — Venha almoçar commigo... (*Para a criada*) Emilia, um talher.

EMILIA (*sahe, e torna pouco depois, para os servir á mesa. — O criado sahiu*).

PADRE JOÃO (*sentando-se*) — E olhai que bem preciso! Desembarquei do «Lusitania» ás dez ho-

ras da manhã, e nada comi desde o Porto, por via do demo do enjôo.

D. Bonifacia (*aproximando-se*) — Então o snr. padre João dos Anjos e Almas não se lembra já dos amigos *belhos?*

Padre João — Quem é? (*Reconhecendo-a*) Ai, a minha senhora e ama morgada dos Freixos!... (*Apertam-se as mãos*) Eu já sabia que v. exc.ª andava tambem lá por essas *europas* com a *Rósinha;* mas, se a topasse na rua, não n'a conhecia!

D. Bonifacia — Estamos *belhos,* estamos, padre João; mas mais *belho bai* estando aquelle, que todos desejamos!... Ai, padre João! se *bossamercê bisse* como está o snr. Infante!...

Padre João — Fallou-lhe, snr.ª morgada?

D. Bonifacia — Beijei-lhe a mão em Londres... Está tão acabado!...

Padre João — Desconto dos seus peccados, e dos nossos; que mui grandes foram elles n'aquella malfadada guerra!

Rosa (*que tem servido o padre, servindo-se a si, e comendo com sincera avidez*) — Deixem as tristezas! Não quero lamentos, que toldem a alegria de o vêr, meu querido padre cura! (*Pegando n'uma garrafa*) Gosta de vinho de Bordeaux?

Padre João — Oh! filha! eu sei lá se gósto!... Nunca provei d'isso... que me lembre.

Rosa (*enchendo-lhe o copo*) — Ha-de gostar; faz lembrar o nosso *verde.*

Padre João (*depois de beber*) — É bom, sim senhor! Boa *pinga!*

Rosa (*deitando-lhe de outra garrafa n'outro copo*) — E d'este *Madeira secco?*

Padre João — Esperai lá, moça, que isto já não está para grandes *africas!* Lá borracho é que eu me não quero ficar!

Rosa — Prove d'estes *filets*, ou d'estas costelletas *à la reine!*

Padre João (*risonho*) — Ai, filha! — que nomes *estramboticos* estaes para ahi a dar á comida! Botai, botai no prato, que se não gostar, não como.

Rosa (*depois de o servir e com a bocca muito cheia*) — Não esperava ter um almoço tão alegre!

Padre João (*comendo*) — E eu não o esperava tão bom! (*Designando o que tem no prato*) Ó *Rósinha*... perdôa a pergunta; isto é carne ou peixe?

Rosa (*rindo*) — São *filets* de peixe.

Padre João — Ninguem tal ha-de dizer!... (*Saboreando*) Bom *piteu*, sim senhor! (*Destapando alguns dos pratos*) Mas... vejamos... não haverá por aqui nenhum bocado de *salpicão*?

Rosa (*rindo*) — Não ha; mas logo ao jantar...

Padre João — Pois tambem já estou convidado para o jantar?

Rosa — Não sahe mais d'aqui, padre João. Estamos a 18 de maio; d'hoje a tres dias, completa vinte e um annos uma pessoa por quem muito me interesso. Tenho que entregar-lhe certos documentos, e em seguida... parto para a provincia! Já vê que o padre João ha-de acompanhar-me. Trouxe-me a certidão que lhe pedi?

Padre João — Eil-a; não podia esquecer-me, que ainda hoje me lembro com muitas saudades do meu pobre snr. visconde. (*Dá-lhe um papel*).

D. Bonifacia — É a certidão de baptismo do snr. *bisconde* d'Algirão?

Rosa — É: preciso d'ella, como sabe.

Padre João — Eu não sou dos mais curiosos; que de tal defeito não me accusa a consciencia; mas... não se me dava de saber...

Rosa — D'hoje a tres dias saberá... cousas extraordinarias! Por em quanto, almocemos.

PADRE JOÃO (*comendo*) — Não me admiro de que sejam extraordinarias cousas essas que virei a saber, porque ainda hoje, tudo que tem relação com aquelle illustre fidalgo, é confuso, mysterioso, e... Sabeis que mais de um em Algirão espera ainda pela volta do snr. visconde?

ROSA (*com tristeza*) — Pobre gente!

PADRE JOÃO—Pois é verdade: ha tal que tem a maior fé de que ha-de vêl-o voltar, junto com... (*Abaixando a voz*) com o principe... Elles, até certo ponto, teem razão: um desapparecimento assim!...

ROSA — Muitas vezes o ouvi contar a meus paes, que Deus haja...

PADRE JOÃO — *Amen!*

ROSA — Mas não me recordo bem... O padre João assistiu ás despedidas do meu padrinho: não? Lembra-se?...

PADRE JOÃO — Despedidas? Aquillo foi uma palavra: «*Adeus!*» Se lembro! No dia 29 de maio de 1834, no meio da refrega entre os nossos e os do Porto, appareceu um coronel do exercito liberal, com bandeira de parlamentario. Parou a guerra; uniram-se as duas divisões, e foram lidos em *ialta* voz os artigos da convenção *d'Evora-Monte,* que faziam depôr as armas ao exercito realista, e combinavam a sahida do chefe!... Parece que estou vendo a figura nobre e avantajada do snr. visconde! Pallido como um defunto, as lagrimas a bailarem-lhe nos olhos, tirou a espada; quebrou-a no arção da sella, e, arrancando as dragonas, arrojou-as aos pés do official parlamentario! Depois, soltando um *adeus!* em que parece que se lhe foi toda a *ialma,* cravou as esporas nos ilhaes do cavallo, e desappareceu, no meio de uma nuvem de pó! Eu, que assistia áquella scena commovedôra,

quiz seguil-o... mas a minha mulinha não podia correr parelhas com tão garboso cavalleiro. Fiquei-me para traz, e... até hoje, pobre visconde! Aquillo, ou o mataram pelas estradas, ou se afogou no rio Minho, ao passar para a Galliza; porque houve quem n'o visse para as bandas de Valença. Em fim... o caso é que muitos lá por Algirão o esperam ainda.

Rosa (*tristemente*) — Podem esperar, coitados!... (*No seu tom jovial*) E saibamos, padre João dos Anjos: Como vai toda essa gente de Algirão? A minha quinta e casa, bem?

Padre João — A *fazenda* vai bem, que tenho olhado por ella; o *quinteiro*, o pobre Manoel dos Moinhos, é que se foi, com umas malditas *terçãas!* Deus me perdôe de dizer malditas; que por sua vontade morreu o homem, como tudo no mundo! Mas olhai que tem sido por lá uma *rasa!* Ha *iannos*, desde que vossos paes se finaram, ataca de vez em quando a *terçãa*, e vão-se bastantes. (*Confidencialmente*) Eu penso que será pela poeirada das estradas novas, e pela quantidade de gente que por lá *ianda!* a cavar, a remexer as terras... eu sei!... Até houve a doença das vinhas!... Credo! *Ave-Maria!* que parece mesmo um castigo do céo! Ha foreiros, que tem *incapado* os *prasos*, por se acharem mesmo *atolitos* com tantas desgraças! Nunca se viu uma cousa assim! Pois... se acabaram com os conventos!...

Emilia (*que sahiu, entrando com dous cartões de visita n'uma salva de prata. Acompanha-a o criado antecedente*) — Snr.ª baroneza...

Rosa (*tomando os cartões e lendo-os*) — «D. José d'Athouguia». (*Vendo o outro*) «D. Angelica». (*Levantando-se da mesa*) Mande entrar.

Padre João (*levantando-se tambem*) — Ora gra-

ças a Deus, que almocei como um padre! (*Emilia e o criado levam a mesa*).

ROSA — Vai vêr mais conhecidos, padre João; e creio que ha-de ser-lhe agradavel a visita.

PADRE JOÃO — Visitas!... Ó filha! estou assim *a modos* de tão mal arranjado!...

ROSA — São intimos amigos, está perfeitamente. (*Dando os bilhetes a D. Bonifacia*) Veja, snr.ª morgada.

D. BONIFACIA (*depois de os lêr*) — Os filhos do D. *Albaro!*... Depois que os *bi* no theatro, ha cinco annos, nunca mais...

PADRE JOÃO — E eu ha perto de dezeseis annos!... Aposto que não me conhecem?

## SCENA V

Os mesmos, Angelica e D. José

D. JOSÉ (*entrando*) — As dividas pagam-se logo, quando são d'estas, snr.ª baroneza.

ROSA (*depois de lhe apertar a mão, e correndo para Angelica*) — Não contava com tal alegria! decididamente estou hoje felicissima! (*Beijando a amiga*).

ANGÊLICA (*correspondendo-lhe com muita frieza*) — Bons dias, Rosa.

ROSA — Que tens? Estás triste?

ANGELICA — Não; adoentada... ligeiramente. (*Vendo o padre*) Ah! o snr. padre João dos Anjos!... (*Indo a elle*) Como está? Ha quantos annos...

PADRE JOÃO — Muito me alegro por ser ainda

conhecido pela nossa fidalguinha; mas triste fico tambem por lhe vêr essa frieza!... (*Para D. José*) E o meu discipulo de latim como vai? (*As damas sentam-se*).

D. José (*apertando-lhe a mão*) — Lembrando-me com saudades das suas *reprimendas*, padre João, quando lhe não dava as lições direitas como o seu methodo. Acredite que tenho muito prazer em apertar-lhe a mão, e que vossa reverendissima será muito bem recebido em nossa casa, quando nos quizer honrar. (*Continúa a conversação com elle em voz baixa*).

D. Bonifacia (*comprimentando friamente Angelica, e como correspondendo á saudação d'ella*) — Andei comsigo no regaço, minha menina... Ninguem tal dirá! *nanja* por mim; por si, que está uma môça lindissima e *fera!*

Angelica (*sempre visivelmente preoccupada e triste*) — Oh! minha senhora!...

Rosa (*para ella admirada*) — Na verdade, conhecemo-nos desde pequenas, e nunca te vi tristeza assim estampada n'esse rosto, em que tão bem te vai o nome, Angelica!

Angelica (*custando-lhe a conter-se*) — É que, effectivamente... (*Levantando-se, conduzindo-a a um lado, e abaixando a voz*) Necessito desabafar...! fallar-te já, e só!

Rosa (*admirada, mas risonha*) — Meu Deus! que será isso!... Espera. (*Vindo aos outros personagens*) Snr.ª morgada, faz favor de ir mostrar ao snr. padre João e ao snr. D. José, as nossas curiosidades de viagem? Hão-de ficar maravilhados, afianço-lh'o! Tenho collecções de objectos d'arte, que, permittam-me a vaidade, lhes provarão o meu bom gosto de viajante.

D. Bonifacia (*levantando-se e rindo*) — Sim,

sim; confidencias de môças, é o que isso quer dizer.

Rosa — Serão, talvez.

D. José (*baixo para a irmã*) — Cuidado! Apesar do seu coração bem formado, tem motivos de sobra para ser orgulhosa.

Angelica (*quasi desabridamente*) — Deixa-me!

D. Bonifacia — Ora *bamos* lá *ber* os *bonifrates*... que boa somma de centos de *mal* reis alli estão empregados. *Benha*, padre João.

Padre João (*affectando seriedade*) — Mas olhe, snr.ª morgada, que me não seja cousa de *museu* isso que vamos vêr, e que não fique eu por lá agarrado para a collecção!

D. Bonifacia (*rindo*) — *Ágora!* Eu tambem por cá *iando* ás soltas. Não fazemos *minga* lá nas *esquisitices*. (*Sahem os tres*).

## SCENA VI

### Rosa e Angelica

Rosa (*correndo o reposteiro, e vindo á amiga*) — Vejo que tens alguma cousa importante para me dizer... (*Encarando-a, observando-a com os olhos fixos n'ella, com extraordinario olhar, recúa um pouco*) Mas o que é? Porque me olhas assim?!

Angelica (*pausadamente e depois de curto silencio*) — Rosa! amigas desde a infancia, companheiras inseparaveis na educação, hoje mulheres,

julgo-me plenamente no direito de te interrogar, e a ti... restrictamente obrigada a responder-me.

ROSA (*espantada*) — De certo! Mas que tom é esse?

ANGELICA — Aquelle que me inspira o melindroso objecto de que vamos tratar. Não sei fingir... (*Pausa*) Por tua causa estou soffrendo atrozmente!... Sabes que sempre fui orgulhosa!...

ROSA — Mas explica-te depressa! Que te disseram de mim?

ANGELICA — Nada: eu é que supponho... (*Rapidamente*) Saibamos, Rosa: — O que ha entre ti e o Guilherme de Sá?

ROSA (*surprehendida e depois de um estremecimento nervoso*) — Tu ámal-o?!

ANGELICA — Sou eu que te interrogo no gozo dos meus direitos... como tu mesma concordaste.

ROSA (*com crescente espanto*) — Concordei, mas... Tens-lhe amor, não é assim?

ANGELICA (*concentradamente*) — E tu tambem; não é verdade?

ROSA — Eu?!... (*Como comsigo*) Oh! vejo a Providencia!

ANGELICA — Que queres dizer?

ROSA (*anciosamente*) — Amam-se?!

ANGELICA — Pois bem, visto que persistes em que seja eu a interrogada, responder-te-hei — Não o amo, adoro-o!

ROSA (*erguendo os olhos ao céo*) — Louvado seja o Senhor! Que insondaveis decretos, meu Deus!

ANGELICA — Não te comprehendo as exclamações, e nem com ellas creio que respondas á minha simplissima interrogação: — Tambem o amas, tu?!

ROSA (*tristemente*) — Repara que me estás tra-

tando quasi desabridamente, e que... não t'o mereço.

ANGELICA (*exaltada*) — Mas tu, que és mais velha, que tens mais pratica do mundo, não sabes que ha um momento na vida da mulher, (mulher como eu, com esta alma!...) em que a amizade se cala, em que a dignidade verga, em que a propria virtude vacilla, sentindo-se, como agora, e pela primeira vez, aguilhoado pelo ciume, e calcado aos pés de outrem o orgulho de fidalga?! Pois tu não entendes isto, Rosa?!

ROSA (*mais socegada*) — Ve-o-te em tal estado de exaltação, que receio fallar como verdadeira amiga...

ANGELICA — Mas nem é isso que exijo de ti! exijo... (*Com mais força*) *Ordeno-te!* — que me digas quaes as tuas relações com esse homem; se o amas, se elle te ama, se és... sua amante, emfim!

ROSA (*altivamente*) — Amante?!... A tua reticencia exprime uma idéa indigna de ti, e de mim, que se não póde coadunar com o titulo de fidalga, tão accentuadamente atirado ha pouco ás faces da pobre plebêa!

ANGELICA — Essa quasi reprehensão (que energicamente repulso!) é a tacita resposta á minha pergunta!... Resposta... affirmativa, não é verdade?

ROSA — Não te respondo: reprehendo-te, disseste bem.

ANGELICA — Mas se não te admitto a reprehensão, Rosa!

ROSA — Nem eu a tua sobranceria... injustificavel!

ANGELICA — Escuta: — Em algumas conversações que tivemos, eu e elle, fallou-me de ti com

exaltação... Singular cousa esta!... quasi no mesmo momento em que dizia que me amava!...

Rosa — Disse-t'o?

Angelica — Por mais de uma vez. No entretanto, o teu nome anda-lhe sempre nos labios!... Na banda do seu *frak* ostenta-se constantemente uma rosa!... De rosas tem sempre cheias, dia e noite, as jarras do seu gabinete! Os quadros que mais aprecia, e que compra por preços fabulosos, são sempre copias de Salvador Rosa!... Se, por acaso, se assenta no banquinho do meu piano, machinalmente os dedos percorrem-lhe sobre o teclado, e sahe-lhe, como por instincto, a popular canção da opera Martha de *Flotow*, a canção *da Rosa!* Finalmente... excentricidade ingleza, talvez, mas... (*Com certo desespero*) Rosa!... Rosa!... em tudo, e sempre — Rosa! O que significa isto?!

Rosa — Pergunta-lh'o.

Angelica — Não! Embora mutuamente confessassemos um sentimento, que nos une na alma, não tive ainda sufficiente... desfaçatez para o interrogar sobre um segredo, no qual me parece antevêr o que quer que seja de menos digno para uma mulher pura, como eu!

Rosa (*altivamente*) — Que fallas tu de pureza, Angelica?! Continuam as insinuações indignas de nós ambas?!

Angelica (*meio convencida pelo tom d'ella*) — Mas... que sentimento impelliu esse homem a... não sei! — adorar-te, parece?! a seres para elle uma quasi religião!... um idolo, um...

Emilia (*com uma salva de prata, e n'ella um cartão de visita*) — Snr.ª baroneza...

Rosa (*pegando no bilhete e estremecendo*) — Mande entrar.

Angelica — Mais visitas!... E fica a nossa conferencia... (*Anciosamente*) Depressa!... um movimento de coragem, Rosa! Uma resposta concludente e franca: — Ha amor legitimo, ou illegitimo, n'estes factos?

Rosa (*dando-lhe o cartão*) — Creio que vaes ter a resposta.

Angelica (*lendo-o*) — «William de Sá!...» (*Agarrando-lhe as mãos*) Oh! peço-te que não te vingues, ridiculisando-me diante d'elle!... Perdôa!... Deixa-me sahir d'aqui!...

Rosa (*segurando-a*) — Não! has-de ter a expiação no remorso pungente d'esse juizo degradante que de ambos fizeste! — Quero que fiques!

Angelica (*deixa-se cahir n'um sophá*).

## SCENA VII

As mesmas e Guilherme

Guilherme (*á porta da entrada*) — Depois de tantos annos, minha senhora, posso, pela primeira vez, fallar-lhe a sós!

Angelica (*estupefacta e accentuando*) — *Pela primeira vez!?*

Guilherme (*descendo visivelmente alegre e vendo Angelica*) — Oh! aqui, minha senhora! Ainda bem!... Mas... creio que está incommodada?...

Angelica — Alguma cousa... (*Diligenciando sorrir*) Não é nada, passa, verá.

Rosa (*sentando-se e indicando-lhe uma cadeira*) — *Master William*... (*Sorrindo contrafeita*) Perdão; esquecia-me de que estamos em Portugal... Queira sentar-se.

GUILHERME (*sentando-se e depois de a olhar em silencio*) — Deixe-me... contemplal-a, minha senhora! Tem sido na minha vida uma especie de... de mytho, de fada, de ente sobrehumano, mas no qual tenho acreditado... como em Deus!

ROSA (*perturbada*) — Porém... vejamos, snr. Guilherme; rogo-lhe que não demore a explicação da sua vinda aqui.

GUILHERME — Porque, senhora? Tambem agora, na sua patria, a verei fugir, como na minha, como em todas as terras, aonde me apparecia qual meteoro de feliz annuncio, deixando-me a saudade, e atravessada na alma a sublime palavra — gratidão?! Oh! não, minha senhora! Previno-a de que d'esta vez, não me foge assim. Achei-a na terra de meu pai; tenho uma carta d'elle que diz respeito a v. exc.ª, e, por força, ou por vontade... ha-de ouvir-me!

ROSA (*sorrindo contrafeita*) — Não desejo outra cousa; mas... francamente, snr. Guilherme de Sá: a minha amiga acaba de me confessar o sentimento que os une: estas nossas relações... duvidosas, essas palavras ambiguas, podem... ou já conseguiram, despertar o inferno dos ciumes, e...

GUILHERME — Ciumes!... (*Sorrindo e estendendo a mão a Angelica*) E podem os anjos ter ciumes das santas?

ANGELICA (*perturbada*) — Snr. Guilherme...!

GUILHERME — Ouça, minha senhora: por singularissimo acaso, e com elle bastante folgo! — posso na sua presença dar expansão ao que me vai na alma, a respeito... de *Rosa!*... (*Para ella*) Perdôe a familiaridade; mas, ha tanto tempo santifiquei este adoravel nome, que até julgo uma profanação acrescentar-lhe qualquer titulo! (*Sorrindo*) O sympathico nome das flôres é muitas vezes

manchado pela technologia da sciencia. (*Mostrando a que traz no peito*) Esta, porém, é rosa, e rosa simplesmente lhe chamarei, como ao seu para mim tão estimado homónymo.

ANGELICA (*espantada*) — Mas... meu Deus! e todas essas phrases não me revelarão claramente o mais entranhado affecto?!

GUILHERME — O mais santo, sim, minha senhora.

ROSA (*comsigo suffocada*) — Exulta de gloria, alma! Cala-te de dôr, coração! (*Alto, affectando a maior jovialidade*) Vejo que o snr. Guilherme veio aqui para me envergonhar!... Ha tantos annos que lhe fujo, e...

GUILHERME — Ha-de ouvir-me. (*Depois de curta pausa, e fallando para Angelica*) Nasci na Inglaterra, como sabe. Da idade de seis annos, lembro-me, como de um sonho, que minha mãi Lady Alice Hordart, morreu abençoando-me; e meu pai, em seguida, cahiu gravemente doente. Professor da orchestra do theatro lyrico, foi soccorrido pelos collegas; mas a doença prolongava-se, e os recursos escasseavam. Uma noite, quando meu pai parecia estar prestes a ir unir-se com minha mãi lá no céo, vi entrar em casa uma senhora joven e formosa. Foi para a cabeceira do leito de meu pai, e nunca mais d'alli sahiu, em quanto os medicos não o declararam livre de perigo. Meu pai chamava Rosa áquella mulher!... Cresci e todas as noites, ajoelhado na minha pequena cama, aquelle homem melancolico que me deu o sêr, ensinava-me a orar... e, no meio das santas preces, ouvia-lhe sempre o nome de — Rosa! Completei 14 annos: parti para a Italia, munido de cartas de recommendação, e com uma porção de cartões como este, (*mostrando o do acto precedente*) que apresen-

tava mensalmente n'uma casa bancaria de Milão, e aonde em troca me davam uma quantia mais do que sufficiente, enorme, para as minhas aspirações. N'aquelles cartões, como v. exc.ª vê n'este, estava simplesmente escripto — Rosa.

ANGELICA (*observando-o*) — É o teu cartão de visita!

ROSA (*sorrindo*) — É. (*Para elle*) E... que mais?

GUILHERME — Pouco tenho a acrescentar. Depois de quatro annos de estudo, dei o meu primeiro concerto no theatro da *Scala*. Em um camaroto, proximo do palco, no meio do estrondear das palmas, e dos bravos da multidão, observei uma mulher, pallida de enthusiasmo, que me applaudia e limpava os formosos olhos arrasados de lagrimas! Fiquei como que fulminado de alegria! Essa mulher... era o anjo da guarda de meu pai moribundo, e por quem elle me ensinava a rezar! Era a protectora mysteriosa do pobre artista, que lhe devia o estudo, coroado pelos applausos das turbas! Finalmente, essa mulher era... Rosa! Sahi d'aquelle quasi delirio de gloria! Arranquei-me dos braços de collegas e professores, que me suffocavam nas expansões de verdadeiros artistas!... Fugi de todos! — Corri ao camarote...! o meu anjo tutelar havia desapparecido! Finalmente, depois de muitos annos, meu pai chamou-me para junto de si: sentia-se morrer, meu pobre pai! Uma doença pertinaz o arrebatou á vida, e quando cheguei a Londres, já elle não existia! Achei uma carta, que rogo a v. exc.ª se digne lêr. (*Tira uma carta que lhe entrega*).

ROSA (*commovida*) — Prefiro ouvir lêr. (*Passando-a a Angelica*).

ANGELICA (*tomando-a e lendo-a*) — «Meu filho:

Vou unir-me com tua mãi, que para isso viemos todos ao mundo. Rosa esteve aqui ha dias. Entreguei-lhe uns papeis que nos dizem respeito, a mim, e a ti. Quando completares vinte e um annos, emancipado pelas leis, vai a Portugal. Se não poderes absolutamente lá ir, por motivos da tua vida artista, descança, que no dia 20 de maio, seja qual fôr a terra aonde te achares, Rosa ha-de procurar-te, e entregar-te-ha o meu retrato, obra de tua santa mãi, e os documentos de que te fallo. Examina-os, e... faze o que te parecer; fico com a minha consciencia tranquilla perante Deus e os homens! Recebe a benção de teu pai, que muito te ama. — *A. de Sá.* »

ROSA (*sorrindo*) — O retrato está aqui. (*Indicando o quadro sobre o fogão*). Os documentos... d'hoje a tres dias, entregal-os-hei.

## SCENA VIII

Os mesmos, padre João, D. Bonifacia e D. José

D. JOSÉ — Já terminou essa importante conferencia?

ROSA (*levantando-se, e dispondo lugares para elles*) — Estimo que viessem: trata-se de confidencias e explicações, que, (*sorrindo*) em familia, póde dizer-se, todos devem ouvir. (*Senta-se novamente, depois de fazer sentar D. Bonifacia. Padre João, D. José e Guilherme conservam-se de pé*).

PADRE JOÃO (*baixo para D. Bonifacia*) — Ó snr.ª morgada, quem é aquelle moço tão perfeito?

D. Bonifacia — Creio que *bai* sabel-o *brebemente*.

Rosa (*para Angelica*) — Desejas com certeza conhecer os motivos que me levaram a praticar tudo quanto o snr. Guilherme de Sá acaba de nos contar?

Angelica (*perturbada*) — Eu nada desejo... Parece-me isto tão extraordinario!... Espanta-me, sobretudo, essa persistencia em fugir dos agradecimentos, a que tinhas inquestionavel direito!

Rosa (*sorrindo*) — Não tinha, não; no que fiz, paguei uma divida; nada mais.

Guilherme — Uma divida?!

Rosa — Sim; estes, mais do que o snr. Guilherme, vão comprehender-me. (*Para elles*) Dando ouvidos ás minhas tendencias de viajar, sahi de Portugal. Dirigi-me primeiro a Paris, e em seguida a Londres. Pouco depois de chegar áquella cidade immensa, fui ao theatro lyrico [1]. Cantava-se uma opera de Mercadante, o *Juramento*, se bem me lembro. N'um dos actos reparei que o mais profundo silencio denotava nas platéas a espera d'alguma cousa extraordinaria, que até quasi que lhes fazia suster a respiração. Os binoculos inclinavam-se para a orchestra, com certa avidez, e silenciosa persistencia. Depois de dous ou tres compassos, marcados pelo *chefe da orchestra* espalharam-se na sala uns sons plangentes, maviosos, excepcionaes, que enlevavam a alma, deleitando o ouvido! Era o *celebre solo de violoncello* da opera, que sahia de entre aquella multidão de musicos. Nunca ouvi nada assim!... Não era um *violoncello*; era... a arte em toda a sua perfeição, e

[1] Harmonia em surdina na orchestra, obrigada a violoncello.

esplendor! A harpa de David devia ter aquelles sons! Depois de alguns minutos, calou-se o suavissimo canto. A multidão ergueu-se compacta e, unisona, soltou um *hurrah!* ao professor eximio, ao artista inspirado!

GUILHERME (*enthusiasmado, commovido, e não se podendo conter*) — *All right!* Era meu pai!

ROSA (*continuando*) — A cabeça coroada de cabellos brancos, as barbas compridas e côr de neve, davam-lhe um aspecto respeitavel, venerando! Inclinou a fronte augusta perante os applausos do publico!... Pareceu que se espalharam pela atmosphera morna da sala, uns certos effluvios de aristocracia e infortunio, que obrigou todos a sentarem-se, como que arrependidos da *ovação theatral!* Assestei o binoculo para aquella figura veneranda!... Quasi que me senti desmaiar!... Reconheci... o meu bemfeitor, o meu padrinho, o meu segundo pai... (*Levantando-se e correndo ao quadro de sobre o fogão*) Eis a explicação, Angelica, de tudo que tenho feito por aquelle que amas! (*Descobre o quadro, e apparece o busto veneravel do visconde, como ella o descreveu*) Este... é seu pai [1]!

D. JOSÉ (*recuando*) — O tio D. Antonio!...

PADRE JOÃO (*quasi ajoelhado*) — O meu rico senhor e amo, visconde d'Algirão!

ANGELICA (*depois de curto silencio, indo a Rosa muito commovida*) — Rosa!... perdôa-me!... És uma santa! (*Vai para ajoelhar*) Perdôa-me!

ROSA (*erguendo-a e na maior commoção*) — Perdoar-te, se já soffres o remorso!... É teu primo, comprehendes? Não póde haver obstaculos ao teu casamento!

[1] Acaba a harmonia na orchestra.

ANGELICA (*correndo a Guilherme e agarrando-lhe as mãos*) — Que felicidade, Guilherme!

ROSA (*cahindo n'uma cadeira debulhada em lagrimas*) — Sim!... sim!... que felicidade!

D. JOSÉ (*que a observou attentamente, chegando-se-lhe*) — Porque chora, Rosa?

ROSA (*nervosamente, chorando, mas diligenciando rir*) — Eu?!... é... é d'alegria!...

D. JOSÉ (*pegando-lhe na mão, e a meia voz muito commovido*) — Não minta! Ha aqui um coração, que te comprehendeu, anjo!

QUADRO E CAHE O PANO

# ACTO III

(A mesma decoração do acto segundo.—E dia)

## SCENA I

Richardson e Christovam. (Richardson acompanha ao F. alguns criados, que transportam uma porção de malas; Christovam entra por um dos lados).

Richardson (*para os criados*) — Tomar *muita cuidade* com *male pequene; ter dentra* rabecas de *master William*... Oh! assim *estar* bom... *All rigth!* (*Descendo e vendo Christovam*) *Good by*, snr. *Christovau*.

Christovam — Então que diabo é isso? Temos mudança?

Richardson — *Mudance!*... (*Comprehendendo*) Oh! sim; ir *bore, yes*. Nos *levamos embore*.

CHRISTOVAM — Para aonde vão?

RICHARDSON — Nós *váu* por... *Central hotel.*

CHRISTOVAM — *Central hotel!...* Isso é alguma terra cá do reino?

RICHARDSON — Oh!... *reina! Mim* não *comprenda* que vossemecê *dize.*

CHRISTOVAM — Nem eu a vossê, *sô* lingua de trapos!

RICHARDSON — *Trapas!...* (*Sorrindo*) Oh! senhor *estar* sempre *zangada,* muito *zangada! Nó* estar nunca *risôto,* como seu amo, de *vossemecê.*

CHRISTOVAM — Cada um é como Deus o fez! Mas diga lá; porque é que se vão embora?

RICHARDSON (*não entendendo*) — Sim, senhor; já *dize* a vossemecê que *vá embore* nós *dós.*

CHRISTOVAM (*gritando*) — Já sei! Mas porque (*imitando-o*) vai *embore?*

RICHARDSON (*confidencialmente*) — *Master William* ter amor a *menine; menine ter* amor *master William;* snr. *visconda velha...* (*Arregaçando com o dedo indicador a palpebra inferior do olho direito*) *Comprenda* senhor? e vai *bóra.*

CHRISTOVAM — Ah! entendo: o general... (*fazendo o mesmo gesto*) deu pelo namoro, e...

RICHARDSON — Oh! *yes: dar por namora... Very well! Estar* assim como vossemecê *dize; yes: namora. Fidalgue velha nó trate* mais bem *master William; master William ficar zangada... tristoso* e... *vá bóra.*

CHRISTOVAM — Mas... se *catrapiscam* um com o outro, porque é que não tratam de se casar? O *mester Uile,* como vossê lhe chama, não é rico?

RICHARDSON (*não percebendo*) — *Rica?*

CHRISTOVAM — Sim; se não tem muito... (*gesto com os dedos*) d'isto? muito dinheiro?

RICHARDSON — Oh! *yes! muita dinheira! Ter*

de *rendimenta* em *banca* d'Inglaterra a London, mais de seis mil *libres*... de *rendimenta*: *entenda*, senhor?

CHRISTOVAM — Entendo... isto é, não entendo bem. Quantos contos de reis vem a ser isso de seis mil libras?

RICHARDSON — Oh! *mi náu* sabe *faze contas* de *contas*... *Estar muita dinheira*, senhor.

CHRISTOVAM (*que olhou para dentro*) — *Mude-se! mude-se*, que ahi vem o general.

RICHARDSON — *All rigth!* (*Sahe apressado*).

## SCENA II

Christovam e D. Alvaro

D. ALVARO (*mirando a scena com a luneta*) — Quem estava aqui?

CHRISTOVAM — O criado do snr. Guilherme.

D. ALVARO — Ah! do inglez?... E... elle vai-se embora?

CHRISTOVAM — Sim senhor, meu general. Pelos modos vai para *Central hotel*... que eu cá não sei que terra é.

D. ALVARO (*bondosamente*) — Não é terra, Christovam; é uma hospedaria.

CHRISTOVAM — Ah! não sabia, meu general.

D. ALVARO — Creio, creio; a intelligencia não é o teu forte, Christovam. (*Sentando-se*) Ora chega-te cá, homem; quero interrogar-te...

CHRISTOVAM (*chegando-se sempre perfilado*) — Prompto.

D. ALVARO — Antes d'hontem, quando eu pas-

seava no jardim, estavam n'esta sala minha filha, e o inglez; elle tocando rabeca, e ella acompanhando-o no piano. Reparei lá de longe que tu, por detraz d'aquelle reposteiro... como que escondido a espional-os... Que estavas tu alli a fazer, Christovam?

CHRISTOVAM — Saberá v. exc.ª, meu general, que eu estava... estava a ouvir.

D. ALVARO — Só?

CHRISTOVAM — Sim, senhor. Era assim a *modos* uma musica tão *télica*...

D. ALVARO — Tão... quê?

CHRISTOVAM — *Télica*... como *a* quem diz — tão... tão de tocar cá dentro!...

D. ALVARO — Ó Christovam, vê se consegues uma vez fallar de maneira que eu te entenda logo. Que *celebreira* de... *télica!* Ora vão lá comprehender-te, homem de Deus! Falla portuguez correntío, que para isso aqui nasceste.

CHRISTOVAM — Pois v. exc.ª tambem faz-me perguntas tanto de *arrelia*...

D. ALVARO — *Arrelia!?*... Bom, bom, vamos adiante. Estavas escondido alli a ouvir, porque te agradavam aquelles sons; *hein?*

CHRISTOVAM — Ah! que *maneres!* Olhe que sempre estava linda de *vez,* a tal musica!...

D. ALVARO — E... não viste nada, que te fizesse suppôr... Eu nem sei como te hei-de perguntar as cousas, Christovam! Viste... percebeste... *namoro?*

CHRISTOVAM — Lá isso percebi, sim senhor, meu general; quero dizer... o *gajo atira-se!*

D. ALVARO — Hein? o que? Que *celebreira* é essa?

CHRISTOVAM — *Atira-se,* sim senhor. O *parceiro da rabeca* fazia assim... (*Imitando grutescamente*

*o tocar da rabeca, e esgazeando os olhos como que para uma pessoa que estivesse sentada em plano inferior*) Era cada olho para a menina!...

D. ALVARO — Seria para a musica, Christovam...?

CHRISTOVAM — Não, senhor; elles não tinham lá o *papelito* dos *gatafunhos* na estante.

D. ALVARO — E... ella?

CHRISTOVAM — A menina tocava assim... (*A mesma imitação, referindo-se ao piano, e elevando comicamente os olhos para uma pessoa que lhe estivesse em plano superior*) Cada olhar tão maganão!...

D. ALVARO — E depois?

CHRISTOVAM — Depois acabaram de tocar, e *prantaram-se* a fallar... em latim, que eu cá não entendi uma palavra.

D. ALVARO — Havia de ser inglez, Christovam!

CHRISTOVAM — Ou isso, sim senhor; era inglez, era. Elles diziam muitas vezes — *iesse!* — A menina, principalmente, a cada passo respondia — *iesse!... iesse!...*

D. ALVARO — Ah! ella *respondia-lhe muitas vezes yes?*... Não gosto d'isso!... E depois?

CHRISTOVAM — Depois... o inglez agarrou-lhe nas mãos, e, assim *a modos* de quem toma a benção muitas vezes...

D. ALVARO — Beijou-lhe a mão?

CHRISTOVAM — *Ambas as duas,* meu general; e foi-se embora.

D. ALVARO (*levantando-se, e passando a outro lado*) — Ora muito bem. E... mais nada?

CHRISTOVAM — Depois... eu tambem me *esgueirei;* mas ainda ouvi a menina *a modos* de como quem está *maluco,* a fallar só, dizer assim:

(*Imitando-a*) «Ai, como eu t'amo!» — Eu não sei se aquillo tambem era inglez, e vinha a dizer que o queria para *amo*.

D. ALVARO (*que olhou para fóra*) — Sahe-te d'aqui, Christovam... Ella ahi vem.

CHRISTOVAM — Faça favor, meu general, de lhe não dizer que contei a v. exc.ª... Não quero cá historias com a fidalguinha, que tem um genio *damnado!*...

D. ALVARO — Sim, sim; vai-te embora! *Tres-meia-volta!*

CHRISTOVAM — Prompto! (*Faz meia volta á direita e sahe*).

D. ALVARO (*só*) — *O fogo ao pé da estopa!*... Sabe Deus o que eu fiz nos meus tempos!... Ora pois! Vamos a acabar com isto.

## SCENA III

D. Alvaro, Angelica e D. José

ANGELICA (*beijando-lhe a mão*) — Bons dias, meu pai. (*D. José beija-lhe a outra mão*).

D. ALVARO (*diligenciando mostrar severidade*) — Bons dias, estimo que apparecesse, porque tenho que lhe dizer... (*Para o filho*) Fica tambem aqui, José: necessitarei provavelmente da tua opinião. (*Vai sentar-se a um lado*).

D. JOSÉ (*baixo para a irmã*) — Lembra-te do que se combinou!... Nem uma palavra a respeito de...

ANGELICA (*baixo*) — Não me esqueço.

D. ALVARO (*sentado, e depois de ter tomado

*uma pitada)* — Sentem-se. (*Os dous obedecem*) Antes de accentuar por qualquer fórma a minha authoridade paternal, no assumpto melindroso de que vamos tratar, quero... *apraz-me,* é o termo, fallar-lhes como... amigo. Meus filhos, hoje emancipados por lei, já *trintaram* ha muito tempo, e por tanto podem ouvir... tudo que eu entenda que devo dizer-lhes. (*Depois de pausa*) Saberão que fui um grande *estroina* nos meus tempos... Terão decerto ouvido fallar na fama de... isto é, dos rapazes d'então era eu o que mais sacrificava nas aras do *Deus* de *Gnido,* como *arcadicamente* se dizia: mas o que devem saber, porque lh'o afianço eu, é que sempre aos meus devaneios amorosos presidiu, primeiro que tudo, a dignidade da minha familia, as conveniencias de posição social, e a boa fama do meu nome de fidalgo. Nunca desci as vistas ao nivel da plebe, nem as minhas mãos tocaram as das filhas do povo.

D. José (*perdido de riso, mas affectando a maior seriedade*) — Disse eu sempre isso, meu pai, quando o calumniavam lá por Algirão, pretendendo atirar-lhe com o labéo de *muito sympathico* ás filhas dos nossos rendeiros.

D. Alvaro (*um pouco desequilibrado do seu tom, e mirando o filho com a luneta*) — Ah! elles diziam... Falsidades!... calumnias; disseste bem, José.

D. José — Pois!... calumnias... *da canalha!*

D. Alvaro — Vamos adiante.

D. José (*mordendo os beiços*) — Sim, senhor; parece-me melhor.

D. Alvaro (*mirando-o com a luneta*) — Ó José!... Deus me perdôe; mas parece-me que estás com vontade de rir!...

D. José — Oh! meu pai!...

D. ALVARO — Bem; adiante (*Tornando ao tom severo*) Nunca pude suppôr que um coração aonde gire sangue *de gentil homem*, se obceque por inclinações indignas de si, e dos seus!

ANGELICA — Meu pai permitte-me que o interrompa?

D. ALVARO — Para quê?

ANGELICA — Para poupar — a v. exc.ª decepções desagradaveis; a mim, reprehensões immerecidas, e cuja inutilidade meu pai cedo conhecerá.

D. ALVARO — Custa-me a comprehender *inutilidade* nas minhas reprehensões, e não admitto a idéa...

D. JOSÉ (*atalhando*) — Peço perdão; creio que seria melhor deixar fallar minha irmã.

D. ALVARO — Mas... eu ainda não conclui!...

ANGELICA — E para que ha-de o snr. visconde perder palavras, muito naturaes, e de inquestionavel direito paterno, mas... *inuteis*, desculpe-me a insistencia. Meu pai acabou de nos recordar que estamos emancipados por lei: salvo o respeito que lhe devo, e nos limites em que me cumpre conservar-me, direi a v. exc.ª que amo o snr. Guilherme de Sá; que é o primeiro homem por quem tenho a convicção de que sou verdadeiramente amada, e com quem estou resolvida a casar... a despeito de todos os obstaculos.

D. ALVARO — A despeito de todos os obstaculos?!...

ANGELICA — De todos.

D. ALVARO — Mas a minha vontade não é só um obstaculo; é uma condição — *sine qua non!*

ANGELICA — Peço de novo perdão; reitero o meu respeito filial; mas n'este assumpto, de que depende a minha felicidade, julgo-me authorisada a consultar só a minha alma, e o meu coração.

D. ALVARO (*como assombrado*) — E esta! Que *celebreira!*... (*Para o filho*) Ó José, que dizes tu a isto?

D. JOSÉ — Digo que, em cousas do coração, só deve superintender o dono.

D. ALVARO — O dono... de que?

D. JOSÉ (*sempre com vontade de rir*) — Do coração.

D. ALVARO — Qual coração, nem meio coração! O coração é uma viscera, como outra qualquer, que nada tem que vêr com estas tolices! Eu posso lá consentir a entrada na minha familia... a um musico!

ANGELICA — De certo; mas um fidalgo...

D. ALVARO — Fidalgo?!

D. JOSÉ (*atalhando*) — Minha irmã falla naturalmente da fidalguia da arte, do talento, do genio! E com effeito, quando se chega a uma posição artistica d'aquella ordem... um nome conhecido, uma reputação européa...

D. ALVARO (*espantado*) — Mas o que é isto, senhores, o que é isto?! — Pois tu, José, defendes semelhante disparate?...

D. JOSÉ — Bem sabe, meu pai, as idéas do seculo... a igualdade das classes, o acabamento moral dos privilegios hereditarios... Emfim, para que andámos nós de armas na mão, dando o nosso sangue para a implantação d'essa formosa arvore da liberdade, senão para acabar com os preconceitos ruinosos, e refractarios ás luzes da civilisação?!

D. ALVARO — Isso é estylo e *palavrorio de artigo de fundo,* José! Olha que não estás nas côrtes, homem! Que *celebreira!* Estás aqui, diante de teu pai, representante de uma fidalguia sem mancha!...

D. JOSÉ — É verdade; mas com a maior gloria

mè ufano de fallar tambem, n'este caso, a um camarada generoso e valente, que, como eu, derramou o seu nobilissimo sangue, pelas modernas idéas!

D. ALVARO (*singelamente*) — Eu nunca fui ferido.

D. JOSÉ (*perdido de riso*) — Mas prompto a morrer até, como todos nós! Fallo a um convicto liberal, a um estrenuo propugnador das liberdades patrias!

D. ALVARO (*levantando-se irritado*) — Homem! que *celebreira!* Sou liberal, sou, sim; mas não sou... (*com certo asco, accentuando as syllabas*) *re...pu...blicano;* e esta! Declaro-lhes aqui muito formalmente, que, se vejo semelhante casamento... O meu dinheiro... o dote, que tantos annos e economias me levou a amontoar, passado ás mãos de um musico!...

ANGELICA — Não se afflija por isso, meu pai; tanto eu, como elle, dispensamos o dote; está já combinado.

D. ALVARO (*como sorrindo-lhe a idéa*) — Ah! lá isso... (*Cahindo n'um tom lacrimoso*) Mas... vem cá, minha Angelica!... Põe de parte essa affeição... *romanesca;* effeitos da rabeca, creio eu... (*Desabridamente*) Rabeca! instrumento de cego! (*Outro tom*) Não vês, não comprehendes todo o ridiculo, que o mundo lançará em um casamento assim?

ANGELICA — Ah! que se meu pai soubesse...

D. JOSÉ (*atalhando*) — Olhe, meu pai! eu, se fosse v. exc.ª, (e peço desculpa da comparação) deixava-os casar.

D. ALVARO — Pois que lhe hei-de eu fazer?... Já não ha freiras!... (*Choroso*) Mas asseguro-lhes que, no dia em que as portas da igreja se abrirem

para a celebração d'esse casamento, cerrar-se-hão sobre mim as do nosso tumulo de familia, para me encobrir da vergonha! (*Mais choroso*) Talvez mesmo que um suicidio... a bala de uma pistola, vá apagar n'este cerebro a memoria de tal vituperio!

FRANCISCO (*ao F.*) — Snr. visconde...

D. ALVARO (*n'uma rapida transição, reassumindo o seu tom aristocratico*) — O que é?

FRANCISCO — Visitas para v. exc.ª

D. ALVARO — Quem são?

FRANCISCO — A snr.ª Baroneza, o snr. Miguel Fernandes, e mais duas pessoas...

D. ALVARO — Não recebo ninguem; estou incommodado.

ANGELICA — Se v. exc.ª me permitte que eu receba...

D. ALVARO — Como quizer. — Francisco, vou para o meu quarto, e não fallo a ninguem; percebes? (*Para os filhos*) A ninguem! absolutamente a ninguem! Já me sinto cançado de tanto parvoejar! (*Depois de, os fulminar com um olhar de colera, quasi comico*) Rabeca! instrumento de cego! (*Sahe rapidamente*).

ANGELICA (*para Francisco*) — Mande entrar. (*O criado sahe*) Custou-me a conter a explicação!

D. JOSÉ — É que na verdade, receio alguma cousa de semelhante declaração á *queima-roupa*. Na sua idade... Consola-me a idéa de que, com aquelle genio, nem isto mesmo tomará seriamente, desde que não o espoliem da sua authoridade e administração.

## SCENA IV

Os mesmos, Rosa, D. Bonifacia, padre João e Miguel Fernandes

ROSA (*beijando a amiga*) — Eis os conjurados!

ANGELICA (*risonha*) — Bem vindos sejam, que muito necessito do seu auxilio. (*Todos se apertam as mãos*).

D. BONIFACIA — E então? o papá que diz?

ANGELICA — Oppõe-se; era certissimo.

MIGUEL FERNANDES — Nada lhe disse a respeito de...

D. JOSÉ — Absolutamente nada. Por meio da nossa combinação, é certo o exito. Elle proprio será o primeiro a applaudir o casamento.

PADRE JOÃO — Mas... que combinaram afinal? Sabeis que eu cá vim, e cá estou para vos abençoar, já que a quasi todos vos baptisei ha iannos; mas lá n'esses conluios é que me não quero metter.

D. JOSÉ — Combinou-se entregar a meu pai todos os documentos comprovativos dos direitos de meu primo á successão da casa; porém, nem uma palavra lhe dizer, e deixal-o a sós, com a sua consciencia, deliberar á vista d'elles.

MIGUEL FERNANDES — E o que ha-de ser ao tarde, seja ao cedo. (*Para Angelica*) Sua exc.ª está...

ANGELICA — No seu quarto, e deu ordens expressas para não fallar a ninguem.

MIGUEL FERNANDES — Menos aos criados, pro-

vavelmente... (*Vendo Christovam, que passa ao F. no jardim*) Ah! aqui vem o seu predilecto. (*Para elle*) Faz favor, senhor...

CHRISTOVAM (*vindo á scena*) — Quer alguma cousa?

MIGUEL FERNANDES (*tirando uns papeis da algibeira*) — Queira ter a bondade de entregar estes papeis ao snr. visconde.

CHRISTOVAM — Sim senhor.

MIGUEL FERNANDES — Faça favor de lhe dizer; que, quem lh'os envia, é o procurador do snr. Guilherme de Sá.

CHRISTOVAM — Prompto. (*Sahe*).

D. BONIFACIA — O arrebentar d'esta bomba ha-de ser de fugir!

D. JOSÉ — Nada receio: as disposições de meu primo são o mais pacificadoras do mundo.

PADRE JOÃO — E' dever; em todo o caso já se vê que o moço tem bons sentimentos. Ha-de fazer-lhe o mesmo que o snr. D. Alvaro fez ao pai, que Deus haja.

D. BONIFACIA — Lá isso é *berdade*.

## SCENA V

Os mesmos e Guilherme

GUILHERME — Meus senhores... (*Indo a Angelica e beijando-lhe a mão*) Minha querida prima... (*Depois de apertar as mãos a todos*) Rogava-lhes o favor de me deixarem um instante com a snr.ª baroneza.

ROSA (*admirada*) — Commigo!...

GUILHERME — Sim, minha senhora; tenho que dizer-lhe cousas de muita importancia... para a minha consciencia. (*Sorrindo para Angelica*) Juro-lhe, minha prima, que será a ultima vez, que terei segredos para si.

ROSA — Não comprehendo...

GUILHERME — São duas palavras, snr.ª baroneza.

ANGELICA (*para os mais*) — Vamos; seja o que fôr, tenho a convicção de que se tratará da nossa reciproca felicidade. — Venham vêr as minhas flôres. (*Baixo para o irmão*) Tens a certeza de que ella te prometteu...

D. JOSÉ (*sorrindo e a meia voz*) — Felizmente! Soffres ainda dos ciumes?

ANGELICA — Não. (*Pára os mais*) Vamos. (*Sahem para o jardim; e desapparecem para um lado*).

## SCENA VI

### Rosa e Guilherme

GUILHERME (*que os acompanhou, descendo a Rosa*) — Minha senhora, sejamos breves. Vou talvez arrostar um certo ridiculo na pergunta simplissima, que me atrevo a dirigir-lhe: mas, a minha consciencia, o meu caracter, direi até — o meu dever, obrigam-me a fallar-lhe com a maior franqueza. A senhora foi, e é ainda hoje, para a minha alma, o anjo tutelar, a quem tudo devo, desde a vida de meu pai em certa época, até á posição artistica que me elevou no mundo, e me fez rico.

ROSA (*sorrindo*) — Exagera: lembrar-lhe-hei,

sem affectação de modestia, que seu pai era meu padrinho e meu bemfeitor.

GUILHERME — Ouça, Rosa. — Enganal-hia indignamente se lhe não confessasse que amo minha prima. Foi o primeiro amor; e, n'um coração de artista, (vejo-o hoje!) não é fogo que se apague facilmente. No entretanto, se eu suppozesse que o meu casamento ia de alguma fórma molestar um coração de anjo, uma alma purissima, que me consagrasse profundo affecto...

ROSA (*meio perturbada, meio surprehendida*) — Que quer dizer, snr. Guilherme?

GUILHERME (*sorrindo*) — Não lhe disse eu que ia arrostar com um tal ou qual ridiculo? Creio que já me comprehendeu?...

ROSA (*admirada*) — Não!

GUILHERME — Se eu sonhasse... só sonhar! — que a minha união com outra mulher, lhe feria alguma cousa no intimo da sua alma!...

ROSA — Que diz, snr. Guilherme?!

GUILHERME (*tomando-lhe a mão e fixando-a bem de frente*) — Senhora!... diga-me, com os seus olhos fixos nos meus, que significação teriam aquellas lagrimas, que lhe banhavam as faces, na occasião em que se assentou definitivamente o meu casamento com minha prima?

ROSA (*perturbada*) — Lagrimas!...

GUILHERME — Sim, lagrimas... Olhe para mim, senhora; e seja franca, que lh'o supplico eu, pela alma de meu pai, do seu bemfeitor.

ROSA (*depois de curto silencio, e assumindo um tom de suprema dignidade*) — Comprehendo-lhe a delicadissima idéa, propria... de nós ambos!... (*Pausa*) Tenho quarenta annos, e o senhor vinte e um. Os pequenos serviços que lhe prestei; esses continuados protestos de gratidão com que o senhor me

enche de jubilo esta alma de mulher; o facto de eu nunca haver amado ninguem, tudo poderia ter influenciado no meu coração, incutindo-lhe (*accentuando*) *momentaneamente* outros sentimentos, que não fossem... os de uma boa mãi para seu filho. Podia ter sonhado... (*Accentuando*) *unicamente sonhado*... vêl-o meu marido...

GUILHERME — E' ordenal-o, senhora! Eis aonde eu queria chegar! Despedaçar-lhe o coração bemfazejo, não quero, nem devo! Embora eu padeça!... O respeitavel sentimento da amizade creia que nunca lh'o negarei... ainda que por elle tenha de suffocar o amor!

ROSA (*sorrindo*) — Estamos aqui a dizer absurdos, snr. Guilherme! Partindo mesmo do principio... de que eu tivesse pensado n'isso, sou bastante orgulhosa da minha obscuridade para que me resolva a soffrer os epigrammas do mundo, que veria n'uma união entre nós dous a especulação ridicula da mulher plebêa, nobilitando-se com um nome illustre, pesado a ouro. — Não, snr. Guilherme; acredite que hoje... repare bem! — hoje, ouvindo a voz da razão e da dignidade propria, assistirei com muito prazer ao seu casamento com essa menina, que muito estimo... quasi como irmã. De mais, compromettida a minha palavra, ha tres dias, com seu primo D. José, verei assim mais estreitados os laços que nos unem, e que me authorisam a chamar-lhe tambem... (*commovida e estendendo-lhe a mão tremula*) meu irmão!

GUILHERME (*apertando-lh'a*) — Cumpri um dever de consciencia n'esta interrogação, que muitos julgariam absurda, vaidosa e ridicula. Mas... sou assim feito. Sáio d'aqui contente commigo mesmo e... comsigo, minha adoravel amiga! (*Beija-lhe a mão e sóbe a scena*).

Rosa (*comsigo, ainda commovida*) — Que coração que eu perdi, Deus meu! (*Alto, no seu tom jovial*) Vamos ter com aquella gente, snr. Guilherme. Dê-me o seu braço.

Guilherme (*offerecendo-lh'o*) — Com o maior prazer. (*Vão a sahir*).

## SCENA VII

Os mesmos e Christovam

Christovam (*como que espantado*) — Ora esta!... esta!...

Rosa (*indo a elle*) — Entregou os papeis ao snr. visconde?

Christovam — Se entreguei!... Mas a senhora não fará favor de me dizer que *demo* de papeis eram aquelles?

Rosa — Ficou muito impressionado o snr. visconde?

Christovam (*não entendendo*) — Apressado? nada, não senhor: leu-os com todo o vagar, mas, a cada *papelito* d'aquelles, fazia-se verde, encarnado, amarello... eu sei! — vi-lhe geitos de lhe dar alguma cousa, e *pasmar de vez!* Depois *prantou-se* a passear no quarto, de lá para cá, e de cá para lá, e a *resmungar com os seus botões*... nem eu sei o quê! A final reparou que eu ainda alli estava; mandou-me á procura da farda do grande *uliforme,* o chapéo armado, a espada, tudo! — e começou a vestir-se, assim *a modos* de atrapalhado. Eu, vendo-lhe aquella farda tão antiga... (*rindo estupida-*

*mente*) é que está mesmo um *partasana!* Ora!... Elle não veste aquillo ha tantos annos!... Perguntei-lhe: — «Para que é isso, meu general?» — e elle respondeu-me assim: «Que te importa, estupido? Ora vai tambem tu vestir o teu grande *uliforme*, que has-de sahir commigo a cavallo, como ordenança!» De *modos* que cá vou envergar o *fardalhão*. (*Olhando para dentro*) Ui! que elle ahi vem! (*Sahe rapidamente*).

GUILHERME — Que idéas terá o visconde?

ROSA — Não sei... Não é conveniente arrostar-lhe os primeiros impetos! Venha! (*Dá-lhe o braço e sahem pelo F.*)

## SCENA VIII

D. Alvaro (com o seu uniforme de general, muito antigo, golla enorme, varias condecorações, etc., quasi grutesco, mas riquissimo. Vem pallido, traz na mão os documentos, chega ao meio da scena, pára, olha para todos os lados, e vai ao fundo, depois de tres ou quatro vezes tomar a respiração com estrondosos «hufs!»)

D. ALVARO — Elles lá estão... os meus successores!... E nenhum criado! (*Tocando freneticamente uma campainha*) Não póde ser! (*Passeando*) Isto é uma grandissima patifaria! No fim de vinte annos!... Nada! a cousa prescreveu, é claro! Uf! estou como uma *bicha!* (*Para Francisco que entrou*) Vá alli ao jardim, e diga ao snr. D.

José, e ao snr. Miguel Fernandes que cheguem aqui. Temos muito que conversar.

FRANCISCO — Sim, meu senhor. (*Sahe*).

D. ALVARO (*só*) — Quem me diria que ainda havia de fazer uso da minha nobilissima profissão!... nobilissima, sim; porém hoje... Ah! mas é que *ás sopas do inglez*... isso é que eu não fico! Volto para a *fileira*, não tem que vêr! (*Tropeçando na espada*) Os diabos te levem, que nem já me sei haver comtigo! (*Prende-a no gancho do talim*) E pesa, este diabo! Ora!... ora que *celebreira!*

## SCENA IX

D. Alvaro, D. José e Miguel Fernandes

D. ALVARO (*diligenciando mostrar-se muito sereno*) — Passassem muito bem... Sentemo-nos. (*Para o filho*) Ó José, manda fechar essas portas. (*Senta-se*).

D. JOSÉ (*vai fechal-as, e vem sentar-se tambem*).

D. ALVARO (*para Miguel Fernandes*) — Em primeiro lugar, terá a bondade de me dizer o snr. Miguel Fernandes; *primò*, porque motivo; *secundò* com que fim; *tertio*, porque meio obteve estes papeis, que se dignou enviar-me?

MIGUEL FERNANDES (*muito socegado*) — *Primò* porque tenho a honra de ser procurador do exc.^mo^ snr. Guilherme de Sá; *secundò* para que v. exc.^a^ os examinasse; *tertio*, porque me foram entregues pelo meu illustre constituinte.

D. ALVARO — Bem: (*pondo a luneta*) vamos

examinal-os outra vez... por sua ordem (*Tomando uma das folhas de papel*) Isto é...?

MIGUEL FERNANDES (*estendendo a mão*) — Se v. exc.ª dá licença...

D. ALVARO (*passando-lh'o*) — Pois não!

MIGUEL FERNANDES (*examinando-o*) — Isto é... a certidão de baptismo e filiação do snr. visconde D. Antonio, irmão de v. exc.ª, e pai do meu constituinte.

D. ALVARO — Pai... pai... isso é que nós agora vamos vêr...!

MIGUEL FERNANDES (*estendendo a mão para os papeis*) — Se v. exc.ª permitte...

D. ALVARO (*dando-lh'os*) — Ah! tome lá tudo; essa é boa!...

MIGUEL FERNANDES (*escolhendo outro papel*) — Esta é a certidão de casamento do dito snr. visconde d'Algirão, celebrado na igreja catholica de Londres em 1835.

D. ALVARO — Logo no fim de um anno de emigrado!... Teve pressa, o maganão! Mas... saibamos, snr... Fernandes: quem me garante a identidade de meu irmão D. Antonio?

MIGUEL FERNANDES — O testemunho de pessoas respeitaveis, e...

D. ALVARO — Isso de *respeitaveis*, meu rico senhor, é convencional.

MIGUEL FERNANDES — D'accordo; mas soube-se perfeitamente a historia de seu exc.^mo^ irmão. Embarcou em Vigo no dia 29 de maio de 1834, depois da *convenção d'Evora-Monte*. Foi para a Inglaterra, e apresentou-se ás authoridades consulares, protestando que não mais voltaria a Portugal, e que desejava até não ser conhecido. Casou, e enviuvou. Empregou-se na orchestra de um theatro lyrico, etc., etc. Por sua morte, as ditas authori-

dades tomaram conta do espolio, reconheceram a identidade de sua exc.ª, e... a legitimidade de seu filho, é claro. (*Mostrando os papeis*) Tudo aqui está, perfeitamente documentado...

D. ALVARO — Bem, bem; quero conceder que fosse meu irmão esse tal que... E o filho? a legitimidade do filho?

MIGUEL FERNANDES — Estava mostrando a v. exc.ª a certidão do casamento...

D. ALVARO — Bom; mas é inglez; *hein?* (*Para o filho*) Ó José, os filhos inglezes herdam cá?

D. JOSÉ — Pois não, meu pai! em toda a parte.

D. ALVARO (*mirando-o com a luneta, e batendo levemente com a ponta do pé impaciente*) — Ó José!... estou gostando de te vêr, e sobre tudo, de ouvir-te!... Que enorme coragem, José! É *pyramidal!*

D. JOSÉ — Meu pai comprehende facilmente, que um advogado... o costume de lidar com estas pequenas miserias da vida...

D. ALVARO — Ai, sim, meu filho; comprehendo, pois não! Que *celebreira* de genio! (*Para Fernandes*) Bem! Que conclusão tiramos de tudo isto?

MIGUEL FERNANDES (*muito serio sempre*) — Que o filho do exc.$^{mo}$ irmão de v. exc.ª é o directo senhor da casa dos exc.$^{mos}$ snrs. viscondes d'Algirão; que está disposto a reivindicar essa casa, e que todas as leis do reino, em quanto não forem abolidos os vinculos, protegem e auxiliam o meu constituinte.

D. ALVARO — Sim, senhor!... De fórma que, segundo essas leis, (que eu aliás quero examinar, previno-o:) pretendem... espoliar-me?

MIGUEL FERNANDES — Peço desculpa; mas não é espoliação, visto que ha... *um intruso,* na actual administração da casa.

D. ALVARO — Ah! eu sou... *intruso?*

Miguel Fernandes — Sim senhor.

D. Alvaro (*para o filho*) — Intruso, *hein?* Ó José... intruso!...

D. José (*muito serio*) — É o termo das leis, meu pai.

D. Alvaro — Ah! querem vêr que me sahes advogado do inglez; não?

D. José — Não, senhor; o negocio é tão claro, que nem são precisos os meus serviços.

D. Alvaro (*custando-lhe a conter-se*) — De fórma, que estou perfeitamente como o Christo entre dous... (*emendando a idéa*) entre *Scylla e Caribdes! De um lado me chove, de outro me venta!* Que *celebreira!*

D. José — Já vê, meu pai, que não era tão disparatado, nem indigno, como suppunha, o casamento de minha irmã.

D. Alvaro (*levantando-se*) — Indignissimo! Tocou rabeca! toca rabeca! e tocará rabeca toda a vida, verão! Pois meus senhores... (*os dous levantam-se*) o meu plano está feito, as minhas tencções formadas, e as minhas convicções de pé! (*Indo ao F., chamando ao mesmo tempo que toca freneticamente uma campainha*) Christovam! Christovam!... (*Em tom militar*) *Setenta e oito da quinta!* (*Descendo a elles*) Previno-os, porém, de que não dou posse de nada a pessoa alguma, porque sáio do paiz em dous ou tres dias.

Miguel Fernandes — Eu creio mesmo que não será necessario v. exc.ª incommodar-se a dar posse ao snr. visconde D. Guilherme, porque de facto e de direito, reconhecido como está s. exc.ª... (*Para D. José*) Não lhe parece, snr. doutor?

D. José — De certo; *linha directa e sobrevivente...* (*Para D. Alvaro*) E meu pai dignar-se-ha dizer-me para onde vai?

D. ALVARO (*impetuosamente*)—Vou... (*N'outro tom*) É segredo, snr... doutor.

## SCENA X

Os mesmos e Christovam

CHRISTOVAM (*com o seu antigo grande uniforme de cavallaria, esporas, enorme barretina, etc.; tão grutesco como o amo*)—Prompto, meu general! (*Faz-lhe a continencia; os dous ficam perdidos de riso*).

D. ALVARO (*mirando-o com a luneta*)—Ó Christovam!... estás muito exquisito, homem!

CHRISTOVAM (*perfilado e quasi enfurecido*)—Isso sei eu, meu general! A canalha da criadagem tem-me feito uma *assuada*, que até já arrombei o nariz a um!

D. ALVARO—Deixa-os, Christovam: são invejas do teu porte marcial.

CHRISTOVAM—Eu peço perdão, mas... parece-me que nós já não estamos para estes *arranjos!*

D. ALVARO—Cala a bocca, cala!

CHRISTOVAM—É que se vamos para a rua... os garotos correm-nos á pedrada!

D. ALVARO—O que é isto, Christovam!? Que *celebreira* de idéa é essa?!... Ora pois!... mais respeito! (*Descendo e tropeçando outra vez na espada*) Vai apparelhar o meu cavallo de batalha.

CHRISTOVAM—O que, meu general? (*Fazendo outra continencia*) Não percebi o que v. exc.ª me mandou fazer.

D. ALVARO (*com mais emphase*)—Vai apparelhar o meu cavallo de batalha.

CHRISTOVAM (*admirado*) — Quem? o *Carôxo?*

D. ALVARO (*impaciente*) — O *Carôxo!*... Sempre este maldito ha-de vir com palavras baixas e ridiculas!... Canhestro destruidor das idéas elevadas! Vai fazer o que te mando, Christovam!

CHRISTOVAM — Sim senhor, meu general; mas olhe que eu não respondo por elle.

D. ALVARO — Pelo meu cavallo de batalha?!... O meu cavallo da *Asseiceira*, de *Reguengos* e de *Almoster?!*

CHRISTOVAM — Foi tempo! O *Carôxo* nem já sahe da *cavalharice* ha que mezes! O *probe alimal* não póde com o *apparelho!*...

D. ALVARO — Um arabe legitimo!...

CHRISTOVAM — O meu general não se desengana que estamos muito velhos todos tres!...

D. ALVARO — Passa fóra com o plural, Christovam!

CHRISTOVAM — Sim senhor! O *Carôxo* já na *convenção d'Evora-Monte* não era lá muito criança... Olhe que o bruto não tem menos de vinte e sete a vinte e oito annos, meu general!

D. ALVARO — Ai, que sécca! (*Tom militar*) Meia volta á direita! volver! Marche! (*Christovam executa e sahe marchando*).

D. ALVARO (*abrindo as portas do F., e fallando para fóra*) — Tenham a bondade de entrar, meus senhores.

MIGUEL FERNANDES (*baixo para D. José*) — Mas para onde pretenderá elle emigrar tambem?

D. JOSÉ (*baixo*) — Veremos... Eu ia jurar que está zombando com tudo e com todos.

## SCENA XI

Os mesmos, D. Bonifacia, Angelica, Rosa, padre João e Guilherme

PADRE JOÃO (*vindo a D. Alvaro*) — Cá vem este velho criado beijar as mãos de v. exc.ª, snr. D. Alvaro.

D. ALVARO (*mirando-o com a luneta*) — Caminhamos para macrobios, hein? (*Vendo D. Bonifacia*) E a snr.ª morgada dos Freixos!... Desculpe, mas parece-me a *eternidade* de saias!

D. BONIFACIA (*seccamente*) — E *bossa* excellencia o pai Adão de farda.

D. ALVARO — Sim, senhor, sim; bem respondido. Sempre realista; não?

D. BONIFACIA — Está *bisto! Sou d'antes quebrar do que torcer!*

D. ALVARO — Faz bem. (*Outro tom*) Pois, meus senhores; chamei-os, para lhes fazer as minhas despedidas.

ANGELICA (*quasi assustada*) — Despedidas?!...

D. ALVARO — Certamente: Como sabem... (porque penso que são todos do conluio) surgiu-me aquelle mancebo... (*designando Guilherme*) meu sobrinho, seja! unico senhor directo da casa que até hoje foi minha. Portanto... sáio d'aqui.

ANGELICA (*assustada*) — E aonde vai?

D. ALVARO — Ajoelhar-me aos pés d'el-rei, e supplicar-lhe a mercê de um navio, que me conduza... ao Ambriz. Em seguida fallarei ao minis-

tro da guerra, e offerecer-lhe-hei os meus serviços á patria.

ANGELICA — Mas... para quê? — Ha guerra, meu pai?

D. ALVARO — Sim senhora; ha guerra... com os pretos, a quem vou exterminar com a minha espada d'Almoster, e de Reguengos!

ANGELICA (*agarrando-lhe as mãos*) — Mas isso é serio, meu pai?! Quer deixar seus filhos, agora que vão ser tão felizes! (*Sorrindo*) Olhe que apesar dos seus desabrimentos, temos-lhe muito amor!

D. ALVARO — É possivel; mas não estou disposto a soffrer o ridiculo de semelhante espoliação, nem as pragas dos credores de uma casa que não era minha.

GUILHERME — Porém, snr. visconde, não comprehendo o motivo de taes receios. Respeitando profundamente meu pai, não me resolveria de fórma alguma a desconsiderar meu tio. Se são estes papeis que tal receio incutem, peço licença para os inutilisar. (*Tira-os das mãos de Miguel Fernandes*) Os documentos que necessito para o nosso parentesco, são os seus braços e o nome de filho! (*Rasga os papeis e lança-os ao chão*).

D. ALVARO (*depois de silencio, observando com a luneta os papeis rasgados, chegando-se a Miguel Fernandes, e a meia voz*) — E agora, snr... procurador?

MIGUEL FERNANDES (*a meia voz muito serio*) — Tiram-se outros, se fôr mister. Eram *publicas fórmas;* os originaes estão no meu cartorio.

D. ALVARO — Ah! (*Comsigo*) Os diabos te levem! (*Alto, affectando muita solemnidade*) Senhores! — ha certos rasgos de abnegação, delicadeza e grandeza d'alma, que não só nobilitam o homem, mas tambem lhe são provas inquestionaveis da sua

nobreza hereditaria! Eu devia ter logo adivinhado que a involuntaria attracção e sympathia que me puxava para este moço, indicava o seu elevado nascimento! Aqui tem os meus braços... meu sobrinho.

GUILHERME (*abraçando-o respeitosamente*) — E... filho?

D. ALVARO — E filho.

ANGELICA — E não nos deixa, não, meu pai?

D. ALVARO — É inevitavel!... Necessito adquirir os meios de pagar as minhas dividas, dividas que contrahi para sustentar a dignidade, e o esplendor de minha casa.

MIGUEL FERNANDES (*baixo para D. José*) — E da sua *roleta*.

D. ALVARO — Aonde acharei, senão na minha honrosa profissão, os meios de satisfazer os meus deveres?

ANGELICA — Mas...

D. ALVARO — A não ser que... (*Depois de curta pausa, e como tomado por uma idéa nova*) Eu creio, senhores, que a nobreza do meu nome vale bem uma riqueza. (*Para Rosa*) Snr.ª baroneza de Jatahysá: eu, D. Alvaro Menezes d'Athouguia Campello e Sá, offereço-lhe a minha mão, e o meu nome.

ROSA (*depois de um imperceptivel sorriso*) — Superiorissima é a honra que se digna conceder-me, porém... não posso aceital-a, porque tenho a minha palavra compromettida...

D. ALVARO (*desapontado*) — Ah! e com quem?

ROSA (*faz-lhe uma profunda mesura e indica-lhe o filho com o gesto*).

D. ALVARO (*mirando o filho, que se inclina tambem, perdido de riso*) — O' José!... com que... Bravo!...

D. José (*chegando-se-lhe*) — Respeitei toda a minha vida os conselhos de meu pai, e d'elles me veio sempre felicidade. (*A meia voz*) V. exc.ª ha dias aconselhou-me a que «apparecesse á sobremesa»; e eu... *appareci á sobremesa*...

D. Alvaro — Sim senhor, sim; *entre a pêra e o queijo!*... (*Alto, para elles*) Com que temos dous casamentos... Seja! — Muitos parabens... (*comsigo*) e a mim tambem! A final fica-me tudo em casa, e não dou vintem aos credores!

## SCENA XII

Os mesmos e Christovam

Christovam (*comicamente taciturno*) — Meu general...

D. Alvaro — Ah! és tu?... Vai desapparelhar o meu cavallo de batalha.

Christovam (*tristemente*) — Ah! já está desapparelhado, meu general... (*quasi em lagrimas*) e bem desapparelhado!

D. Alvaro — O quê?

Christovam — Não disse eu a v. exc.ª que o brutinho estava muito velho, que não era já para danças? Pois saberá v. exc.ª que, quando lhe *botei* o *apparelho*, como ha muito tempo não sentia aquillo nos lombos, *escamou-se*, atirou uma parelha de couces ás estrellas, que se me pilha, racha-me!...

D. Alvaro (*enthusiasmado*) — Pois ahi está! — Um puro arabe! Vê lá como está velho, Christovam!...

CHRISTOVAM — Sim senhor; mas o peor é que, com aquella força que fez para esticar as pernas... (*choroso*) *esticou a canella!*

D. ALVARO — Morreu?!...

CHRISTOVAM (*limpando os olhos*) — Como um homem, sim senhor!

D. ALVARO — Foi-se a derradeira testemunha das minhas façanhas militares! (*Diligenciando desafivelar o talim da espada*) O' Christovam!... Ajuda-me tu a tirar tambem este apparelho, não vá succeder-me o mesmo, que ao meu cavallo de batalha! (*Christovam ajuda-o a desafivelar a espada e cahe o panno*).

FIM